

O MALHO

ANNO XXIX
NUM. 1437
29
MARÇO
1930

RIO DE JANEIRO
MEÇO
PARA
ODO
BRASIL
000

POLITICA NACIONAL



A G U A F R I A N A F E R V U R A



à hora da partida

—Adeus, meu
velho! O meu
unico consolo
é que levas na
maleta um
tubo de

CAFIASPIRINA

*Assim não soffrerás outra
dôr além da da minha
ausencia.*

NUNCA faça uma viagem sem levar
consigo um tubo de **Cafiaspirina**.
É a defeza maior contra as dôres de ca-
beça, dentes e ouvido, nevralgias, enxa-
quecas, mal estar causado pela fadiga e
pelo calor, consequencias de noites em
claro e excessos alcoolicos, etc.

**Allivia rapidamente,
levanta as forças e não
affecta o coração
nem os rins.**





O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director - Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA



Assinatura — Brasil: 1 anno, 48\$000; 6 mezes, 25\$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85\$000; 6 mezes, 45\$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez que forem tomadas e serão acceltas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor de 200\$000), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escritorio: 2-1027. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, 27, 8º andar, salas 86 e 87.

U M C A M I N H O D E R E I S

O local onde hoje se estende o canal do Mangue foi, outr'ora, o caminho do Rei e fidalgos que demandavam a Quinta de São Christovão. Tudo era mangue e um formidável ninho de mosquitos, um fôco pestilento que exhalava um máo cheiro insupportavel.

No tempo de D. João VI, cogitaram as autoridades de sanear o local, abrindo um canal navegavel que partia do Rocio Pequeno e ia até á ilha de João Damasceno, porém, a coisa ficou no projecto. A unica obra que na época beneficiou o logar foi um aterro na estrada e a construção de uma ponte que melhorasse a passagem de S. Magestade e seu sequito.

Muito tempo depois, em 1835, o decreto de 16 de Junho autorizou a municipalidade a proceder á demarcação do terreno partitioso para a construção do canal, que tinha por fim sanear a cidade nova, que, aos poucos, surgia para aquellas bandas; pelo mesmo decreto, ficava a municipalidade com o direito de aforamento dos terrenos margeantes a quem julgasse conveniente, contanto que assumisse a obrigação de dissecal-o, "e nelle edificar e receber o fôro que fosse justo estipular com attenção á natureza do mesmo terreno". (1)

A Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, mais tarde visconde de Sepetiba, deve-se a iniciativa do aterramento dos terrenos do mangue que communicavam a cidade nova ao bairro de Mataporcos. Um prazo de dois annos foi dado aos interessados para realizarem o aterro, sob pena de perderem o direito sobre os mesmos terrenos. Na proposta do visconde de Sepetiba havia ainda a condição da construção de "um canal paralelo á rua do Aterrado, communicando o mar até á praça 11 de Junho, tendo este canal um braço que se estenderia até ao edificio da Correção; arborizadas as margens, bordadas de casás da mesma perspectiva e havendo pontes rodantes para darem passagem a barcos, desde a ilha de João Damasceno até á praça 11 de Junho". (2)

Todas as tentativas falharam, as propostas para a construção do canal foram discutidas e postas á margem na poeira dos archivos...

Em Abril de 1835, o Dr. Roberto Jorge de Haddad Lobo voltou a abordar o assumpto, propoz a construção do canal e conseguiu que a Camara Municipal dirigisse representações ao governo, mostrando que a realização das obras era imprescindível e de grande vantagem para a salubridade da cidade.

Finalmente, depois de infructiferas tentativas, o ministro do imperio participou á municipalidade, na data de 26 de Novembro de 1835, que o barão de Mauá se compromettia a construir por administração 50 braças do descantado canal. Effectivamente, a 21 de Janeiro de 1857 foi lançada a primeira pedra do canal, com solemnidade; e a 6 de Março de 1858 foi lavrado o contracto com o barão de Mauá; e a 14 de Setembro de 1859, foi por lei, o governo autorizado a gastar a quantia de 310.000\$000. Iniciados os trabalhos, foram votadas novas verbas para o canteio e continuação das obras. O canal até bem pouco tempo ia até a ponte do Aterrado, hoje dos Marinheiros; toda a parte que vai da ponte até ao mar é completamente nova, contando pouco

menos de vinte annos; a zona que vai até ao caes do Porto era de interminaveis lamaças que o mar invadia nas horas do fluxo. A ilha de João Damasceno, depois dos Melões, ficava mais ou menos onde construíram o caes. Na parte do canal na praça Onze de Junho, existia uma bacia, e nos terrenos fronteirios pretendeu o engenheiro Ginty construir um mercado, chegando para isso a ser lavrado o contracto com a municipalidade, porém, a obra não se realizou, construindo-se no mesmo logar a Escola de São Sebastião, hoje Benjamin Constant.

As quatro pontes que outr'ora existiam sobre o canal eram verdadeiras obras de arte, e foram dirigidas pelo engenheiro Ginty. Eram elegantes e imponentes, sendo duas para vehiculos e duas para pedestres.

A 7 de Setembro de 1860, Ginty aproveitou a inauguração de um dos gazometros da fabrica de gaz, para franquear duas das pontes ao publico. Grande cerimonia houve nessa occasião. O barão de Mauá, acompanhado do engenheiro Ginty e de todos os operarios do canal, percorreu a zona construída e as pontes a inaugurar.

Moreira de Azevedo assim descreve a grande festa: "Dois guardas da fabrica, de uniforme verde, quatro trinchantes vestidos de branco, com facas e garfos, um carro puxado por vinte e quatro pretos com roupa branca, contendo dois bois inteiros, assados, quatro carneiros, tambem assados e trinta arrobas de batatas cozidas, quatro trinchantes com facas e garfos, dois guardas da fabrica, o presidente, o gerente, e o engenheiro, com suas mulhrees, e o engenheiro ajudante, os empregados superiores da companhia do gaz e da obra do canal, os inspectores, contra-mestres, superintendentes, apontadores e outros empregados da companhia do gaz e do canal, os apparelhadores do gaz e seus ajudantes, os ferreiros, caldeiros, pedreiros, carpinteiros, pintores, funileiros e os trabalhadores de todas as classes, incluindo os calceteiros, carroceiros, foguistas e outros da companhia do gaz, noventa e seis accendedores fardados, setenta e seis canteiros, cinquenta pafiteiros, carpinteiros, machinistas, ferreiros e noventa e quatro trabalhadores do canal oitenta escravos da companhia do gaz. Em frente ao gazometro, o prestito parou e, circumdando-o, abriu a baroneza de Mauá as valvulas que deviam escapar o gaz para o grande deposito, o que foi saudado com muitos vivas.

"Entrando de novo em marcha, seguiu o prestito para as trinta e duas mesas, collocadas em frente ao edificio da fabrica, sob uma coberta de arcos de folhas ornados de bandeiras; admetta cada mesa vinte e quatro pessoas, e junto de cada uma havia uma torneira que, quando aberta, deixava correr excellente cerveja de Bass ou Tenent. O prato-travessa era um carro com chapas de ferro de vinte palmos de comprimento e oito de largura sobre rodas de dezotto pollegadas de diametro. Foi uma festa grandiosa, lindas foram levantados pelo barão de Mauá, aos dirigentes e aos operarios de tão importante e pittoresca obra.

Na construção do canal (parte antiga) foram gastos 1.378.000\$000. Lastimavel é que tão bella obra esteja no nra's completo abandono, a lama atravanca o curso das rimas e empestia o ambiente, principalmente nos dias de grande calor...

ADALBERTO MATTOS

MODAS.



VESTIDOS DE RUA — Como vêem, não são compridos, não têm cauda nem pontas. São práticos por excelência. Um, guarnecido de recortes em diagonal e pregas de macho e botões verdes, verde mais escuro que o do crêpe de que é feito; o segundo, de "tweed" "belge" estampado de havana, saia em "godet" lucrados; e, o terceiro, de "tweed jersey" preto e amarelo, enfeitado de pregas e recortes precisos por pospostos.



VESTIDOS DE SPORT

"Ensemble", três peças, em jersey branco, para tennis. Jupe-oulotte abotoada dos lados e terminando sobre a blusa por uma ponta segura por duas écharpes enroladas, em crêpe verde e violeta, passando por uma "boutonnière" antes de dar o laço. Casaco curto, com grandes bolsos. Este "ensemble" pode, também, ser feito em linho, a saia e o casaco, e em cambrala, a blusa.



A ROUPA BRANCA

A lingerie que a moda exige não appareça sob os vestidos, mas-se agora, dizem-nos os últimos figurinos parisienses, em crêpe da China, "voile triple" ou "toile de sole", não mais multicôres, como ha bem pouco ainda, mas branca com rendas ou "tulle" "ocré". As camisas de noite assemelham-se a vestidos e têm quasi sempre um cinto do tecido de que são confeccionados. Os modelos das duas "parures" acima são: a da esquerda, composta de uma camisa de noite em crêpe da China branco com pala arredondada em renda crême imitação Veneza. Pequenos grupos de pregas verticaes presas até abaixo dos quadris, dão-lhe a linha actual. As costas são talhadas em forma e ligeiramente alongadas e têm um entremelo da mesma renda acima da bainha. A camisa de dia, também com preginhas e renda de Veneza, segue quanto possível o movimento da pala arredondada da camisa de noite. A calça é enfeitada de renda apenas dos lados. A "parure" da direita compõe-se de uma camisa de dormir em "toile de sole" branca com uma cercadura de "tulle ocre", fixada por um feston de ponto "bourdon" em linha "Brilliant d'Alger C. B. & la Croix". A amplitude é mantida por um grupo de pregas sobre cada hombro. As cavas das mangas são debruadas com vize. O peltinho, que é feito de tiras de "tulle" e "toile de sole" alternadas, fixa-se no feston da cercadura de "tulle", deixando-a livre. Na cintura, quatro alças, deixando passar o cinto.

A calça ligeiramente em forma, é guarnecida de "tulle" festonada, apenas dos lados.

A camizinha talhada em costação, só é festonada na frente.



Crêpe azul preto. A saia ajusta-se sobre os quadris, termina em um bordado godet, mais longo atrás e cruzado na frente.



Este costume tanto pôde ser executado em linho como em seda branca. A jaqueta cruza sobre a saia, que tem uma préga bem funda na frente. Cola écharpe com uma applicação laranja, amarello e vermelho.

Velhice
Rins Doentes
 Velho aos Trinta Anos!
Antigamente todos Viviam
Mais de Cem Annos!
Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Fêras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fôra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos órgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre**.

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

Vingança Oriental

FARANI: Para o teu espírito lembrar o que me contou, indignado, — faz annos, — o teu coração ce-rio, naquella noite alta em que os nossos cochimbos fumegaram. Com a derradeira fumaça aproximou-se de ti a verdade.
Ha tanto tempo...

Quando, Claudio, parado no angulo das ruas, olhou além e avistou Letícia a caminhar em sua direcção, não teve bastante domínio para virer completamente os olhos. Dirigia um pouco a vista á esquerda, porém, um motivo superior, todo intimo e incomprehensivel, o fez contemplar o anjo do passado que durante longo tempo, constituiu a esperança mais completa dos seus dias.

O andar, os modos daquella que se aproximava, falaram nos seus sentidos, revelando a placa da memoria o que se fora, aquelles bellos dias... Nunca momentos de ventura completa, porque o amor não é sereno e feliz. Dias longos de anseio, de esperanças insondaveis, de loucura! Não saber se era amado, e duvidar da boa impressão que desejava, por ventura, imprimir na consciencia de Letícia, — flor unica, — conforme idealizara o seu devaneio amoroso. Conheceu-a deusa, prostrando a mulher. Só a imaginação tola, armava relevos.

Agora, ella estava differente. O tempo tal-lha estragando as formas. E as formas tornavam certa adiposidade de velha na falda rude. A gordura agigantara-lhe o collo, e os braços tambem se avolumavam.

Ficaram quasi juntos. Viram-se. Nem mesmo os olhos foram significativos rumo cumprimento. Claudio, todavia, sentiu, de momentos, pesarem no seu coração estilhaços de amor pela mulher esquecida. Percebeu que o Ir-se embora de cinco annos não amortecera tudo.

Arrepios fizeram-lhe ver debaixo das clazas, a brasa morbida das Interrogações juguladas pelo seu caracter. Alinda a distancia que os separava, fizera-se grande. Ella enriquecera-se de futilidade e era poderosa. Elle, pobre, e obrigado a sustentar a familia enorme dos seus famintos ideais. Vivia no futuro como os grandes iniciados.

Para que rememorar?! Perdera-se o encanto da menina boa e justa. Aos poucos ella fizera vir vindo a Eva serpentiforme que, dentro de si, dormia esquecida no proprio inconsciente.

Naquelle encontro, o despeito do homem comprehendeu o manejo das Furias. E antegozou a mais completa satisfação, — a delicia intima de um mal que se annunciava. Presentiu a belleza a extinguir-se no semblante do objecto amado. Viu as facellicas correrem paralelas com a maldade



— Pois então! quando se limpam os dentes com Dentol, parece haver-se chupado um bom pirolito.

Concebido e preparado de conformidade com os trabalhos de Pasteur, o DENTOL, destróe todos os microbios nefastos á bocca; impede e cura infalivelmente a carie dos dentes, assim como as inflamações das gengivas e da garganta.

Ao cabo de poucos dias perdem os dentes o sarro e adquirem brilhante alvura.

Deixa na bocca uma sensação de frescura, bem como um paladar agradável e persistente. A sua acção antiseptica contra os microbios dura pelo menos 24 horas.

Uma bolinha de algodão em rama, embebida em DEOTOL puro, aplaca instantaneamente a mais violenta dor de dentes.

O DENTOL acha-se á venda em todas as boas pharmácias, assim como em qualquer casa que vende artigos de perfumarias.

Deposito geral: CASA FRÈRE, 19, Rue Jacob, Paris.

Approvado pelo D. G. S. P. em Maio — 1918, sob os Ns. 196-187-198

para a qual, aos vinte annos, a moça se arrojava decidida.

Com escarneo, o romantico atrazado avallou a espessa estatura, pesada e molle, que, não muy longe, iria encobrir-lhe o talão. O ricto da face de sua alma rematou-se, e, cheio de um contentamento funebre, A manelra de barbaço desforrando, prague-

jou, como se falasse aos destroços vindos, — quando a cubica se esquecesse dellas: — Envelhecerás, cheia de amarguras desgraçadamente virgem.

WANDERLEY LIMA

Praça de Charitas, 5 de Fevereiro — 1930.

INSCREVEI-VOS NA
CRUZADA PELA EDUCAÇÃO
ENSINANDO A LER E ESCREVER A TODOS QUE COMVOSCO VIVEM E TRABALHAM

OS CORREIOS DA REPUBLICA EM ANARCHIA

Um macaco em loja de louças — A ignorancia do Tribunal de Contas, e do Governo, de uma duplicata de Sub-Directores do Trafego.

Os Correios da Republica atravessam neste momento uma phase tal de anarchia, que se impõe á imprensa a necessidade de perscrutar as suas causas, apontando-as com franqueza ás altas autoridades do paiz.

E essas causas não são difficeis de ser encontradas. Foi na propria repartição que tem, ou devia ter, o controle geral do Sr. Severino Neiva, que encontrou *O Malho*, na palavra de varios funcionarios, o depoimento, longo e circumstanciado, que hoje inicia perante a opinião publica. Essa historia do descalabro dos serviços postaes, que já dissemos ser longa, emmaranhava-se em antecedentes remotos, aos quaes não esteve alheia a politicagem no governo passado.

UMA INTERINIDADE QUE SE PERPETUA

Os funcionarios postaes são os primeiros a perguntar por que se conserva ha tanto tempo, á frente da Sub-Directoria do Trafego, o chefe de secção Francisco Pereira Lessa. E recordam a sua promoção a essa interinidade que se perpetua, com prejuizo para o serviço e para o Thesouro.

O Sr. Mendes Tavares era candidato á cadeira de senador que o eleitorado lhe recusou para dal-a ao Sr. Irineu Machado. Antes do pleito preparou o Sr. Mendes Tavares, com a mesma desenvoltura com que agora se diz "liberal", a sua victoria... Pareceu-lhe necessario — não se sabe por que — afastar da Sub-Directoria do Trafego Postal o Dr. José Henrique Aderal, funcionario dedicado e competente, cuja administração continuava viva na saudade dos seus collegas. O Sub-Director effectivo do Trafego, a existir motivos para ser afastado do seu posto — e não existia — deveria ser substituído com criterio, por um outro funcionario conhecedor do serviço, de molde que a resolução não viesse a prejudicar os interesses collectivos e o renome da repartição. Mas não se pensou nisso. Pensou-se apenas em dar ao Sr. Mendes Tavares, porta-voz então do Cattete, o homem de que elle precisava. E a escolha recahiu, a principio, num funcionario dedicado e depois, com espanto

geral do pessoal dos Correios, no chefe de secção Francisco Pereira Lessa.

— Mas o Lessa não entende disso — diziam.

— Não precisa entender... — respondiam outros. E' ordem do Cattete...

O Sr. Lessa assumiu as suas novas funcções interinas. Desde os seus primeiros actos ficaram inteiramente confirmadas as previsões dos seus collegas, quanto á sua absoluta incompetencia para o cargo.

Appellidaram-no desde logo de "Macaco em loja de louças", conceito que se vem confirmando nas suas menores resoluções. O homem não entende mesmo nada do mecanismo administrativo que o governo lhe poz em mãos. Na Sub-Directoria ás suas ordens ninguém se entende. O regulamento postal é letra morta, mesmo quando se trata dos dinheiros publicos, desviados do Thesouro em proveito de particulares... O Sr. Lessa é literato. Não é um funcionario publico meticoloso, que se sente honrado com a jaqueta de alpaca que distingue os zelosos servidores da nação. E' escriptor publico... Escreve chironicas para os jornaes... E' um cavalheiro que vexa a mesa de trabalho do Dr. José Henrique Aderal com as suas boas roupas e pessimas letras.

E O TRIBUNAL DE CONTAS?

A interrogação é de um funcionario dos Correios. Onde está o venerando Tribunal de Contas? Por que verba pagam os Correios a dois Sub-Directores do Trafego, um effectivo e um interino? Ou ainda não terão tido os honrados ministros daquelle Tribunal notado a duplicata?...

De certo que não. E tambem o honrado Sr. presidente da Republica, Dr. Washington Luis, cuja administração tem se caracterizado por medidas da mais exemplar moralização funcional, ignora não só a incompetencia intellectual do Sr. Lessa, para o cargo que ora indubitavelmente occupa, como a sangria permanente no Thesouro que representa a sua perpetua interinidade.

EPILOGO

Ahi vae tudo! as cartas, o retrato,
teu lenço, tuas flores e, no meio,
vae toda a dor de um coração novato
que ensaiava o primeiro galanteio.

Ahi tens meu passado azul e ingrato,
ahi volve elle para de onde veio:
— reliquias de um amor quase insensato,
dentro da immunda enala do correio.

Vae teu retrato, e nelle deposito,
sobre teu labio descontente e mudo,
o ultimo beijo de meu labio afflictio...

Sim, tudo se destroca, até cuidados...
Porém, não chores se... depois de tudo
inda deixei os corações trocados...

Léo Fontes

O PHILOSOPHO

Eil-o que passa, em trajes de pobreza!
E' um grande sabio, um pensador fecundo!
Vae, talvez, estudando a natureza
Ou a origem dos homens sobre o mundo!

Tem o semblante cheio de belleza
E a luz do genio em seu olhar profundo!
Sorri para a innocencia e com tristeza
Perdôa a quem o julga um vagabundo!

E ao vel-o, assim, passar indifferente
Ao sonho poderoso da ambição
Que eternamente a humanidade engana,

Quedei scismando silenciosamente.
Para exclamar, depois, com emoção:
O' como é grande a pequenez humana!
Suzano, 1929

Horacio de Souza Coutinho

o malho

E o lazaro, feições deformadas, esmulado, espicaçado pelo desejo, olhava tristemente para o quintal do vizinho. Que via o misero e o desgraçado, ali, que lhe fazia assim vibrar todos os sentidos, se é que ainda os tinha? Que via ali o morpheico? Pobre e horrivel trapo humano, tambem elle, o renegado da vida, o pestilento, o homem que de ninguem se aproximava, tambem elle amava! Mas o seu amor não era o amor de candura ou innocencia, o amor daquelles que se amam mutuamente. Era o amor carnal, o amor-desejo, o amor-paroxismo. E um dia, quando mais forte era a sua cubiga, saltou o quintal do vizinho e...

SUA vida era mais amarga que a raiz da angelica. Vivía pelos cantos como um trapo humano, empestando o ambiente. A molestia que o assaltara quando a vida lhe sorria, no albor da infancia, ia, ligeiro, executando o seu trabalho destruidor.

As feições estavam por completo deformadas. As faces inchadas e arroxeadas como um fructo podre. Os olhos cinzentos e quasi fechados pela torgescencia das palpebras. As orelhas crescida, como duas azas abertas para um vôo sinistro. Um rebotalho da especie a arrastar-se pela vida. Dormia na rede suja, armada no velho alpendre. Comia numa gamella, onde não raro lhe fazia companhia um cachorro inescrupuloso. Os de casa, que o tinham por piedade immensa, fugiam de encontral-o.

Segregado em plena adolescencia, bestificado pela reclusão, o lazaro tinha apenas uma diversão que ainda lhe esboçava nos olhos tenue nuvem de prazer: rastejar-se pelo quintal comprido, até o cacimbão do fundo, que era serventia de seis a oito vizinhas.

Aspirando o ar mais ou menos puro, olhando as arvores verdeongas, banhando-se ao sol como um reptil nojento, o desgraçado esquecia por instantes o seu martyrio. E sorria. Um sorriso mixto de resignação e imbecilidade.

Punha-se, ás vezes, a espiar através



Maricota, descalça, no delicioso abandono caseiro, veio preparar o seu banho vespéral. Acercou-se do cacimbão...

a cerca de arame os meninos da vizinhança a brincar a manja e o cipó queimado. Tinha impectos de correr-lhes ao encontro. Mas a cerca o retinha enjaulado como uma fêra de circo.

Os garotos, aterrorizados, tinham-no como amaldiçoado. Algumas vezes, em resposta ás suas murmurações de enlevo pelos brinquedos em que se divertiam, jogavam-lhe insultos e pedras.

De uma feita, um, mais certo, lhe rachara a cabeça. Nesse dia o miseravel deixou que duas lagrimas apparecessem sobre a sua face polpuda

Quando a filha do vizinho vinha ao quintal, elle corria a espial-a. A principio ella se esquivava de encaral-o. Depois o olhou condoida. E finalmente aborrecida daquelles olhos pegajosos que de longe a seguiam como um casal de rafeiros dedicados, virava-se para o misero e, na sua graça de menina, fazia-lhe uma careta e dava-lhe as costas.

O animal sorria satisfeito.

Maricota era uma irrequieta garota. Cheia de viço e graça. No esplendor dos

quinze annos. Enlevo do pai, operário respeitado que enviuvara ha annos.

Morta a mulher, Manecão, cujo physico dobrado lhe augmentara o nome, dedicava todo affecto a Maricota.

No bem querer da menina consolava-se do soffrimento que a morte da mulher lhe trouxera.

— Não fosse a Maria e eu não trabalharia mais. Ficaria aguardando que

na areia. O lazaro sorria ironico de cima. E de um pulo, rapido, venceu o espaço que o separava da menina. Um grito agudo quebrou o silencio. Reagindo sobre si mesma Maricotta travou luta.

Em vão o infeliz tentava prostituir-lhe o rosto com o seu beijo peçonhento. Olhos injectados, as mãos carnudas forcejavam para aprisionar as niveas mãos. Havia agora na physionomia congestionadas do monstro o accento pavoroso dos animaes insaciados.



O lacrau abraçava ferozmente a flor delicada que emmurchecia aos poucos. E quando os seus beijos cahidos sugaram como um morcego os outros labios frescos e roseos, o corpo da menina tomou vencido.

E o bruto pagou-se da rudeza do combate.

QUANDO Manecão entrou em casa, Maricota não lhe correu ao encontro.

Estranhando a ausencia da caricia habitual, elle correu a casa toda. Passou ao quintal e já meio aturdido chamou-a. Ninguém respondeu.

Sentiu que a vista se escurecia como a tarde lá fora. Tocou-se para as bandadas do cacimbão, alfinetado por uma duvida pungente.

Perto do corpo de Maricota arrastava-se, offegante, o vizinho leproso. Com os olhos cegos, o operario adivinhou a tragedia. E, enquanto o lazaro fugia, coxeando e ensanguentado, Manecão atirou-se ao corpo da filha. Estava morta.

Perto havia uma foice enferrujada. Tomou-a de impulso e desandou em perseguição do criminoso. O miseravel se acocorara a um canto da cerca vizinha. Manecão a galgou de um salto e lá partil-o de golpes, quando o lazaro sorrindo, chegou-se a borda do cacim-

"Não sei se pertenço a essa maioria de imbecis e retrogradas creaturas, ou, se, conhecendo a verdade scientifica, me deixo vencer e suggestionar pela narração de factos, onde o sobrenatural avulta e a superstição impéra. Como quer que seja, a verdade é que eu sinto em mim essa qualidade psychica, a qual, quer se traduza por phenomenos da telepathia, quer por propriedades mediumnicas, me dotou de uma antevisão, na maioria dos casos, tão nitida e perfeita, como material e concreta.

"Mas, allucinação ou fantasia dos sentidos; obsecção doentia ou ignorancia crasso, o certo é que esse bem ou mal vem sendo o "pivot" em torno do qual gira a minha preocupação actual."

No proximo numero:

"UM AVISO POSTHUMO"

conto sensacional de

José Benedicto Cohen

autor de "Um desafio sinistro, com illustração de

V A L D O

bão, e nelle se atirou como um sapo gigante.

O operario tinindo de dor e raiva via aquelle corpo asqueroso afundar-se no poço, voltar á tona e desaparecer por fim. E petrificado, ficou-se a olhar os arabescos e circulos que caprichosamente se desenhavam na superficie assanhada da agua...

o Senhor me chamasse para a companhia da Sinhá.

ACABAVA-SE um dia bonito. A tarde gemia pela bocca escancarada dos sinos. O sol cochilava num canto de céu vermelho. Uma ou outra ave vagabunda sibilava nas golabeiras em flor.

Maricota, descalça, no delicioso abandono caseiro, veio preparar o seu banho vespéral. Acercou-se do cacimbão e nelle jogou o balde. Ia puxal-o quando, assustada, viu trepada ao muro, a pouca distancia, atraz, a figura nauseante do leproso. Nunca o vira tão de perto e por isso nunca o achara tão horripilante. Estatica, deixou escorregar entre as mãos pequenas a corda a que se atava o balde.

Quiz correr, mas os pés se grudaram

VERSOS COLABORAÇÃO



VOZ INTERIOR

No mundo a gloria é vã, é falsa a gloria.
Outro a ambicione, delirante, espere-a,
como se fosse uma aurea luz siderea,
que eternizasse a vida transitoria.

Que vale um nome andar, depois, na historia
para o espirito isento da materia?
— Um nome ha de perder-se, — graça etherea, —
do olvido pela noite merencoria.

Gloria, licor que a alguém que o experimente,
não raro, enche de egoismo, orgulho e engano,
embebedando, deliciosamente.

Gloria, ha de ser um esplendor preterito.
Sol que se apaga no destino humano.
Compensação ephemera do merito.

EM LOUVOR DO SOMNO

Se o espirito padece e o corpo inquieto e lasso,
exige a intervenção efficaz de um remedio,
— vamos pedir-o ao somno — e o somno bom, concede-o,
na esplendida maciez de seu doce regaço.

Ha no somno refugio e o allivio do cansaço.
Eu sempre o bendirei. E' por seu intermedio
que deslembro a tristeza e adormeço o meu tedio.
Somno, embriaguez divina em que me satisfio!

Descanso á diligencia e incerteza da vida.
Deliciosa quietude, extrema suavidade,
em que a alma se compraz de si mesma esquecida.

Doçura, languidez, que os sentidos invade.
Milagrosa attracção, genio que nos convida
a uma especie de encanto e de felicidade.

TUBERCULOSA

Era uma formosura. Conheci-a,
dantes, — de rosea tez, seio opulento,
— esbelta e cheia de contentamento,
moça loira, romantica e sadia.

Vi-a depois, de rosto macilento,
sem aquella belleza que possuia,
estatua viva da melancolia,
desalentada pelo soffrimento.

— Tuberculosa, andou, triste, esperando,
a tossir, a tossir, — cansada e rouca;
o final de um destino miserando.

Teve calma de santa e olhar de louca
e morreu, numa tarde, derramando
uma porção de sangue pela bocca.

CAVEIRA

Entro no cemiterio. Espio uma caveira:
lembra a morte, que em plano igual todos irmana,
inda mais — em si mesma encerra a verdadeira
e concreta expressão da invalidade humana.

Analyso, levemente, a alva caixa craneana,
dentro da qual, talvez, se conteve a cegueira
dos delirios triviaes com que um mortal se engana,
da primeira esperanza á illusão derradeira.

— Vem, homem presumido, aclara a idéa obscura;
eis a tua feição, aqui, transfigurada,
após desdém, soberba, inveja, odio, impostura.

Vem ver o teu retrato, ó creatura exaltada.
Espia uma caveira horrenda, que assegura
a mentira do mundo, a evidencia do nada.

EDINOR AVELINO

DUALIDADE

Ha dois seres em mim, distinctos, desiguaes:
Um que é creança e vê na vida linda festa,
Outro que a encara ancioso e horror lhe manifesta
Por já lhe haver soffrido os raios vendavaes.

E a creança feliz, que borboleta lesta
Agita-se na luz de sonhos sideraes,
Mas se o seu riso morre, acordam-se-me os ais,
Resurge-me o outro ser, já nada mais me resta

Senão o desalento, o desespero, o tédio
Para os quaes busco em vão confortador remedio,
Até que a alma de novo em risos se dilate.

E vão passando assim, pouco a pouco, os meus dias,
Entre as asas subteis de ingenuas alegrias
E, da dôr mais brutal o rispido acicate.

ELSA ROSALINO

(Bahia)

PROFISSÃO DE FÉ

Eu canto a mocidade energica e idealista,
Que faz da vida um sonho intensamente lindo,
Em demanda do ideal ledamente sorrindo,
Quasi sempre fugaz, mas nem sempre utopista.

Celebro o almo esplendor variadissimo e infindo
Da natureza-mãe, linda sempre e bem vista
E sou, qual todo poeta, ardente pantheista,
Pois sinto o olhar de Deus, entre as cousas fulgindo.

Exhorto com fervor, ás vezes, nos meus versos
A' triste multidão dos desgraçados párias,
A clamarem de dôr, no infortunio submersos.

Os meus cantares tem modalidades varias,
— Reflexos de minh'alma em atomos dispersos
Na livre orquestração das rimas tumultuarias

ARAÚJO SOBRINHO

EIS AQUI O LUX!

O PRODUCTO DE FAMA MUNDIAL PARA A
LAVAGEM DE TODAS AS ROUPAS FINAS



ESTAS FINAS ESCAMAS PRODUZEM UMA
ESPUMA MARAVILHOSA QUE LIMPA SEM
NECESSIDADE DE ESFREGAR!

Nos maiores centros de moda, em Paris, Londres e Nova York as senhoras só usam o Lux para a lavagem de suas lindas meias e vestidos de seda assim como da sua lingerie fina. A experiencia ensinou-lhes que, com o Lux, as roupas não correm o menor risco e conservam a apparencia de novas. Ao contrario do sabão vulgar e impuro, o Lux é fabricado sob a fôrma de escamas transluzentes e lustrosas. E os tecidos delicados, em vez de serem esfregados, e torcidos, são apenas mergulhados na solução de Lux, cuja espuma se encarrega de limpá-los sem a menor fricção.

Basta algumas colheres de Lux em uma bacia com agua quente para que o milagre se produza. As sedas readquirem a sua primitiva frescura, as meias mais finas não perdem nem a sua côr, nem o seu brilho. O Lux é o meio ideal de lavagem para os artigos muito finos que antigamente corriam o risco de se perderem pelos velhos metodos de lavagem. Não hesite—vá comprar o seu primeiro pacote agora.

DE USO FACIL
QUATRO PEQUENAS
OPERAÇÕES



1 Lançar em agua quente uma quantidade sufficiente de Lux para produzir uma espuma abundante.



2 Remexer a agua até que as escamas se dissolvam e então acrescentar agua fria para que a solução fique apenas tibia.



3 Espremer com cuidado as roupas entre os dedos (mas nunca ESFREGANDO).



4 Passar em agua limpa e morna... e a lavagem está concluida.

USE O
LUX PARA TODA A
ROUPA QUE UMA LAVAGEM
COMMUM ESTRAGARIA

Os Sete Dias da Política

Depois de muito esperada veio mesmo a revolução no sul... Apenas, ao contrariar dos desejos daquelles que não dispensam o sangue como adubo das idéas a propagar, tudo se operou ali de modo incruento. Os genios bons veloraram mais uma vez pelo Brasil, transformando, no alto, em ondas de saudavel bom senso, as grandes vagas de loucura que teriam de descer sobre a terra das pampas, devastando-a... Graças sejam dadas a Deus!

Depois, as nossas homenagens a Borges de Medeiros — instrumento dessa mutação, ou, para melhor dizer, especie de transformador de toda essa electricidade que ameaçava perder os gaúchos, essa energia serena, pacifica, tranqui-lizante, fecunda. Homem providencial, esse velho sociocrata indigena! Quando o equilibrio nacional ameaçava ainda agora romper-se pelos abalos da sua extremidade sul, surge elle, com o seu prestigio de mago conductor daquelle povo, controla-lhe os movimentos e o reintegra afinal no rythmo das actividades geraes!... E de que maneira intelligente o fez! Os gaúchos andavam exaltadissimos; queriam como derivativo dessa nervosidade um acontecimento, capaz de lhes sacudir os nervos... Só a revolução seria capaz de os satisfazer!

Bom psychologo o de Borges viu tudo, tudo observou lá de seu Irapuanzinho...

Quando julgou azado o momento, záz... atirou-lhes de lá a bomba da entrevista! O pessoal quasi cahiu para traz no primeiro movimento! Mas não puderam reclamar, uma vez que tinham na realidade pedido ao seu grande chefe, uma coisa forte, bem forte! Elle, apenas, na sua sabedoria se arrogara o direito de preferir a revolução branca dos sonhadores do seu genero, á encarnada — estylo russo. O lenço escarlate do camarada Luzardo, — pendão truncado de fé sanguinaria, — foi substituído sabiamente pelo crapo de linha pulchro que provavelmente trazia ao peito o casto adorador de Clotilde de Vaux... Os effeitos dessa troca foram para o, povo riograndense de um alcance admiravel: logrando descarregar as tempestades civicas que havia accumulado nalma, em virtude deste choque com as forças contrarias que o mestre movimento com maestria, conseguiu-se o desafogo dos espiritos sem danos para o povo gaúcho, ou aquelles com quem elle se queria bater... Antes assim!

... O essencial é triumphar, e não é pela virtude que se alcança o successo entre os homens, conduzidos pelas apparencias e as palavras enganadoras... O Sr. Antonio Carlos tinha certamente deante dos olhos esta lição de seu mestre em politica, quando iniciou o seu "trabalho" contra a candidatura Prestes. Dahi, o exito relativo que alcançou nalguns lances parciais da campanha perdida por fim. Machiavello foi, sem duvida, tudo que, até hoje, o genio mo-

derno produziu de grande na materia em que se especializou o florentino, auctor do "Il Principe". Mas, nem por isto se vá concluir que o sabio conselheiro de governantes e politicos não falhe nunca nos seus ensinamentos. A parte cynica da sua obra, como tudo que escapou á suprema lei moral da vida, é por certo muito fallivel. Ora, o o Presidente de Minas foi exactamente, de preferencia por modelo. Depois, havemos de convir em que nem toda a gente é Machiavel, ou seja o pensamento genial guiando o punho do mais elegante decerto e do mais profundo talvez e o mais elegante decerto dos dissecadores, da alma humana! O Sr. Antonio Carlos é apenas o Antonio Carlos, isto é, o conhecedor apenas das fraquezas de meia duzia de tólos que elle conseguiu explorar...

A arte de illudir é bem mais difficil do que se supõe. A mentira tem, além do mais, contra si o não poder ser exercida sem medida. Ora, o neto do Patriarcha nesta coisa não tem conta... A intriga, a seu turno requer um grande tacto, e o heróe da derróta liberal, apesar da sua fama, mostrou-se, neste particular, assás fraco tambem. Mentindo demais a nus, intrigando grosseiramente a outros, os resultados só poderiam ser os que ali estão: o vergonhoso desastre na lucta que sucitou, agravada a insuccesso eleitoral com as vociferações dos amigos que ludibriou mal contra a sua triste figura de mentor de campanhas pelo accesso ao poder!...

Os homens mentem, trahem, intrigam, illudem, como diz o philosopho e historiador italiano, mas não estimam. Sr. Antonio Carlos, que ninguem faça isto bom elles... De outra vez não esqueça o discipulo infeliz desta reflexão que, aliás, está em substancia no Codigo politico de seu mestre...

Não pode mais haver duvidas a respeito da adhesão do Sr. Getulio Vargas de novas directrizes dada ao Rio Grande pelo chefe do seu grande partido dominante. O candidato da Aliança está effectivamente resolvido a seguir, dora avante, o caminho que lhe aponta o seu antigo chefe. Não devem ter, portanto, ansias maiores os que aguardam o seu annuncio manifesto, nem tão pouco aquelles que esperam o desmentido do mesmo, no tocante á concordancia com o ponto de vista do Dr. Borges. A consulta que, segundo se diz vem de ser feita aos municipios não altera em nada as disposições de animo pacifico que o Presidente gaúcho mantém deante da consciencia perfeita, não só da sua derrota nas urnas, como dos factos que se desenrolam dentro e fóra de seu Estado. Fosse pela decepção que de mentiras e embustes do seu collega de Minas lhe trouxessem, fosse pelo despertar do sonho em que se embalava relativamente á politica do proprio Rio Grande, o certo é que o Dr. Getulio hoje não deseja mais do que administrar tranquillamente a sua terra, por este resto

de tempo que lhe sobra... Em vão, renovam as desmoralizadas sereias liberaes os enlevos, accenando-lhe com o prolongamento da jornada dolorosa!

As conferencias se succedem em Porto Alegre, e os jovens turcos sahem todos do palacio desilludidos da esperança afogada de separarem o seu presidente, do seu chefe... Os municipios respondem a favor da paz, que é, como diz, a favor do Dr. Borges! Como poderá elle, no governo do Estado, promover a guerra que este não quer? Loucuras da mocidade que não procura razões para justificar os seus impulsos ou assomos. Elle, porém, já não é nenhuma creança, como Oswaldo Aranha, nem velho sem juizo, como os Srs. Neves da Fontoura e Flores da Cunha... Si quizerem brigar, que briguem sós. Aliás, esta recusa sensata do Presidente do Rio Grande terá a virtude de desarmar inclusive os Jovens cavalheiros que formaram a sua guarda de honra no governo. Nenhum d'elles, depois disto, desembainhará a espada ameaçadora nem tirará da baia o seu cavallo... O mais ousado dos tres — o Sr. Flores — satisfará os seus bófes com o desafogo do telegramma em que disse ao dominador dos pampas do seu dissenti-mento... Os demais, nem isto hão de fazer. Cada qual, a estas horas, cogita apenas de encontrar a tal sahida honrosa que todos estimam nessas occasiões difficeis! Aquella declaração do Sr. Neves aos jornaes amigos de que as suas attitudes não desmentiram as suas palavras, não vale nada: é só para a imprensa ver... Até agora, depois da bomba da entrevista do dono da terra gaúcha, só vimos um gesto, na verdade: — o do Sr. Othello Rosa, demittindo-se dos cargos que o partido lhe deu, inclusive o electivo...

Andam hoje os gaúchos admirados do que lhes succedeu... Mas quem não via logo que o seu fim seria mesmo o de serem embrulhados pelo Sr. Antonio Carlos! Sua decepção foi aliás, em parte obra da propria paixão.

Todos os elementos de defesa com que contavam no caso puzeram fóra os ingenuos guerrilheiros do sul. Fizeram mais: além de se desarmarem por esse meio, deram ao seu grande inimigo, convertido em aliado, todos os recursos com que teria de batel-os no jogo difficil de encobrir, noutras condições, contra os mesmos. A sua simplicidade, os gaúchos devem, pois, de preferencia o desastre que todos hoje lamentam. Não tivessem, nos seus excessos lastimaveis, levado a paixão partidaria ao ponto de não consentirem sequer em que a sua imprensa noticiasse o mais simples facto contrario ao seu ponto de vista e certo não haveriam tido nenhuma surpresa dolorosa. As eleições de Minas teriam, nessa hypothese, deixado de ser decepçionantes, como as classificou o Sr. Getulio Vargas e as do Rio Grande mesmo não teriam soffrido as restricções do juizo severo do Sr. Borges de

Medeiros em materia de lisura... Dos resultados finais, nem é bom falar! O Rio Grande, si não fosse a venda que mãos próprias se poz nos olhos, teria visto, como todo o resto do paiz, que pretender ganhar a partida em que se empenhou quasi a totalidade da nação, equivale simplesmente a confiar num absurdo. O prestidigitador das alterosas não fez mais no seu caso do que se aproveitar muito honestamente, portanto, do partido que lhe deram... Era dever seu defendê-lo, tal qual, fez até o fim do tempo, não assistindo aos que por simplicidade ou fanfarronada lh'o haviam concedido, o menor direito de reclamarem o lhes ter batido! Em rigorosa apreciação dos episodios da campanha, a gente talvez chegue até a innocentar em parte, neste caso o Rio Grande, o Sr. Antonio Carlos, que afinal de contas, á vista da cegueira propositada dos gaúchos, não commetteu propriamente uma traição...

De duas castas de indivíduos se compunham as hostes "liberaes" — ingenuos e espertalhões.

Os ultimos, como tudo logo fazia crer, entraram na campanha apenas para explorar os primeiros. Si não tinham interesse honesto a defender, manda a verdade que se diga em honra, que também nunca lhes passou pela cabeça a idéa de poderem sair da luta victoriosos. Precisavam, entretanto, para garantirem os lucros de occasião, fingir uma cousa e outra. Agarraram-se assim aos falsos principios do Sr. Antonio Carlos, agitaram-nos á guisa de bandeira e começaram a ameaçar céos e terras para dar a toda gente a impressão da força e do prestigio que lhes falleciam. Para que não restassem duvidas neste sentido, chegaram até, como se vio, a matar algumas dezenas de creaturas... Os espiritos mais tardos, olharam-nos, bestializados, e foram seguindo-os por esse rastro de sangue. Os mais lucidos conservaram-se, comtudo, a certa distancia dos seus passos, reservando-se no seu entusiasmo por taes feitos, para não darem talvez a impressão de que a epilepsia com esses symptomas fosse uma nevrose commum aos novos reformadores do paiz...

Estavam, não obstante, certos de que nada resistiria com effeito á onda revolucionaria! Com eleição ou sem ella, o Sr. Getúlio Vargas seria substituto do Presidente Washington Luis... Não o estimava o actual chefe de Estado? Tanto peor para elle: era mais um motivo para lh'o imporem as phalanges libertarias... Ninguém queria saber de que modo viria a se dar isto. A forma não os preocupava, como também não queriam saber dos elementos de que dispunham. Para elles, a logica era no seu caso, perfeitamente dispensavel. Medissem os contrarios as suas forças: elles não necessitavam dessas cousas. O seu triumpho prescindia em summa do auxilio das circunstancias, porque, como os factos inexplicaveis, estava de resto acima das leis conhecidas pelo homem no jogo dos elementos de seu juizo...

O publico intelligente certamente logo comprehendeu que tratava com lunati-



A ameaça dos pantanos

DIFFUNDINDO a febre recolhida nos pantanos pestilentos, o maléfico mosquito, invade a casa de V.S., onde põe em perigo a saúde de adultos e crianças. No entanto—



Perigosos e molestos como são os mosquitos, não ha razão para que elles jamais o incomodem. Flit conservará o seu lar perfeitamente livre destes portadores de febres. Bastar-lhe-ha pulverizar Flit de accôrdo com as simples instruções impressas na lata. Nenhum mosquito escapará!

Flit mata todos os insectos caseiros. Inoffensivo para as pessoas. Não mancha.



Vê a molécula na "lata amarela com a fumaça verde"

FLIT

MARCA REGISTRADA

Para a protecção do publico o Flit vende-se sómente em latas fechadas

ANNIVERSARIO

Completo annos no dia 16 ultimo o Sr. Gustavo Falaise.

O anniversario, que serve como alto auxiliar do nosso commercio, pode, no periodo de 40 annos de serviços, conquistar com o trato fino e liano que lhe é proprio, grande numero de amigos, os quaes foram felicitados por motivo da passagem de sua data natalicia.

cos. Deste modo, nenhuma surpresa experimenta em face do desfecho naturalissimo da tragica brincadeira "liberal" armada aos simples pelo humorismo monstro de um doente...

Ilustração Brasileira — Orgão da alta cultura literaria e artistica do paiz, publicando em cada edição quatro reproduções de pinturas de autores nacionaes, nas cores da propria tela.

O Mistério do Xadrez

Conto policial de Agatha Christie.

Desenhos de GAF

POIROT e eu costumávamos almoçar num pequeno restaurant do Sôbo. Estava-
mos ali uma noite, quando
entrou um velho amigo nos-
so. Era o Inspector Japp,
que se sentou logo à nossa
mesa. Havia tempo que
nos víamos.

— Há muito que você
não vai lá em casa? — disse Poirot, com
ar de censura. — Não nos vemos desde o
"Mysterio do Jasmin Amarello", e isto
aconteceu há um mês.

— Estive no norte do país, e por isso não
vim vê-lo!

— Como vão os seus negócios? Os Quatro
ainda continuam fortes?

Poirot ameaçou-o com o dedo.

— Você zomba de mim, mas Os Quatro
existem...

— Não duvido. Mas não são os mais
teríveis criminosos do mundo, como você
diz.

— Isso é que você se engana, meu ami-
go. O maior poder malfico do mundo é
justamente essa associação. Não sei ainda
o que pretendem em definitivo, mas ga-
ranto-lhe que ainda não se formou no mun-
do um conjunto de criminosos, tão podero-
so como esse. O mais perfeito cérebro da
China, à sua frente; um grande miliona-
rio norte-americano e uma sãbia francesa,
como membros; e quanto ao Numero Qua-
tro...

Japp interrompeu:

— Sim, sim; já o conheço. Isso já se
converteu numa pequena mania, Poirot.

Vamos mudar de assumpto? Gosta de
xadrez? Joga-o algumas vezes?

— Costumava jogá-lo.

— Já soube do curioso acontecimento
de ontem? Durante uma partida de xadrez
entre dois campeões mundiaes, falleceu um
deles.

— Lá isso nos jornaes. O doutor Savara-
noff, um dos jogadores, defrontou-se com
o joven e brilhante jogador norte-americano
Gilmour Wilson. Este ultimo succumbiu
ante um fulminante ataque de coração.

— Justamente. Savaronoff, ha-tempos,
venceu Rubinstein, e conseguiu o titulo de
campeão da Russia.

Wilson tinha a fama de ser um segundo
Capablanca.

— De certo, isso é muito curioso — disse
Poirot. — Si não me engano, você tem al-
gum interesse no caso.

Japp riu com embarço.

— Você acertou, Poirot. Isso me intriga
completamente. Wilson era tão e forte co-
mo um touro, e o seu coração nada tinha
de fraco. Sua morte é completamente in-
explicavel.

— Você desconfia de que o doutor Sava-
ronoff intervesse no assumpto? — exclam-
ei, assombrado.

— Nada disso — replicou Japp. — Não
creio que alguém no mundo seja capaz de
assassinar o seu semelhante, só para não
perder uma partida de xadrez. Além disso,
acho que é do outro lado, justamente, que
aporta o sapato.

O doutor é considerado um jogador mag-
nifical, só inferior a haker.

Poirot assentiu, com ar pensativo.

— Então, o que pensa? Há alguma razão
para desconfiar que tenha sido envenena-
do? Porque estou certo que é isso o que
você desconfia.

— Naturalmente. Ataque de coração, si-
gnifica que o coração deixou de bater. Isto
é o que lhe diz, oficialmente, o medico, ao
examinar o corpo; mas, a sós, insinua que
isto não o satisfaz.

— Quando terá lugar a autopsia?



Trad. por Auelh

— Hoje á noite. A
morte de Wilson foi ex-
traordinariamente rapi-
da. Parecia em uso nor-
mal de todas as suas
faculdades, e estava mo-
vendo uma das peças no
tabuleiro, quando cahiu
para a frente brusca-
mente, morto.

— Ha poucos venenos,
capazes de actuar desse
modo instantaneo.

— De facto. A auto-
morte de Wilson foi ex-
traordinariamente rapi-
da. Parecia em uso nor-
mal de todas as suas
faculdades, e estava mo-
vendo uma das peças no
tabuleiro, quando cahiu
para a frente brusca-
mente, morto.

— E' incrivel — sussurrei eu.

— Nem tanto — affirmou Poirot, sorrin-
do. — Vejo que Japp tem a sua theoria.

— E' exacto. E é esta: que não acho que
o veneno, si existe, tenha sido destinado a
Wilson, e sim ao seu contendor.

— Os motivos, Japp? Não nos conforma-
mos com as affirmativas.

— Bem. Savaronoff cahiu prisioneiro dos
bolchevistas, quando estalou a revolução.
Foi dado por morto, mas na realidade, con-
seguiu escapar, e viveu durante 3 annos,
nas selvagens steppes da Siberia, em meio
a horribes padecimentos. Tanto, que é agra-
do um homem desconhecido. Seus amigos
e parentes declaram que nunca o teriam re-
conhecido. Tem o cabelo todo branco, e o
aspecto de um homem multissimo velho.

E' quasi invalido, e raramente sahe de
casa. Mora com uma sobrinha sua, Sonia
Davloff, e um creado russo, num andar
perto de Westminster. Talvez por se julgar
ainda um homem marcado pelos revolucio-
narios, não quiz combinar o match de xa-
drez. Recusou varias vezes terminantem-
te e, só quando a imprensa começou a se
occupar daquella extranha e pouco cavi-
lhelresca negativa, é que se decidiu a acce-
ptar. Muito bem; eu lhe pergunto agora, Poi-
rot: porque essa repugnancia em aceitar o
desafio? E responde que o fez, porque não
queria attrahir sobre si a attenção dos seus
inimigos.

Esta é a minha solução do mysterio. O
pobre Wilson teve o que estava destinado
a Savaronoff.

— Ha alguém que possa tirar proveito
da morte do doutor?

— A sobrinha. O russo entrou recenta-
mente na posse de uma fortuna enorme
que lhe legou Madame Gospola. Conheciam-
se intimamente, ao que parece, e ella se ne-
gou insistentemente a crer na morte delle.

— Onde se effectuou o match?

— No appartamento de Savaronoff. É
um invalido, como já lhe contei.

— Havia muita gente pre-
sencando a partida?

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

— Pelo menos,

meia dúzia de pessoas. Provavelmente,
mais.

Poirot fez uma careta expressiva.

— Meu pobre Japp: sua tarefa não me
parece muito facil que digamos.

— Vejo que você está se interessando
pelo assumpto. Poirot — replicou Japp,
piscando um olho. — Tem interesse em
vir comigo á Morgue para examinar o
corpo do pobre Wilson, antes de que o
medico o tome por sua conta?

— Caro Japp, estou às suas ordens.

...Era facil ver que a attenção de Poi-
rot estava completamente seduzida por
aquelle novo problema.

Por meu lado, senti uma pena muito
profunda ao observar o corpo inerte e o
rosto convulso do desgraçado moço norte-
americano, que encontrára a morte, duma
maneira tão extranha. Poirot examinou-o
attentamente. Em todo o corpo, não havia
marca nenhuma, senão uma linhazinha
escura sobre a mão esquerda.

— O medico diz que é uma queimadura,
e não um arranhão ou um talhinho — ex-
plicou Japp, quando Poirot começou a
examinar.

A attenção de Poirot foi attrahida pelo
conteúdo dos bolsos do morto.

Havia um lenço, chaves, um livrinho de
notas e algumas cartas sem importancia.
Mas um objecto chamou poderosamente a
attenção do detective, e tambem a minha.

— Uma peça de xadrez! — exclamou.

— Um peão branco. Estava no bolso
delle?

— Não; trazia-a na mão e tivemos grân-
de dificuldade em tirá-lo de entre os de-
dões. E' preciso devolvê-lo ao doutor Sava-
ronoff. Faz parte de um esplendido jogo
de marfim com incrustações.

— Deixe-me restituí-la. Será essa a
minha desculpa para ir até lá.

— Ah! — exclamou Japp. — Então
quer encarregar-se da investigação.

— Confesso que o assumpto despertou
grandemente o meu interesse.

Poirot virou-se novamente para o ca-
daver.

— Não tem nenhuma outra informação
para me dar a respeito de Wilson?

— Creio que não.

— Não era surdo?

— Com effeito! — disse Japp, estupefa-
cto. — Como é que o soube? Mas é um
detalhe que nada tem de importante neste
caso.

— E' possível que seja assim como você
diz — concordou Poirot, pensativamente.

...

Na manhã seguinte dirigimo-nos ambos
à casa do doutor Savaronoff.

— Sonia Davloff — comecei. E' um
bom nome, palavra de honra.

Poirot deteve-se logo, e me olhou com
compaixão.

— Sempre em busca de um romance! É
incorrigivel. E seria muito bom que esta
Sonia Davloff fosse a nossa amiga, a con-
desa Vera Rossakoff.

— Bem, bem, Poirot. Não creio que
desconfies que isto é tambem...

— Não, Hastings. Foi um gracejo ape-
nas.

A porta da casa nos foi aberta por um
creado russo.

Poirot apresentou-lhe um cartão, no
qual Japp rabisára algumas palavras, e
fomos introduzidos para uma sala ampla
e elegante, luxuosamente adornada.

Enquanto eu examinava um dos leões
que davam á peça um aspecto exótico, Poi-
rot ajoelhou-se sobre o tapete, afim de ob-
servar o mais de perto.

— Por mais lindo que seja esse tapete,
não creio que mereça essa attenção.



(...Quando Wilson
agurou esse peão
fatal e...)

— Heim? Ah, o tapete? Pois te enganava, Hastings: não era isso o que me preocupava. Mas, de qualquer modo, é um exemplar bonito demais, para que o estraguem, atravessando-o com um grande prego. O prego já não está aqui: está apenas o buraco que deixou.

Um ruído atrás de nós, fez-me virar o rosto, enquanto Poirot se punha de pé, rapidamente.

Uma moça, parada junto à porta, observava-nos, com olhos de desconfiança.

Era de estatura mediana e muito bonita, embora o seu rosto parecesse mal humorado.

— Recelo que o meu tio não os possa atender; elle está indisposto — disse secamente.

— E' pena; mas talvez a senhora possa nos auxiliar, no lugar d'elle. A senhora é Mademoiselle Davloff, não é exacto?

— Sim, sou Sonia Davloff. O que desejam?

— Estou fazendo certas investigações, referentes ao triste acontecimento do antehontem à noite: a morte do sr. Gilmour Wilson. O que me pôde dizer sobre isso?

A rapariga abriu os olhos surprehendidos.

— Morreu de um ataque de coração, quando jogava xadrez com meu tio.

— A polícia não está muito certa de que tenha sido um ataque de coração.

— Então era verdade! — exclamou Sonia, com um gesto de terror.

— O que era verdade, mademoiselle, e quem lh'o disse?

— Ivan, o criado que lhes abriu a porta, disse-me que não acreditava que Gilmour Wilson morresse de um ataque de coração. Segundo elle, foi envenenado por um infeliz engano.

— Por engano?

— Sim, o veneno era destinado a meu tio. — A menina parecia ter esquecido a sua desconfiança, e falava fluentemente.

— Por que diz isso, mademoiselle? Quem tinha intenções de assassinar o doutor Savaronoff? L'eco-lhe que se exprima de maneira mais explicita.

Ella moveu a cabeça, negativamente.

— Não sei. E meu tio não m'o diria nunca. Isso aliás é natural, pois, quasi não me conheço. Conheceu-me quando eu era criança, e desde então não me viu senão ha poucos mezes, quando chegou a Londres. Mas estou certa de que meu tio recelava alguma coisa. Ha muitas sociedades secretas na Russia de hoje, e uma vez surprehendi parte de uma conversa, a qual me fez pensar que é justamente uma dessas associações que elle recelava.

Diga-me, monsieur — accrescentou, aproximando-se e baixando com prudencia a voz — o sr. já ouviu alguma vez falar de uma sociedade chamada: Os Quatro?

Poirot quasi deu um salto, cheio de espanto, e seus olhos abriram-se desmesuradamente.

— O que é que a senhora... o que é que a senhora sabe dessa sociedade, mademoiselle.

— Existe então uma tal associação? Surprehendi uma referencia de meu tio a ella, e perguntei-lhe o que significava isso. Nunca vi uma pessoa como meu tio, ao ouvir a pergunta. Fez-se intensamente pallido e começou a tremer. Elle os temia, monsieur; disse estou certa. E, por um erro fatal, assassinaram o pobre Wilson.

— Os Quatro! — murmurou Poirot. — Sempre os Quatro. E' uma surprehendente coincidência. Mademoiselle: seu tio ainda está em perigo, e deve salvá-lo. Conte-me tudo o que se passou durante a noite do tragico acontecimento. Mostre-me o tragico taboleiro de xadrez, a mesa; diga-me como estiveram sentados os jogadores, tudo...

Dirigiu-se a um canto da grande sala, e trouxe uma mesa pequena. A parte superior da mesma era ricamente dividida em quadrados de prata e ouro, para formar o taboleiro de xadrez.

— Isso foi enviado a meu tio ha algumas semanas, como presente anonymo, com o pedido de que fosse utilizado para o primeiro match de importancia que jogasse.

Ante-hontem à noite, foi collocado no meio da sala, assim.

Poirot examinou a mesa, com uma attenção que me pareceu desnecessaria. Não estava levando o interrogatorio do mesmo modo que eu o faria, em seu lugar. Muitas das suas perguntas me pareciam bem nexo, e em compensação, sobre questões de verdadeira importancia, nada tinha que perguntar. Deprehendi que sómente a menção do nome de Os Quatro o fizera perder a seriedade.

Após o exame minucioso da mesa, e de verificar a posição exacta que occupava

durante o match, Poirot pediu que lhe trouxessem as peças do jogo.

Examinou cuidadosamente algumas delias, sem deixar o seu ar pensativo.

— Um jogo exquizado de peças — murmurou, distraído.

Nenhuma pergunta a respeito dos refrescos que tinham sido servidos, sobre as pessoas que presenciaram o match. Pigarreei, para lhe chamar a attenção.

— Penso, Poirot, que seria conveniente...

— Por favor, Hastings, não pense. Deixa-me agir.

Mademoiselle, é completamente impossivel que eu veja o seu tio?

— O sr. falará com elle, naturalmente. Tenham a bondade de esperar um momento.

A moça desapareceu, e ouvimos um rumor de vozes no quarto contiguo.

Voltei logo, e disse-nos que passassemos. Lá estava, deitado na cama, um homem de aspecto imponente. Era alto, magro, com grandes e espessas sobrancelhas brancas, a barba igualmente nevada, e uma cara enrugada e nobre, que falava de sofrimentos inumeros. Chamou-se a attenção a conformação especial da cabeça, e o seu tamanho pouco commum. Pensei para mimigo: um grande jogador de xadrez deve ter uma cabeça grande.

Poirot inclinou-se diante do doutor.

— "Monsieur le docteur", posso falar a

nós com o senhor?

Savaronoff virou-se para a sobrinha:

— Deixa-nos nós, Sonia.

Sonia retirou-se, obediente.

— Doutor Savaronoff: o sr. entrou, recentemente, em posse de uma enorme for-

tuna, conforme rio disseram. Quem a herdaria, suppondo-se que o senhor?...

— Fiz testamento, deixando tudo o que possuo á minha sobrinha Sonia Davloff. Mas o sr. desconfia que...

— Não procuro insinuar nada. Mas o sr. não vê a sua sobrinha desde que ella era criança; seria muito facil para qualquer uma fazer-se passar por ella.

Savaronoff pareceu acobrunhar-se com essa idea. Poirot continuou.

— Eu o ponho em guarda, nada mais; isto é sufficiente. O que desejo agora é que o sr. me descreva a partida do antehontem, á noite.

— Descreva-a? Como?

— Bem; ou, por mim, não jogo xadrez, mas sei que ha diversas maneiras de começar uma partida. Ha o gambito... não é assim?

— Ah, agora comprehendo. Wilson abriu a partida com um Ruy Lopez, uma das melhores maneiras de abrir o jogo, e muito usada hoje em dia.

— E quanto tempo estiveram jogando até succeder a tragedia?

— Creio que foi no terceiro ou quarto movimento que Wilson cahiu bruscamente para a frente, morto.

— Um assumpto bem triste, doutor Savaronoff.

Poirot e eu nos despedimos do velho.

No "hall" encontramos Ivan, que nos acompanhou até á porta. Poirot se deteve no humbral.

— Você sabe quem mora no andar de baixo?

— Sir Charles Klingwell, membro do Parlamento, senhor.



(...estavam movendo uma das peças no taboleiro, quando Gilmour Wilson caiu bruscamente, morto...)

— Ha alguns mezes, foi alugado a uma pessoa que não conheço. Enquanto caminhavamos pela rua, eu não pude deixar de dizer a Poirot, o que pensava sobre a sua actuação.

— De facto, Poirot, parece-me que desta vez procedeste, como um principiante, no interrogatorio, em geral.

— Acha, Hastings? — perguntou Poirot, com ar pensativo. — Estava um pouco "boulevard". O que perguntarias?

Expus tudo o que teria perguntado a examinado, e Poirot escutou-me, com apparencias de uma religiosa attenção.

O meu monólogo durou até chegarmos em casa.

— Tudo muito logico e penetrante — disse Poirot, ao metter a chave no buraco da fechadura —, mas completamente desnecessario.

— Desnecessario! — exclamei attonito. — Si o rapaz foi envenenado...

— Oia! — disse Poirot, apertando um bilhete de cima da mesa. — E' de Japp, e diz o que eu esperava: nem rastros de veneno. Já vêes como as tuas perguntas seriam inúteis e inadequadas.

— Advinha, por acaso, que não havia veneno?

— "Mon ami", quando se resolve um problema com o cerebro e a intelligencia, não se pôde dizer que se adivinha.

— Bem — concordou, impaciente. — Tu o previste, o deduziste?

— Sim.

— Por que?

Poirot meteu a mão no bolso e tirou... um pedaço branco.

— Esqueceste de o devolver ao doutor Savaronoff — disse-lhe.

— Estas enganado, caro Hastings. O que tu mencionas ainda está no meu bolso. O que estás vendo na minha mão é o companheiro do outro, que tirei da caixa que Mademoiselle Sonia teve a bondade de mostrar-me.

— Mas, para que o tiraste?

— "Parbleu", quis saber si eram iguaes. Colloquei-as, uma ao lado do outro, na mesa.

— Pois bem, Poirot, são exactamente iguaes, como podes ver.

— Paiecem. Mas só se pôde admitir uma verdade, depois de demonstrada.

Queres fazer-me o favor de me trazer aquella balança?

Com muito cuidado, pesou as duas peças e em seguida, virou-se para mim, com o rosto brilhante de triumpho e satisfação.

— Eu tinha razão. Toda a razão do mundo, Hastings, está do meu lado. E' impossivel enganar a Hercule Poirot, completamente impossivel.

Correu para o telephone, e esperou pacientemente que lhe dessem a ligação.

— Quem fala? E' Japp? Com Hercule Poirot. Mande vigiar o creado Ivan. De modo algum, deve escapar-lhe. Não se preoccupa, é assim mesmo como lhe digo.

Pendurou o phone, e virou-se para mim.

— Não entendes ainda, Hastings. Vou te explicar. Wilson não foi envenenado, o sim electrocutado. Ha um estroito fio de cobre ou de ferro que atravessa este peão. A mesa foi preparada de ante-mão e collocada num lugar pre-fixoado, sobre o tapete.

Quando Wilson segurou esse peão fatal e moveu-o para um dos quadrados de prata do taboleiro, a corrente mortifera, de tensão altissima, fulminou-o instantaneamente.

O unico signal deixado foi a pequena quelmadura na mão esquerda, porque elle era surdo. A mesa especial é, sem duvida, uma obra muito delicada de mechanica. A que eu examinei é uma reprodução exacta e inoffensiva da primeira que a substituiu, apenas se retirou a gente e a policia. O assassinato foi, effectivamente commettido, do andar de baixo, porém, os assassinos tinham, pelo menos, um cumplice, em casa do doutor Savaronoff. A moça é uma agente d'Os Quatro, que estão trabalhando para se apoderar do dinheiro do doutor.

— E Ivan?

— Tenho grandes desconfianças de que este Ivan não seja outro senão o famoso Numero Quatro. E' um maravilhoso actor característico, como deves saber muito bem.

Pensei nas nossas anteriores aventuras, na guarda do hospicio, no empregado do açougue, no doutor Quantin: sempre o mesmo homem e totalmente diverso do anterior.

— E' assombroso — disse por fim. — Tudo parece ter acontecido, como tu o explicas.

Savaronoff de certo teve alguma suspeita do que se ia passar, e por isso se negou a aceitar o match.

Poirot ficou-lhe de maneira extranha, sem responder-me, e depois começou a passear pela sala, com grandes passos agitados.

— Tens, por acaso, um livro de xadrez, "mon ami"? — perguntou bruscamente.

— Creio que effectivamente tenho um por ahi.

Tardel um pouco e, depois de achá-lo, trouxe-o a Poirot, que se sentou numa poltrona e começou a lê-lo com profunda int-

resse. Passou-se um quarto de hora, deste modo. Depois o telephone tocou, e fui atendê-lo. Era Japp que falava, para nos avisar que Ivan deixara o apartamento do doutor, levando um grande embrulho. Subira a um taxi, e a casa começara.

Estava procurando fazer perder a pista aos seus perseguidores, evidentemente. Por fim, pareceu ficar satisfeito, e dirigiu-se para um edificio vazio em Hampstead. A casa estava rodeada.

Repeti tudo isso a Poirot. Não fez senão olhar-me de um modo curioso, como si não estivesse entendendo o que eu lhe dizia.

Depois, mostrou o livro que tinha na mão.

— Escuta, meu amigo. Esta é a abertura Ituy López:

- 1) P4CR, P4CR;
- 2) C3RA, C3RD;
- 3) A5A.

Agora vêm as analyses sobre a melhor resposta das pretas. Ha, varias defesas. Foi a terceira jogada de Wilson que o matou: A5A. Isso e nada mais. Isto não te sugere nada, Hastings?

Não tinha a menor idéa do que queria dizer-me.

— Meu amigo, suppe que, enquanto estás sentado na tua cadeira, ouves abrir-se a porta da rua: o que pensarias disso?

— Pensaria que alguém entrou na casa.

— Sim, mas ha duas maneiras de considerar as cousas, Hastings. Que alguma entrou ou sahisse, são cousas completamente diferentes. Agora, suppondo-se que tomassemos como certa uma dellas, a errada,

DR. ADELMAR TAVARES
ADVOGADO
Rua da Quitanda, 50
2.º ANDAR

Para todos...

Revista de Elegancia e Espirito As photographias mais artisticas. A melhor collaboração Literaria.

não tardariam a surgir algumas discrepâncias e contradições que te provariam estares em erro. Isso que acontece com a porta, que tomei como exemplo, acontece também com outras cousas e assumptos muito diferentes. Hastings.

— A que vem tudo isto, Poirot?

Poirot se pôz de pé, com repentina energia.

— Significa simplesmente que eu fui um triplice idiota — disse —. Depressa, a casa do doutor Savaronoff! Talvez ainda não seja tarde demais, para rectificar o engano.

Partimos immediatamente. No taxi, Poirot não respondeu a nenhuma das minhas ansiosas perguntas. Subimos as escadas, correndo. Batemos à porta em vão, e em vão tocamos a campainha.

Escutando com attenção, eu pude distinguir um gemido afogado, que vinha do dentro.

O porteiro nos arranjou uma chave que abriu todas as portas da casa, logo que Poirot lhe disse quem era.

Abrimos a porta immediatamente. Uma rajada intensa de chloroformio nos paralisou no limbral. No chão, jazia Sonia Davloff, amarrada e amordaçada, com um grande pedaço de algodão em cima do nariz.

Poirot tirou-lhe o e começou a reanimá-la. Momentos depois chegou o outro medico da casa, a cujos cuidados a moça foi entregue. Não havia nem vestígios do doutor Savaronoff. Chamei Poirot à parte.

— Que significa tudo isto? — perguntei, desapontado.

— Significa que entre duas conclusões igualmente verosimilhes, tomei a falsa. Lembra-te de que eu te disse que seria facil representar a pessoa de Sonia Davloff?

— Sim; lembro-me perfeitamente.

— Pois bem; o extremo opposto era também possível. Era igualmente facil representar a pessoa do doutor Savaronoff.

— Como?

— Savaronoff morreu de facto, durante a revolução russa. O homem que pretendeu ter escapado à morte, após terriveis penas, o homem tão mudado "que os seus parentes e amigos não reconheciam", o homem que tomou posse de uma herança riquissima...

— Sim, sim — interrompi, impaciente. — Quem era?

— O Numero Quatro! E não é de extranhar que elle se tivesse assustado, quando a sobrinha lhe disse que surprehendia uma das suas conversas particulares sobre Os Quatro. Desiluzou-se-me novamente por entre os dedos. Previa que eu não tardaria a chegar à boa pista, e assim mandou o honrado Ivan num recado extravagante para nos despiatar, chloroformizou a rapariga, e "azulou". Por essas horas, já ha de ter transformado em dinheiro toda a herança de madame Gaspola, levando-a consigo.

— Mas, quem procurou então assassinar-o?

— Ninguém. Wilson foi a victima premeditada.

— E por que?

— Meu caro, Savaronoff era o segundo jogador de xadrez do mundo. E' de se julgar que o Numero Quatro não conhecesse sequer os rudimentos deste jogo. Não podia, portanto, sustentar a farça ou ficção de um match. Foi todo o possível para que esse não se realizasse. Quando não pôde resistir mais à pressão, o destino de Gilmour Wilson foi marcado.

Tratava-se de evitar que o joven enxadrista percebesse que o doutor Savaronoff não sabia jogar. Wilson gostava muito de iniciar o jogo com a Ruy López e era certo que a ia empregar na partida. O Numero Quatro arranjou todas as cousas, de modo que a morte surprehendesse Wilson antes de se iniciarem as complicações. Entendes agora?

Poirot fez uma pausa e depois accrescentou:

— Mas estou em condições de jurar-te, Hastings, por tudo o que quizeras, que o Numero Quatro e eu havemos de nos encontrar outras e muitas vezes.

— Mas, ao cabo, Hercule Poirot será o vencedor.

Não te caibam duvidas a respeito. Vencerá.

STENOL CHANTEAUD

DE PARIS

Excelente tónico contra DEBILIDADE, NEURASTHENIA e para os CONVALESCENTES



PIELOS CAMPOS



CAFÉ TORRADO...

Um fantasista do commercio de café, olhando muito os proprios interesses e não sentindo quanto de ridiculo poderiam parecer suas palavras, propoz a exportação do café já torrado, o que nos permitiria impingir ao consumidor estrangeiro os tipos de baixa qualidade!

Deixemos de lado a infantil impressão que o fantasista possa ter da mentalidade dos consumidores estrangeiros do café nacional. Esqueçamos que aquellos consumidores, dos quaes o maior é a America do Norte, se estivessem dispostos a aceitar esse "truc", se o pudessem aceitar, sem prejudicar os seus proprios negocios, de ha muito já o teriam empregado por conta propria. Não prefeririam, de certo, pagar por bom preço muito maior o café fino, quando o de baixo typo, torrado, poderia ser impingido tão facilmente ao consumidor particular. Deixemos de lado esses aspectos do caso.

Fixemos, porém, o que de mais perto importa aos interesses economicos do Brasil, numa proposta assim leviana, e que terá tido, já, a maior repercussão em todos os mercados mundiaes. Daqui em diante os mercados americanos e europeus verberarão o café do Brasil examinando sempre, a sua qualidade. E' café provindo do paiz em que se propoz, publica e claramente, embulhar-se os consumidores estrangeiros. E cesteiro que faz um cesto, faz um cento... A prevenção contra o café se estenderá aos outros artigos brasileiros, com boa ou má acceitação nos mercados estrangeiros.

Os doces de fructas serão considerados como fabricados com fructas imprestaveis, e até venenosas. As carnes passarão a ser de gado morto de aphtosa etc. etc.

Não precisamos propaganda contra nós proprios para termos lá fóra recepções nada lisonjeiras. Estamos fartos de saber que a Avenida Rio Branco é um viveiro de cobras monstruosas...

E não terá sido a desonestidade dos exportadores que desmoralizaram a borraça da Amazonia, augmentando-lhe o peso com pedaços de pau, pedras etc.?

A palavra do Sr. Octaviano Pinto Lopes, commerciante dos mais autorizados de café, veio, portanto, a tempo. O seu protesto, energico e bem fundamentado, calou excellentemente no espirito dos seus collegas que, felizmente, não commugam das idéas anti-patrioticas do tal fantasista.

O PROCESSO MAIS ACONSELHÁVEL PARA A REPRODUÇÃO DA AMOREIRA

O Dr. Amílcar Savassi, director da Estação Sericícola de Barbacena, é de parecer que o processo mais aconselhável para a reprodução da amoreira é por meio de estacas ou varas, porque,

dentro de prazo mais curto possível, as amoreiras começam a dar folhas destinadas á alimentação dos bichos da seda. Por isso, a Estação Sericícola de Barbacena dispõe de viveiros dos melhores especimens de amoreiras, dos quaes fornece, gratuitamente, varas em qualquer quantidade aos interessados de qualquer ponto do paiz.



Indicação de como devem ser cortados os novos rebentos da amoreira.

Ao receber os interessados essas varas ou estacas deve resguardol-as da acção do sol, pondo-as á sombra e quanto antes possível cuidar do plantio definitivo, para que não se tornem imprestaveis pela resecamento; comtudo é conveniente cortar uns 2 cm. em cada extremidade antes de enterral-as afim de evitar o plantio de mudas já reseccadas.

Como precedentemente, o terreno deve merecer cuidados e estando bem preparado, muito mais facil se torna o plantio das estacas que são fincadas em linhas paralelas á distancia de 5m. uma das outras, deixando-se apenas tres ou quatro olhos fóra da terra.

Desta fórma, em 1 hectare (10.000 metros quadrados ou seja mais ou menos uma quarta) podem ser plantadas 400 estacas de amoreiras.

A' proporção que forem rompendo os brotos, o que se dará dentro de 30 dias de fincada a estaca, começa-se a praticar a educação da futura arvore, amarrando-se a ella uma vara como se faz ás mudas e arrancando-se os brotos da base, de maneira que a seiva da planta

avance com pujança para os rebentos da parte superior e, portanto, o esgalhamento se faça com maior vigor, em condições de permittir que os raios solares banhem toda a copa da arvore, quando tiver formada.

Sob a acção benéfica da natureza a arvore vai seguindo o curso de sua fecunda e proveitosa existencia.

Dentro de um anno a amoreira apresenta-se com folhas desenvolvidas; catretanto, é um erro ministrar-as ao bicho da seda, não só porque no primeiro periodo da vida vegetativa as folhas auxiliam efficaçamente o desenvolvimento da planta, como também porque a folhagem da amoreira nova, sendo muito aquosa, mal se presta á alimentação do bicho.

Entretanto, si se quizer utilizar do systema do plantio da cultura anã, no qual as estacas podem ser plantadas de 1 a 3m. de distancia em linhas paralelas ou quincuncio, é dispensavel a operação de arrancar os brotos da base, visto que uma das vantagens deste systema de plantio é o de tornar possível uma colheita de folhas em menor espaço de tempo.

Logo que as mudas ou estacas começarem a emittir brotos, e se queira fazer reprodução da amoreira pelo processo chamado de mergulhia, deixam-se esses desenvolver, formando galhos mais ou menos longos que se curvam e enterram-se em sulco aberto a enxada; em contacto com a terra que se cobre, a exemplo do que ficou dito com as mudas, taes galhos no fim de certo tempo começam a criar raizes e são então destacados para constituir novas mudas de amoreiras.

A CULTURA DO FUMO

O Serviço de Inspeção e Defesa Agrícola do Ministerio da Agricultura publicou, ha tempos uma interessante monographia sobre a cultura do fumo, cuja leitura muito interessará aos cultores do tabaco no Brasil.

As seguintes observações, entretanto, já bastarão para marcar os primeiros passos dos que agora se iniciam nessa actividade agricola.

As mudas devem ser transplantadas quando attingirem á altura de 10 cms.

Um hectare produz, em media, 1.100 kilos de fumo em folha.

A qualidade melhor depende do gosto do consumidor. Uns preferem folhas finas, macias e sedosas, outros folhas bem secas de cor castanho-claro, outros bem encorpadas, bem claras, elasticas com nervuras bem finas. Assim devem ser escolhidas conforme se desejar as variedades Maryland ou Virginia. O Gigante é muito preferido no Pará pelas folhas largas, ovaes, delgadas, finas e macias.

Todas as variedades bahianas são boas, como por exemplo a Cubana, Java, Gigante, Turco, Bahiano, George Grand, Sumatra, etc.

Leiam Leitura para todos, o mais completo magazine mensal.

THEATROS

ROULIEN X PROCOPIO

A scena nacional é tão estreita que nella não cabem duas figuras. Quando aqui se achava Leopoldo Fróes, Procopio era o espinho. O Fróes se foi e Procopio cantou de gallo. Aparece agora Roulien, Roulien é o espinho. A luta começou e através da auto-reclame que os dois desenvolvem não é difficil lobrighal-os com um ar de desdem, degladiando-se assim:

— Eu sou bonito, você não é...

— Eu tenho um nariz que vale um milhão, você não tem...

— Eu sei cantar tangos, você não sabe...

— Eu faço rir o publico, você não faz...

— Eu sou galã, você não é...

— Eu represento todos os generos, e você, íche!

E assim por diante, sem que leve nenhuma vantagem, na contenda, o theatro nacional nem o publico que anda mais ou menos enjoado dos dois.

Levam á scena, ambos, comedias adaptadas. Comprehe-nde-se porque. Os autores de taes monstruosidades, os Matheus da Fontoura, os Joracy Camargo comprehendem, por alto, muito por alto as linguas de que se dizem

traductores. Não podem, pois, traduzir cousa alguma e então apanha daqui e apanha dali, armam esses aleijões que o Trianon e o Lyrico offerecem aos seus publicos, e em que as scenas engraçadas foram substituidas por cabriolas e correrias e as phrasas de espirito por sandices.

Nem tudo, porém, está perdido. O bravo empresario M. Pinto acaba de tomar iniciativa que muito o honra, reuniu no Republica a fina flor da arte dramatica nacional e annuncia temporada que salvará da ruina o theatro brasileiro. A estrêa se fez com a peça norte-americana traduzida do hespanhol através da edição franceza pelo presidente da S. B. A. T., que deu ao seu trabalho o titulo de "Aranha". Começa bem a nova *troupe*. A segunda peça ainda não será brasileira, mas portugueza, conhecida bastante do nosso publico: "O Martyr do Calvario"...

E a terceira não haverá, que o bravo empresario M. Pinto, na verdade, com essa sua brilhante iniciativa visou somente a Semana Santa. Não quer mais nem companhias nem mesmo a grande, de revistas Margarida Max. Está farto de levar na cabeça, orientando-se pela sua dita.

MARI NONI

Na Lapa

Perguntaram a um "sabido" (Curioso em corridas de cavallos):

— Que fim levaram os cavallinhos do Paschoal e outros que se viam na cidade?...

— Não me fale em semelhante "isso", porque os mesmos subiram de cotação e o cambio está por cima do mocotó.

— Porque?

— Não sabes, que os mesmos são de paus, boas canellas, com um bom eixo, resistentes e circulam sobre trilhos.

— Como assim?

— Porque, conforme dizem os "dão nellas", vão fazer um circuito em roda do obelisco, ali na Avenida, proximo á beira-mar?...

— Se elles são de paus e têm trilhos?...

E' por isso mesmo, porque elles virão voltando, contornando, zig-zagueando até...

— Até o que?...

— Até um ficar enfezado com as taes voltas e collocar uma pedra na crema-lheira.

— Com que fim?...

— Para os mesmos darem com os "burros" nagua...

Tableaux.

Leiam o O TICO-TICO, a revista infantil que é o mais agradável e instructivo passatempo para a meninada.

Soneto

Das duras contingencias desta vida,
Portas abertas para o soffrimento,
De cada espinho vem-nos novo alento,
Energias novas para a intensa lida.

Na sinistra nudez dum só lamento
Revelamos uma alma entristecida
Que sorri, mas de todo constrangida,
De não poder chorar a seu contento.

Ninguém sabe o que fez pra tanto mal
Amargar, impiedoso, a sorte humana?
Um prazer reservou-se ao ser mortal,

Dotou-lhe a Natureza, commovida,
— Do alto culto do Amor —, a Dor
[insana,
O supplicio maior de toda a vida...

S. Paulo 930.

Kito Fraga.

O ROUBO

Nós iamos pela estrada
Quando, teu rosto inclinaste
Sobre o meu, e me tentaste,
Pelo que, foste roubada...

Roubei-te um beijo. Zangada,
Toda tremula, ficaste
E, afinal, me condemnaste
A não te falar mais nada.

Tal condemnação injusta,
Soffrel-a tanto me custa,
Nestes dias tão compridos...

Que de outro modo resolves
E desse crime me absolvas
Por privação de sentidos!

De Araujo Lima

ILUSTRACAO
BRASILEIRA

Orgão da alta cultura literaria e
artistica do paiz, publicando em cada edição
quatro reproduções de pinturas de autores na-
cionaes, nas côres da propria téla

Os cabellos são sempre uma verdadeira fonte de beileza. Quem os tem bellos deve considerar-se feliz porque realizou um dos objectivos da humanidade: agradar. Vende-se em qualquer pharmacia ou drogaria pelo preço de 4\$000 e pelo Correio 6\$400. Tão magnifico tonico é encontrado tambem na Casa Alexandre, depositaria — Rua do Ouvidor, 148 — Rio de Janeiro.

O MALHO

ANNO XXIX

RIO DE JANEIRO, 29 DE MARÇO DE 1930

NUM. 1.437

U M B O M P R E S E N T E

(A Concentração Conservadora pensa em processar o Sr. Antonio Carlos como responsável pelos crimes e fraudes havidos em Minas, durante as eleições federaes.)



ANTONIO CARLOS: — Que diabo é aquillo?

JECA: — Não sei, não, seu doutô. Mas parece que você vai ganhar uma casa...



*Em cima, tres
 Lindas "poses" de
 Dorothy Mackail.*



*O Príncipe de
 Galles na cidade
 do Cabo.*

*Glenna Colett,
 vencedora do
 Campeonato
 Americano
 de Golf para
 senhoras.*



*Babe Ruth,
 jogador de
 basket-ball, estuda
 canto
 nas horas
 vagas.*

ASSUMPTOS INTERNACIONAES



*O campeão
 olympico de
 natação,
 rodeado
 de
 amigos.*



*Os tres
 vencedores do
 Grande Premio
 de
 Automoveis —
 Argentina.*



ALVARO

Do tumulto das agitações políticas, que vêm trabalhando o Brasil nestes últimos tempos, emergiram aqui e ali, pelos Estados, alguns vultos de combatentes capazes de se marcarem, pela própria acção, um lugar de relevo nas refregas partidárias. Entre estas figuras varonias, para que S. Paulo contribua, elle só, com varios nomes, está a do Sr. Dr. Ataliba Leonel, que no assalto de 1924 ás instituições, ao trabalho e ao progresso paulistas, se revelou um forte, organizando com o actual Presidente da Republica e o seu successor eleito, a reacção da ordem no interior, em nome das tradições de bravura cívica do P. R. P., Leal, desassombrado, energico, o grande chefe de Pirajú, que cedo se impoz aos seus correligionarios pelo dominio natural do caractere, até hoje não fugiu da luta com os adversarios, mantendo-se com garbo nas primeiras linhas de defesa da grande aggregração, á sombra da qual jurou bandeira. Essa intrepidez e essa fidelidade como soldado de um partido, explicam de sobejo o successo da sua carreira publica, feita toda ella de uma larga e lucida operosidade dedicada ao bem de S. Paulo e, pois, do paiz.

NA CONQUISTA DO TITULO



Miss Alemanha
(Mlle. Dory Nity-Kowsk)



Miss Dinamarca
(Mlle. Esther Pédersen)



Miss Irlanda
(Mlle. Vera Curran)



Miss Austria
(Mlle. Ingeborg von Griebner)



Miss Belgica
(Mlle. Jenny Van Parys)



Miss Grecia
(Mlle. Alice Diplarakou)



Miss Hungria
(Mlle. Maria Pappsz)



Miss França
(Mlle. Yvette Labrousse)



Miss Hespanha
(Mlle. Elena Pla)

cessivas, as das "misses" europeas, isto é, a de todas as que, depois de concorrerem, na Cidade Luz, ao ambicionado título de "Miss Europa", visitarão depois a capital do Brasil, tomando parte no apoteótico desfile da praia de Copacabana, para a eleição final de "Miss Universo", coroa symbolica que também disputarão representantes dos diversos países americanos.

É interessante lembrar-se aqui, que o primeiro concurso desse genero, para a escolha de "Miss Europa", foi realizado a primeira vez na cidade de Spa, na Belgica, em 1885. As bases daquelle primeiro plebiscito foram mais ou menos as mesmas que ainda hoje vigoram em eleições desse genero. Procedeu-se em Spa, primeiramente, a uma selecção por correspondencia, enviando as candidatas as suas pho-

Mais algumas moças, ainda semanas, e o Rio começará a se familiarizar, pessoalmente, com as representantes de varios países no Concurso Internacional de Belleza, a realizar-se nesta Capital, em Setembro proximo, por louvavel iniciativa do vespertino carioca *A Noite*. Conhece-se já, por photographias, a maioria das candidatas ao titulo de *Miss Universo*, em 1920. E nessa divulgação dos primeiros retratos das rainhas da graça e da belleza, teve parte saliente a elegante revista *Para todos...*, que fez virer de Paris, por avião, publicando-as em duas e luxuosas edições suc-

DE MAIS BELLA DO MUNDO



Miss Italia
(Mlle. Mafalda Moriottino)



Miss Bulgaria
(Mlle. Conuka Tchoubanova)



Miss Tchecoslováquia
(Mlle. Milada Dostalova)

tographias. A escolha final apenas concorreram 20, seleccionadas pelo jury, que passou doze dias a examinal-as detidamente. As jovens foram alojadas em hotéis, delles só tendo permissão de sahirem em carro fechado. No decimo segundo dia, perante as notabilidades da cidadezinha belga, desfilaram as candidatas, sem mai-lot... E o primeiro premio coube á bel-dade franceza, uma joven de 18 annos,

Mlle. Marthe Soucaret; o segundo, a uma flamenga, de origem hespanhola; o ter-ceiro, a uma viennense, Mlle. Marthe Sou-care, a primeira "Miss Europa", rece-beu um premio de 10.000 francos.

Como se vê, não ha novidade nos con-cursos internacionais de belleza.

O de Galveston, nos Estados Unidos, tor-nou-se já tradicional, porque a intelli-



Miss Polonia
(Mlle. Sophie Batycka)



Miss Inglaterra
(Mlle. Marjorie Ross)



Miss Hollanda
(Mlle. R'e Van der Rest)



Miss Russia
(Mlle. Irene Weutzell)



Miss Rumania
(Mlle. Zoica Dona)



Miss Yugoslavia
(Mlle. Stephanía Drobnjak)

gencia pratica do gannee descobriu nessas certamen aparentemente futil sem finali-dade, uma efficientissima modalidade de propaganda, contando-se aos milhares e mi-lhares os touristes que procuram Galveston, por occasião do julgamento dos concursos.

A iniciativa da A Noite deve, por isso, ser applaudida e estimulada.

Talvez possa ella revelar de vez a nossa bella metropole á curiosidade dos touristas estrangeiros, sempre ávidos de pompas e sensações raras.

"O MALHO" EM PORTUGAL

Inauguração do retrato de Mouzinho de Albuquerque, a bordo do navio "Minho".



Exequias realizadas em memória de D. Carlos I e Luiz Philippe.

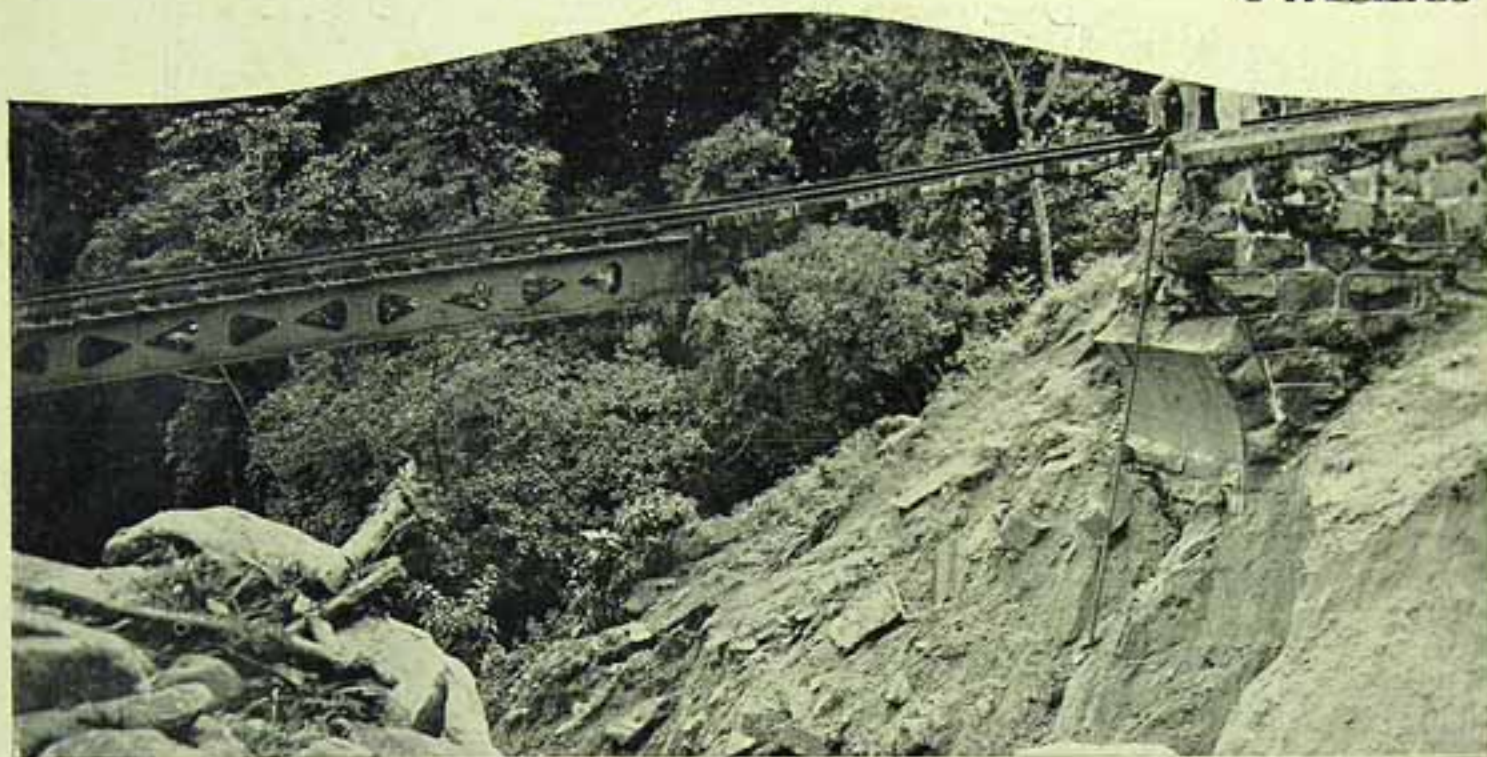
O chefe do governo na exposição escolar na Sociedade N. de Belas Artes.



Almoço de confraternização dos antigos alunos do Lyceô Pedro Nunes.



Inauguração da Exposição de Trabalhos das Escolas Técnicas Femininas.



Um dos mais bellos trechos da linha de Petropolis totalmente arruinado pela furia da borrasca, tendo-se o viaducto inteiramente desmantelado.

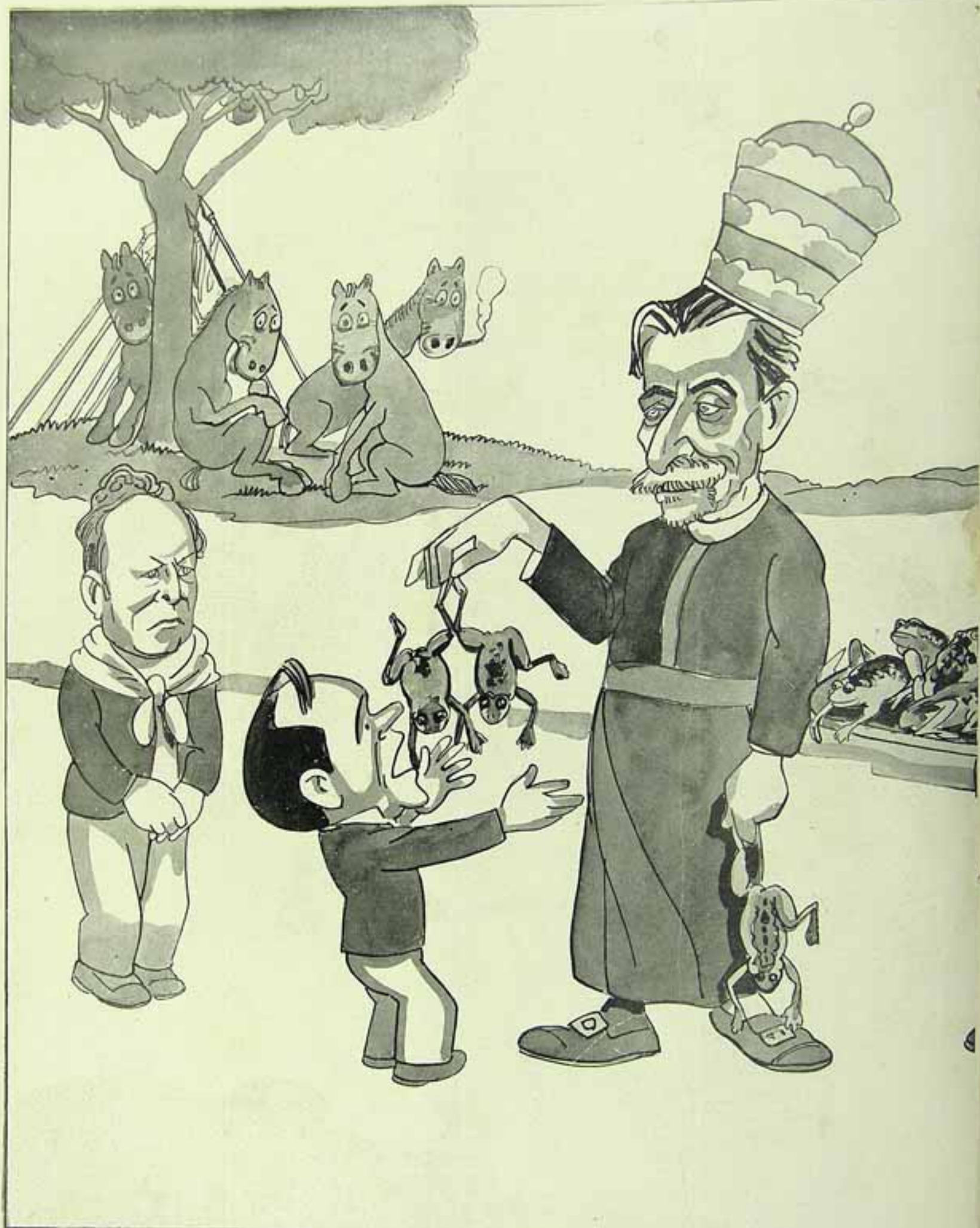
Pelas photographias ao lado, verifica-se bem a extensão dos prejuizos causados pelo ultimo temporal cahido sobre a serra de Petropolis. A Leopoldina Railway, então, soffreu damnos enormes nas suas linhas, com a colossal barreira que desabou sobre o leito das mesmas, na altura da Grotta Funda, trecho que ficou por largas horas inteiramente submerso. Logo abaixo da referida grotta foi destruida por enormes blocos de granito precipitados do alto do Morro dos Macacos o viaducto que existia ali.

OS ESTRAGOS DO TEMPORAL NA SERRA DE PETROPOLIS

O trafego interrompido em consequencia disto, só daqui a um mez, mais ou menos, poderá ser de todo restabelecido com a reconstrucção da referida ponte ora inutilizada pelo violento aguaceiro. Os serviços de remoção da terra e reparo das linhas, atacadas com energia, pela companhia ingleza, estes deverão estar concluidos por toda a semana, o que não livra, aliás, a empresa de fazer a baldeação dos seus trens naquelle ponto até o complemento final das obras.



Aspecto da linha, no trecho em que havia o viaducto, destruida pelas aguas e pedras que rolaram das montanhas



BERAL ENCHE O PAPO...



SEU" JOÃO NEVES, TEM DIREITO A DOIS...

MARÇO
16
DOMINGO

DIA A DIA

MARÇO
22
SABADO

PRIMO DE RIVERA MORREU!

A morte do general Primo de Rivera representa para a Hespanha uma perda sensível. Militar valeroso e com verdadeiro prestigio no seio da classe, foi levado pelas contingências da politica á chefia da ditadura, cargo que occupou durante sete annos. Nessa phase, elle teve oportunidade de prestar assignalados serviços ao seu paiz, entre os quaes avulta a pacificação da zona hespanhola de Marrocos, que constituia o maior problema politico e economico da Hespanha. O general Primo de Rivera falleceu em Paris, onde se encontrava exilado e a sua morte repentina causou grande consternação nos circulos politicos e militares da Hespanha.



General Primo de Rivera.

ma politico e economico da Hespanha. O general Primo de Rivera falleceu em Paris, onde se encontrava exilado e a sua morte repentina causou grande consternação nos circulos politicos e militares da Hespanha.

A PROPAGANDA PELO FILM

Ninguém poderá negar que o radio e o cinema são os dois elementos por excellencia, para a diffusão de qualquer idéa, ou propaganda de qualquer ordem, nos tempos que correm. Dahi a satisfação com que noticiamos ter o sr. ministro Octavio Mangabeira, bem compreendendo as funções modernas de um ministerio do exterior, resolvido pôr a serviço da propaganda do Brasil, no estrangeiro, o segundo daquelles efficientissimos elementos. O consul do Brasil em Paris está encarregado de dirigir a exhibição, naquella capital, para os alumnos das escolas de commercio, de films descriptivos da produção, preparo e apresentação das carnes brasileiras, assim como da produção da laranja e outras frutas nostras.



Dr. Octavio Mangabeira.

co da propaganda do Brasil, no estrangeiro, o segundo daquelles efficientissimos elementos. O consul do Brasil em Paris está encarregado de dirigir a exhibição, naquella capital, para os alumnos das escolas de commercio, de films descriptivos da produção, preparo e apresentação das carnes brasileiras, assim como da produção da laranja e outras frutas nostras.

"AGUA EM SEIS DIAS"

A Escola Polytechnica commemorou solennemente o 41º anniversario da "agua em seis dias", o feito grandioso de Paulo de Frontin, que bastou, não só para cobrir de gloria o seu extraordinario realizador, como a propria engenharia nacional. Conhecem-se já os detalhes desse grande empreendimento, que engenheiros estrangeiros orçaram em alguns milhares de contos, prometendo pôr agua na Côte, ás voltas com a falta quasi absoluta do precioso liquido, em dois ou tres annos... O Dr. Paulo de Frontin, demandando as margens do Rio d'Ouro, com cerca de 2.000 operarios, abasteceu o Rio com vinte milhões de litros d'agua em seis dias apenas,



Dr. Paulo de Frontin.

gastando a insignificancia de oitenta contos de réis! A Polytechnica inaugurou no gabinete do seu director, que é o proprio Dr. Paulo de Frontin, um antigo quadro de Angelo Agostini, allusivo ao feito, e que illustrou a capa da "Revista Illustrada" naquella época.

DR. HENRIQUE MORIZE

Entre os mortos illustres fallecidos na semana, perdeu o Brasil um dos seus grandes filhos de adopção, o professor Henrique Morize, antigo director do Observatorio Nacional e figura das de maior relevo de nosso mundo scientifico. Morize, que nasceu em França, veio para o Brasil ainda muito moço, empregando-se no commercio. Anos depois, numa demonstração de excepcional força de vontade, formava-se em engenharia, dedicando-se, desde então, inteiramente á sciencia. Fez parte da commissão demarcadora da Capital Federal, em Goyaz; foi lente da Escola Polytechnica, onde se formara e succedeu, depois de comprovar a sua competencia no assumpto, a Luiz Cruls na direcção do Observatorio. Falleceu aos 69 annos e deixou 9 filhos brasileiros.



Dr. Henrique Morize.

LORD BALFOUR

Falleceu em Woking, Arthur James Balfour, figura de grande projecção na politica da Inglaterra, a cuja mais antiga nobreza pertencia, descendente que era, pelo lado materno, dos historicos Cecil, que incluem na sua linhagem o philosopho Bacon, de fama universal. Lord Balfour, primeiro Visconde de Balfour, extinguiu-se em Londres, cercado do respeito e da consideração devidos pela nação britannica a um dos seus mais indiscutíveis valores e que tão assignalados serviços prestara na guerra europeia, coroando uma carreira publica das mais brilhantes.



Lord Balfour

devidos pela nação britannica a um dos seus mais indiscutíveis valores e que tão assignalados serviços prestara na guerra europeia, coroando uma carreira publica das mais brilhantes.

TELEPHONE RIO-BERLIM

A inauguração do serviço telephonico entre as capitães do Brasil e da Allemanha torna opportuno lembrar-se não só o nome do seu genial inventor, Alexandre Graham Bell, como a particularidade de ter assistido ás suas primeiras experiencias o saudoso imperador D. Pedro II, então na America do Norte. O dr. Graham Bell, falleceu em 2 de agosto de 1922 em sua residencia de Baddeck, na Nova Escocia.



Dr. Graham Bell.

A IGREJA E A RUSSIA

A' porta da basilica de S. Pedro distribuíram-se milhares de folhetos contendo a carta do Papa ao Cardeal Vigarario, publicada a 8 de fevereiro passado, e a seguinte prece: "Salvador do mundo, salve a Russia; Auxilio dos christãos, salve a Russia; Rainha dos martyres, salve a Russia". O Santo Padre Pio XI concedeu trezentos dias de indulgencia áquelles que repetirem a prece acima, concorrendo para que a Divina Providencia ponha termo á longa série de crimes monstruosos praticados na Russia Sovietica.



S. S. Pio XI

Dr. CHRISTIANO BRASIL

O Contencioso do Banco do Brasil foi desfalcado, em beneficio do Departamento de Titulos em Liquidação, do mesmo estabelecimento de credito, da figura prestigiosa e de sympathia irradiante do dr. Christiano Brasil. Advogado notavel no nosso fóro, cercado do respeito e da confiança de uma clientela vasta e da justa admiração dos seus collegas, o novo consultor juridico do Departamento de Titulos em Liquidação do Banco do Brasil, é uma personalidade que soube impôr-se nos nossos mais altos circulos mentaes pelo seu saber e pelas suas qualidades de caracter e de coração.



Dr. Christiano Brasil.

FOMENTANDO A FRUTICULTURA

Merece um registro especial o interesse que está tomando pela fruticultura no Brasil o sr. ministro da Agricultura, dr. Lyra Castro. S. Ex. reuniu ultimamente os cultores e exportadores de frutas, afim de com elles trocar idéas a respeito. Depois dessa reunião, o Serviço de Inspeção e Fomento Agricolas officiou aos demais interessados no assumpto, pedindo sugestões sobre o modo de todos collaborarem com o Ministerio para que se melhore a produção fruticola e o seu commercio de exportação. Entre as medidas julgadas necessarias, estudou-se detidamente, entabulando-se já as negociações com as varias companhias nacionais e estrangeiras, a redução de fretes maritimos e ferroviarios.



Dr. Lyra Castro.

O PREFEITO DA CAPITAL BAHIANA

*Prefeito Dr. Francisco Souza*

A capital bahiana, a velha cidade do Salvador deve o grande surto de progresso que desfruta actualmente ao seu prefeito Dr. Francisco Souza. Engenheiro dos mais notáveis do país, o Dr. Francisco Souza assumindo a chefia do executivo do município, dedicou toda a sua capacidade realizadora, toda a sua formidável organização de trabalho, a serviço dos interesses da communa. E em apenas dois annos de administração a cidade colonial vai sendo radicalmente transformada. O relatório dos serviços executados pela administração do prefeito Francisco Souza, que acompanhou a mensagem enviada por S. Ex. ao Conselho Municipal, é um testemunho eloquente da acção dynamica que tem sido desenvolvida pela Prefeitura.

Centro das possibilidades economicas do municipio, sem nenhuma operação de credito, toda a cidade foi saneada. O centro urbano e todos os bairros foram pavimentados e apresentam hoje aspecto agradável ao visitante. Os

jardins publicos foram cuidados com carinho, tendo a Prefeitura contractado um tecnico paysagista para esse serviço. O problema de iluminação, grandemente melhorado, está em vias de solução, com o plano geral a ser approved por S. Ex. O serviço da Limpeza Publica está sendo feito pelos moldes mais modernos. A remodelação da collina do Bonfim, que transformou o vetusto centro de peregrinação da capital bahiana no seu mais lindo logradouro publico, basta para recomendar a administração do Dr. Francisco Souza.

A acção do prefeito se tem feito sentir ainda, no fomento ás iniciativas particulares que se estimulava com o desenvolvimento da cidade e disso é um indice o Bairro das Nações—o quarteirão maravilhoso que vai surgindo dos terrenos conquistados ao mar e os arranha-céus que se vão construindo nos differentes pontos da cidade. Nas paginas que seguem os leitores terão uma prova do que affirmamos.

" O M A L H O " N A B A H I A

O 2º anniversario da posse do Eng. Francisco Souza na Prefeitura Municipal da cidade do Salvador

29 DE MARÇO DE 1928

29 DE MARÇO DE 1930



Palácio da Prefeitura da cidade do Salvador

Ao assumir o governo municipal e depois de examinar a situação geral da Prefeitura no tocante aos compromissos de passadas administrações, deliberou o Sr. Prefeito Francisco Souza intensificar a arrecadação das rendas com o objectivo de despendar em obras e serviços de interesse colectivo a maior somma possível sem, entretanto, deixar de attender a esses compromissos de cuja amortização estava dependente o restabelecimento do credito do primeiro municipio do Estado.

As realzações cuja synthese hoje publicamos mostram o que, nesse sentido, se tem conseguido, em dois annos de administração e sem recursos extraordinarios.

FINANÇAS MUNICIPAES

Graças ao criterio de equidade nos lançamentos dos impostos e na respectiva cobrança, a receita arrecadada em 1929 elevou-se ao total de 13.612:617.212, sem incluir as taxas relativas ao abastecimento d'agua ora a cargo do Governo do Estado e a renda da extincta Secção de Gaz e Electricidade, cujos bens e serviços foram transferidos em

Maio ás companhias concessionarias da iluminação publica e da viação ferrea urbana.

O augmento da arrecadação equivale a 25,5% da renda do exercicio de 1928, o que representa um *record* e um indice promissor de desenvolvimento das rendas como bem mostra o quadro abaixo:

	<i>Renda annual</i>	<i>Augmentos</i>
1925	7.614:754.961	—
1926	8.913:943.193	1.299:368.232
1927	9.901:680.123	987:736.930
1928	10.841:072.254	939:392.131
1929	13.612:617.212	2.771:544.958

Consoante as determinações do Prefeito foi, por outro lado, intensificada a cobrança da DIVIDA ACTIVA, conseguindo-se que essa renda eventual subisse a 2.018:408.159, em 1929, do que resultou um excedente de 813:408.159 em relação ao exercicio anterior.

" O M A L H O " N A B A H I A

AMORTIZAÇÃO DA DIVIDA INTERNA

Desde o início da gestão do actual Prefeito, em 29 de Março de 1928, até Dezembro de 1929, o Thesouro Municipal effectuou pelas verbas "Dvida interna", "Exercicios findos" e creditos especiaes, os seguintes pagamentos:

Resgate de titulos de antigas emissões	402:800.000
Resgate de apolices	65:450.000
Juros de titulos	418:629.124
Juros de apolices	44:961.660
Resgate e juros de promissorias	554:789.222
Empréstimo de 1910	124:828.426
Professorado em atrazo	1.328:670.197
Credores d'versos	724:265.359
Quota recolhida ao Thesouro do Estado, referente ao empréstimo de 1914	310:000.000
Total	3.974:393.988

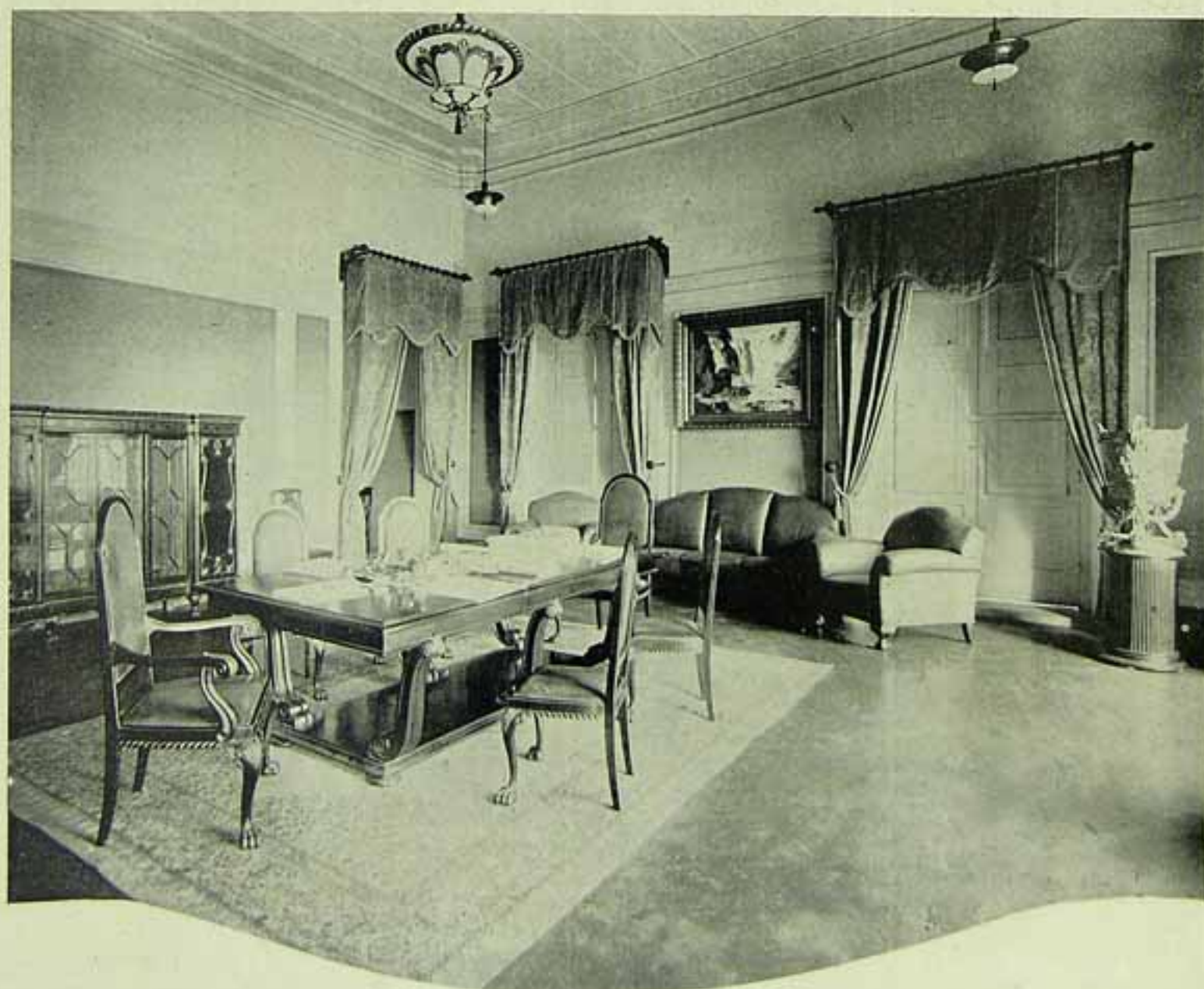
OBRAS E SERVIÇOS PUBLICOS

A verba "obras publicas", que oscillou de 400 a 800 contos no triennio 1926-1928, elevou-se a 2.500:000\$000 em 1929, de accordo com a proposta orçamentaria do Prefeito Francisco Souza.

Mesmo assim, foi insufficiente para attender ao desenvolvimento das obras, tornando-se necessario um credito adicional para cobrir toda a despesa realizada no total de 4.749:796.904 durante o exercicio.

A maior parcella desta somma applicou-se á nova pavimentação da cidade, que desde Abril de 1928 a Dezembro se estendeu pelos varios districtos urbanos, abrangendo uma area total de 160.115 metros quadrados, assim distribuida:

Calçamentos de parallelepipedos	m. ²
DISTRICTOS: Penha	19.064 03
Mares	20.482,87



O luxuoso gabinete do Prefeito, remodelado na administração Francisco Souza

" O M A L H O " N A B A H I A



A Secretaria remodelada na actual administração

Calçamentos de paralelepípedos		m. ²
DISTRICTOS:	Pilar e Conceição . . .	14.545,75
	Sé e S. Antonio . . .	16.710,23
	Nazareth e Sant'.	
	Ania	9.155,27
	Brotas	12.189,40
	S. Pedro	14.229,48
	Victoria	40.572,16

Calçamentos de tar-macadam:

Distrito da Victoria	6.605,95
--------------------------------	----------

Empedramentos concretizados	6.559,46
---------------------------------------	----------

Outras obras foram realizadas, entre as quaes se destacam pela sua importancia as de completa remodelação da Collina e Baixada do Bomfim, o logradouro mais frequentado porque ali se ergue o templo de N. Senhor Jesus do Bomfim, o Padroeiro da Cidade, além de ser o ponto de onde se descortina a mais bella perspectiva da velha metropole de Thomé de Souza.

Construiu-se, tambem, a rodovia da Cruz das Almas, ligando os apraziveis bairros de Brotas e R'io Vermelho.

O Asylo de Mendicidade, custeado pela Prefeitura, e que abriga em média 240 indigentes, teve os seus serviços internos ampliados e melhorados com a reforma completa de uma das enfermarias, construcção de um necroterio, installa-

ESPIRITO DE IMITAÇÃO



Dona Tiburtina fez escola na Parahyba!

ÊTA BICHO PRETENCIOSO!



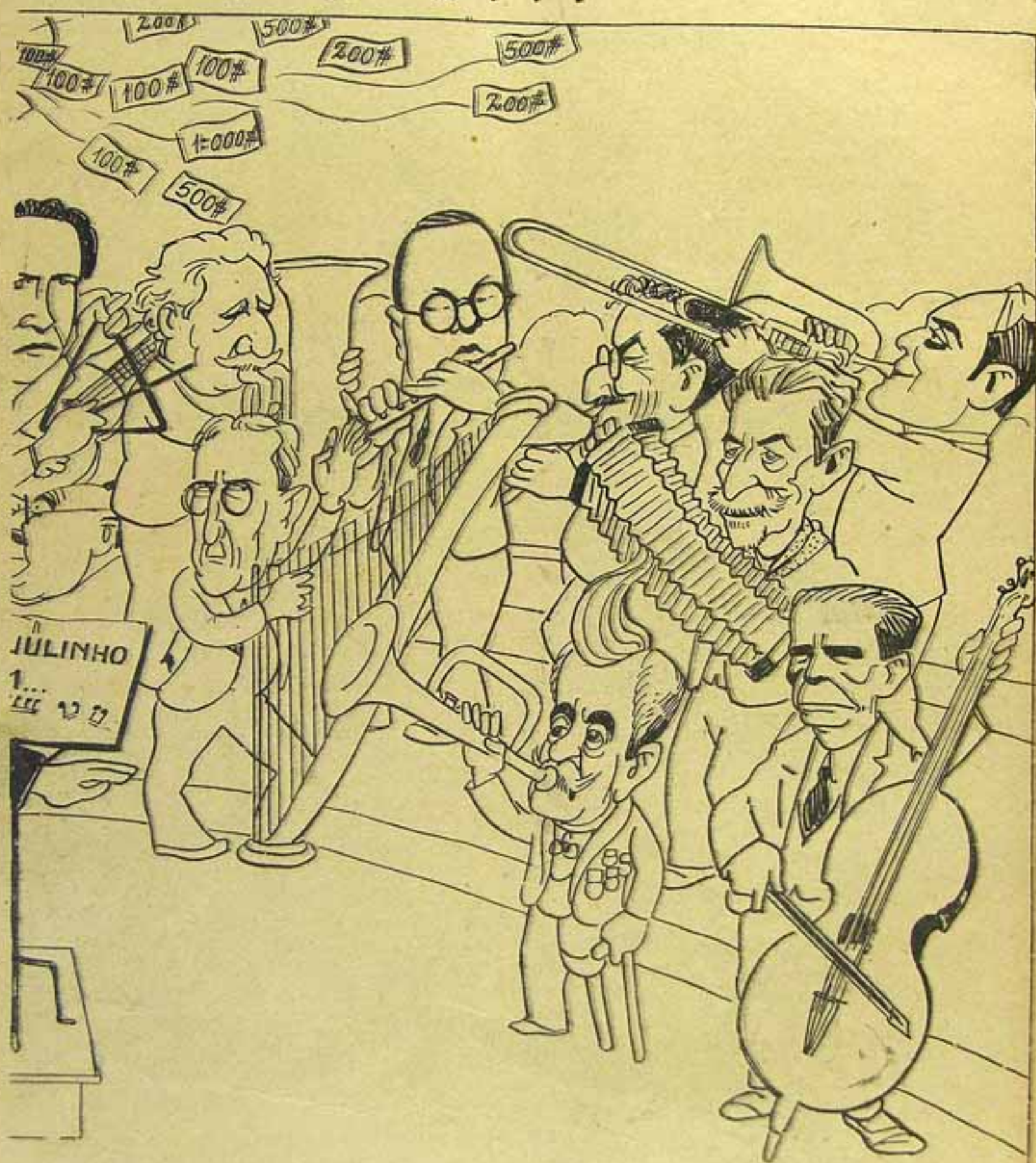
O LEÃO DO NORTE: — Não, amigo macaco, Você é está redondamente enganado. Eu não dei, como você diz, o meu apoio aos seus inimigos em Princesa.

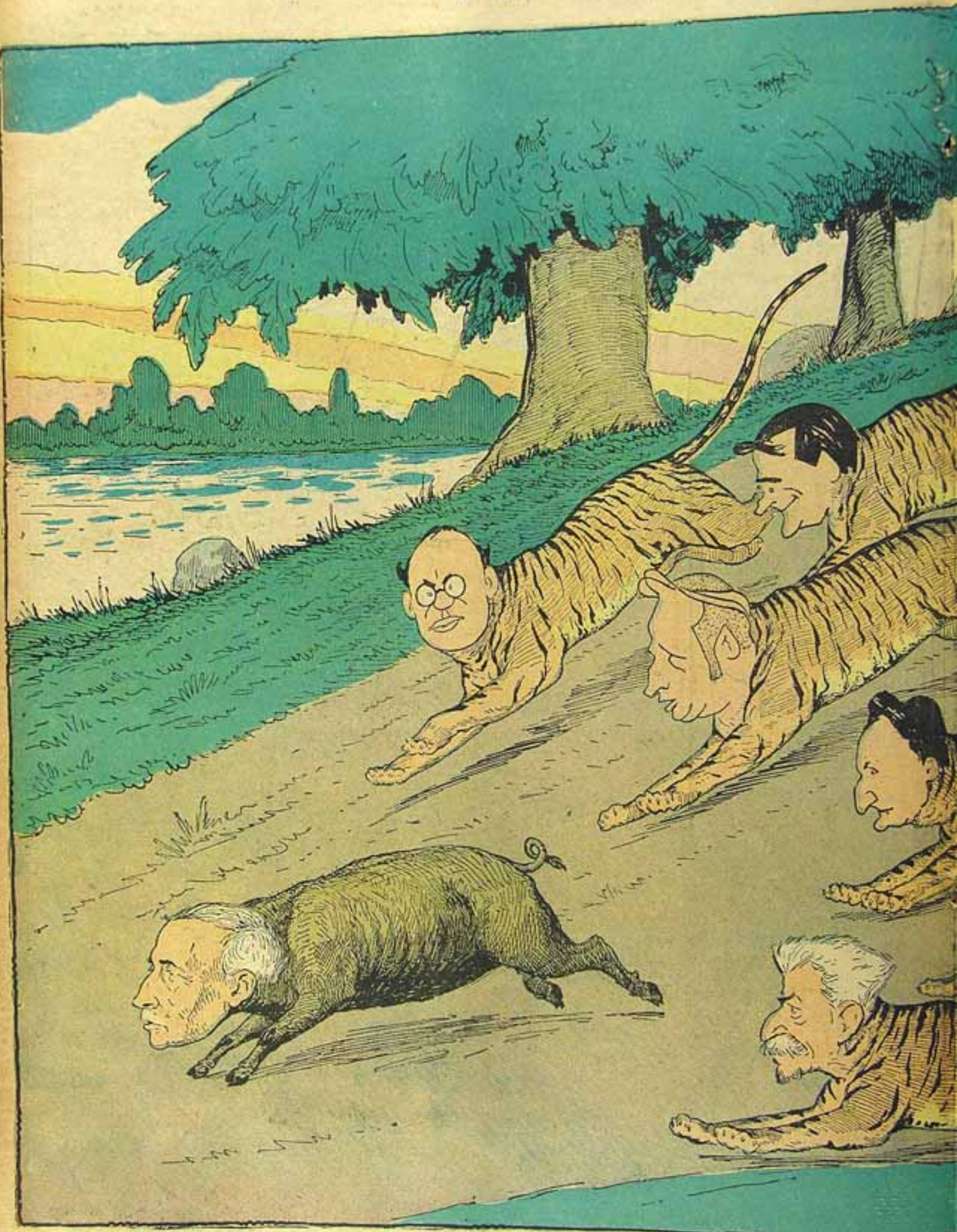
O MACACO: — Foi bom você me dizer isso. Porque eu já estava pensando em lhe dar muitos cascudos.

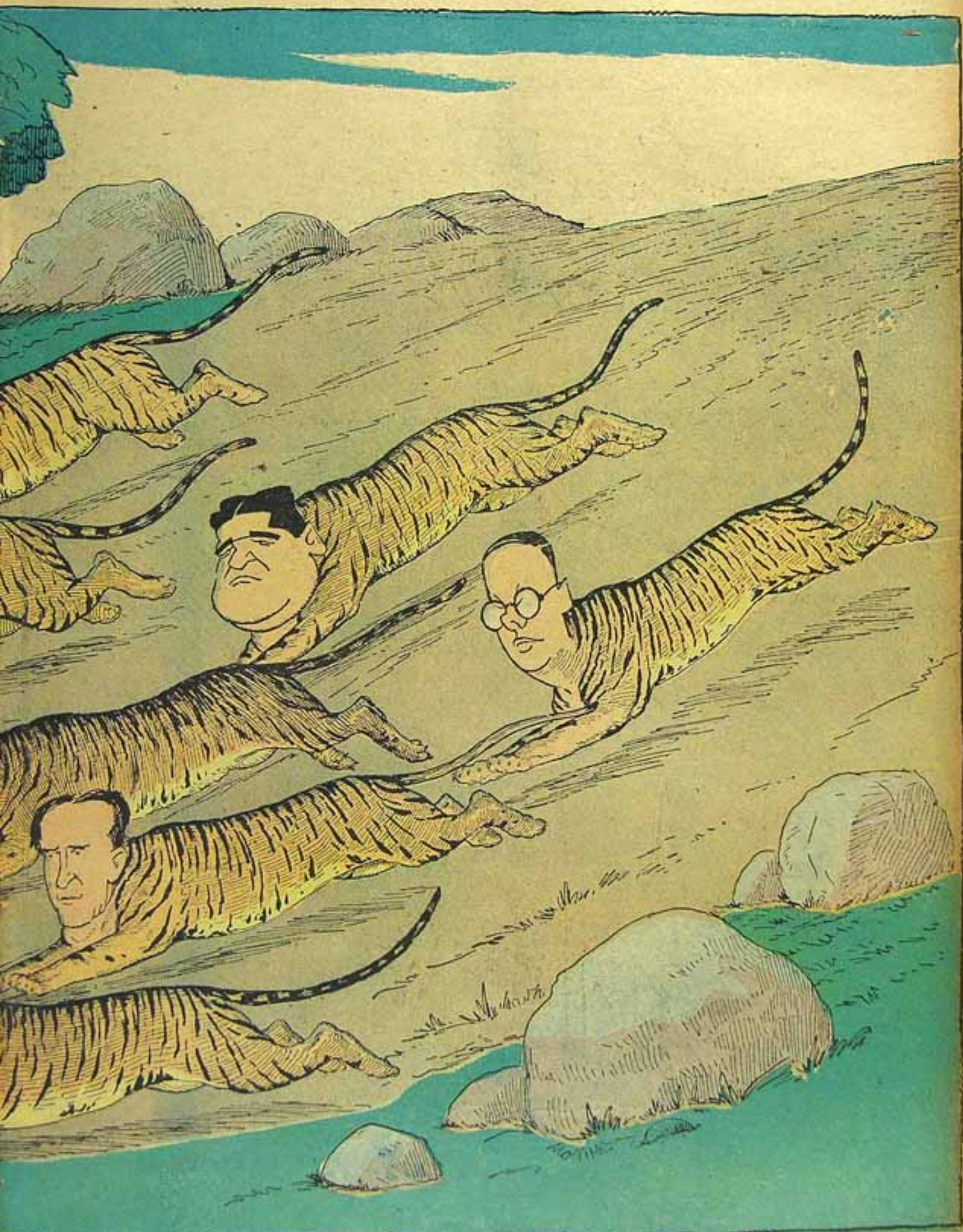
C O N C E R



T A N D O . . .

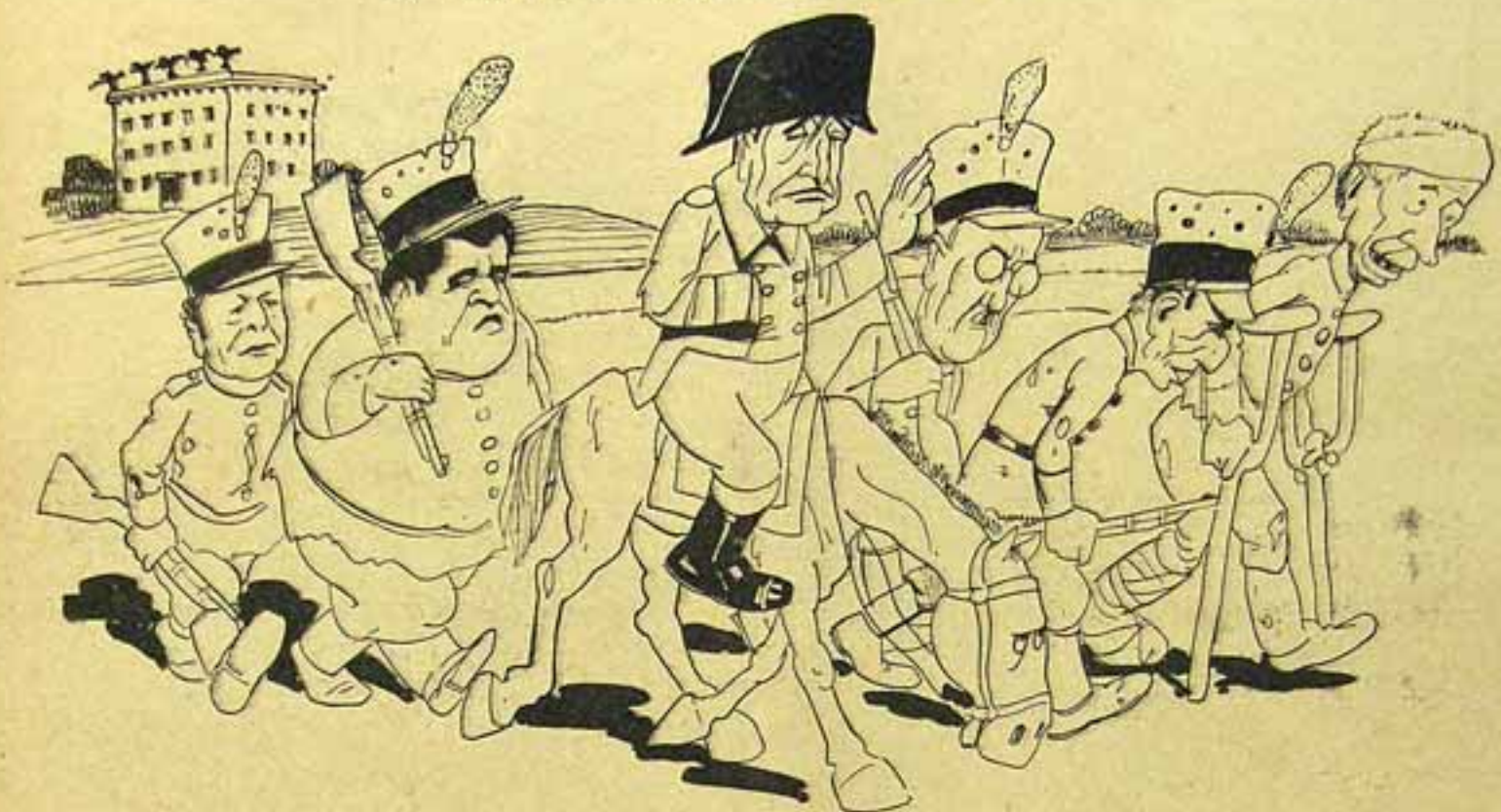






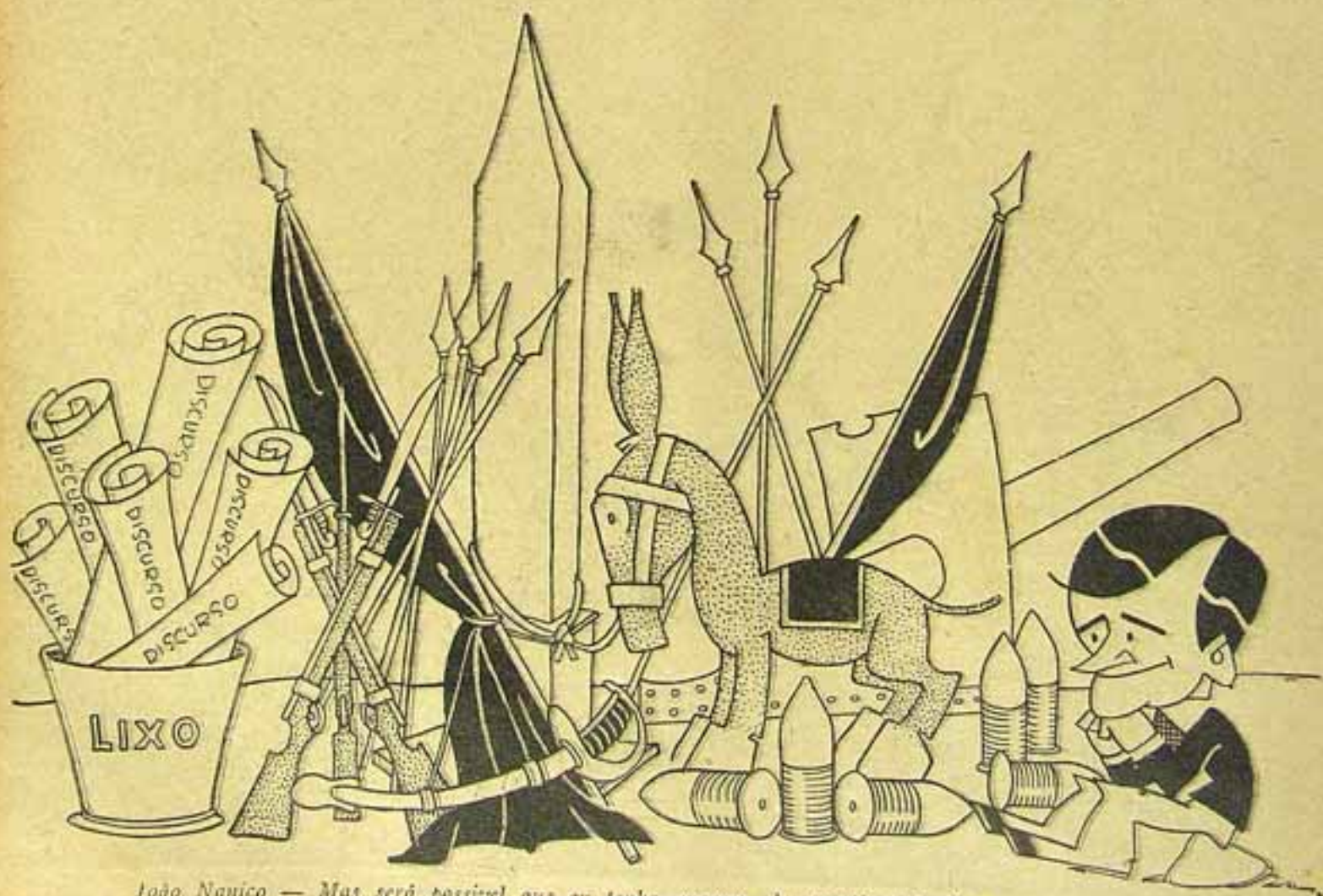
W A T E R L O O L I B E R A L

A VOLTA DOS VENCEDORES



O Napoleão das pompas e seu estado maior depois de terem tomado a "praça" do Catete, regressam, ebrios de entusiasmo, ao quartel general das forças liberais, entoando hinos à vitória.

O A R S E N A L



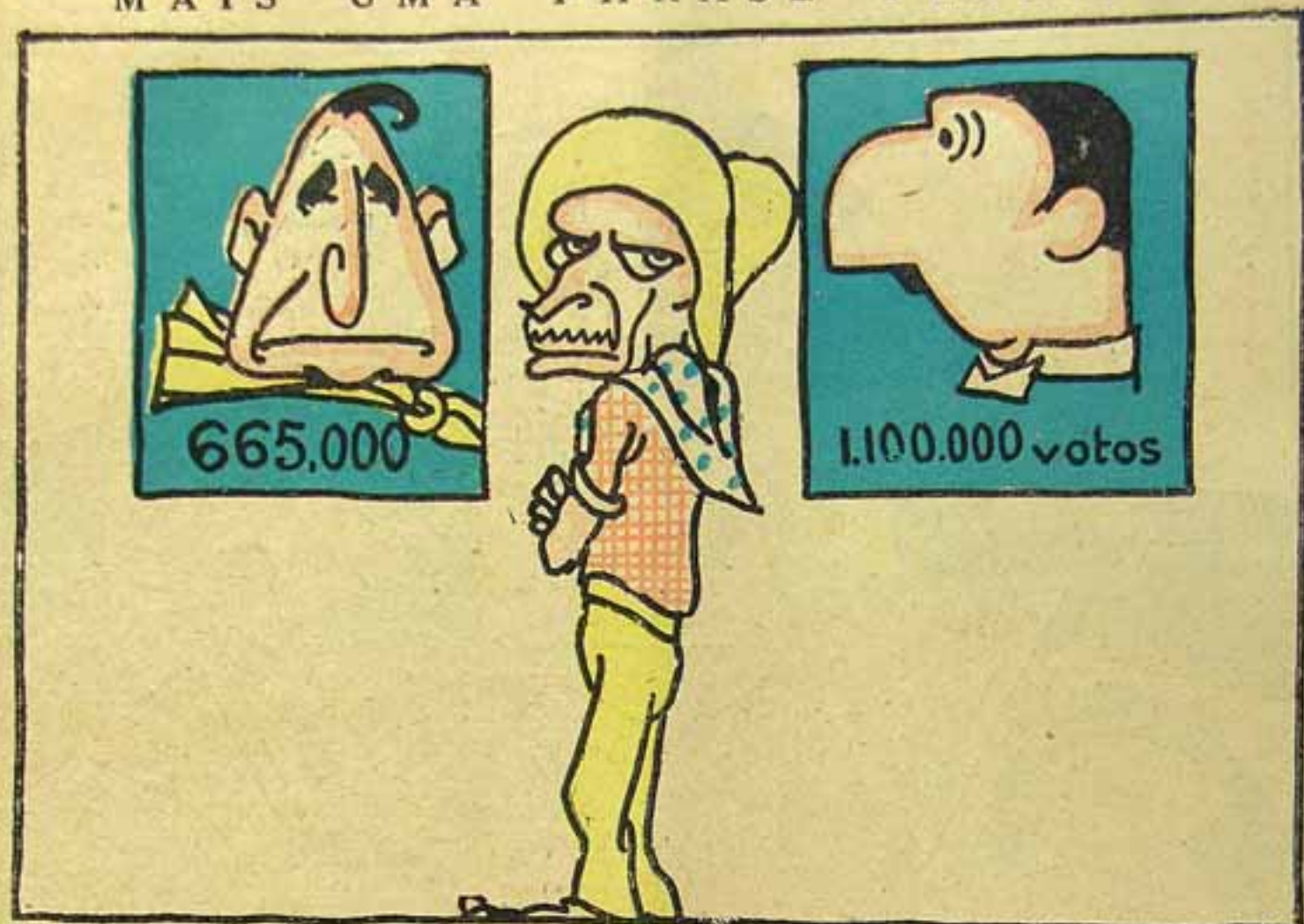
João Nanico — Mas será possível que eu tenha, mesmo, de ergulir tudo isso!

QUE É DO DR. JULIANO MOREIRA?

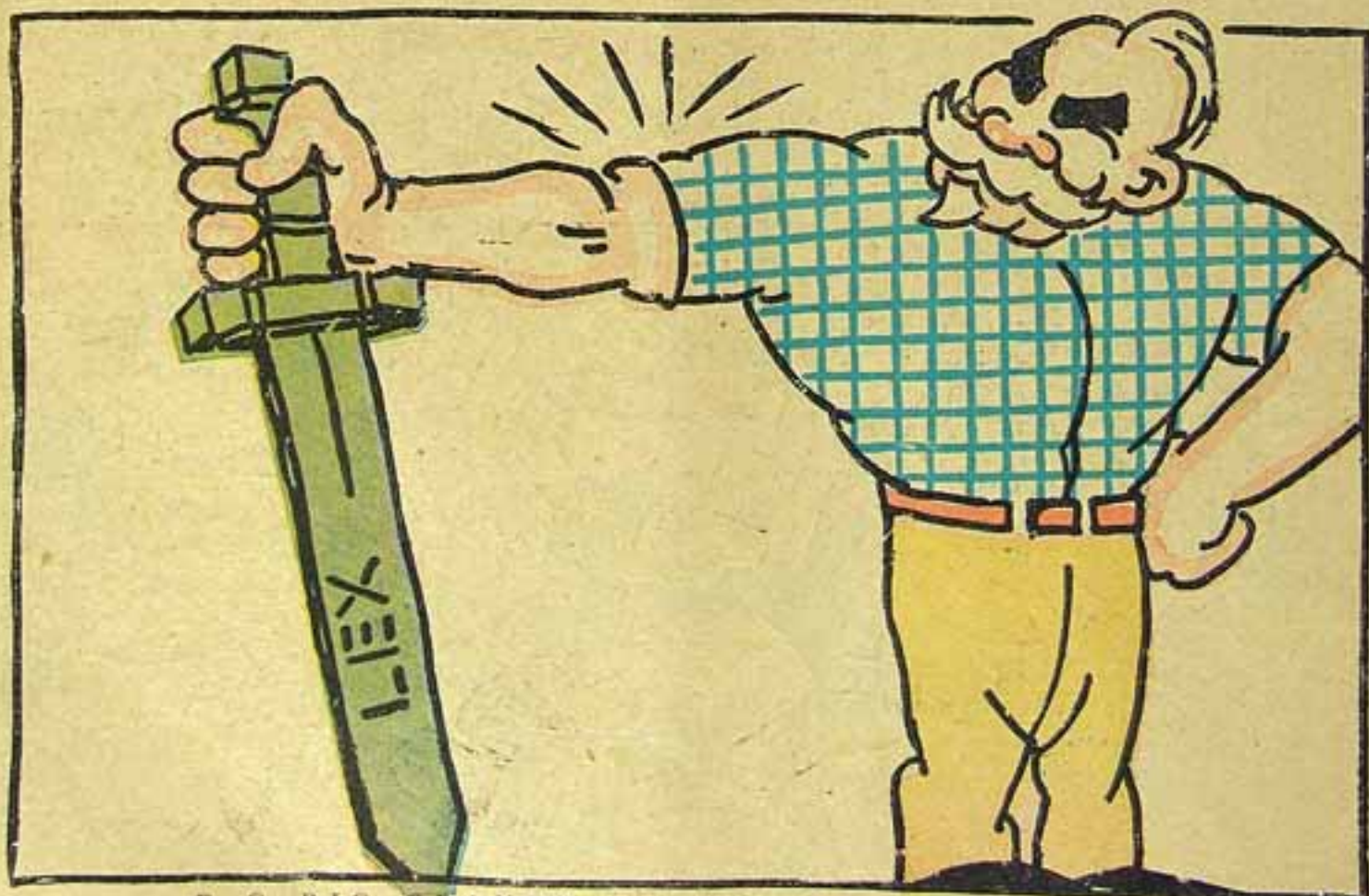


Em casa onde não há votação, todos gritam e ninguém tem razão.

MAIS UMA PHRASE PERDIDA



MINAS NÃO ELEGEU



E O RIO GRANDE DO SUL NÃO EMPOSSARA

" O M A L H O " N A B A H I A



Prefeitura da cidade do Salvador — O Thesouro Municipal, remodelado na actual administração

ção de cosinha e lavanderia mecânicas, e aquisição de dois carros auto-ambulancias um dos quaes para o serviço funerário e outro destinado ao transporte de indigentes.

O Palacio da Prefeitura foi completamente remodelado, recebendo installação de luz do systema "Nova-lux", pinturas e mobiliarios novos, o Gabinete do Prefeito, a Secretaria e o Thesouro Municipal.

Entre os serviços municipaes em via de organização destaca-se o da Limpeza Publica, para o qual a Prefeitura adquiriu em Dezembro do anno passado trinta e dois autocaminhões da marca Willys-Knight, providos de carroseries de aço, apropriadas ao fim a que se destinam.

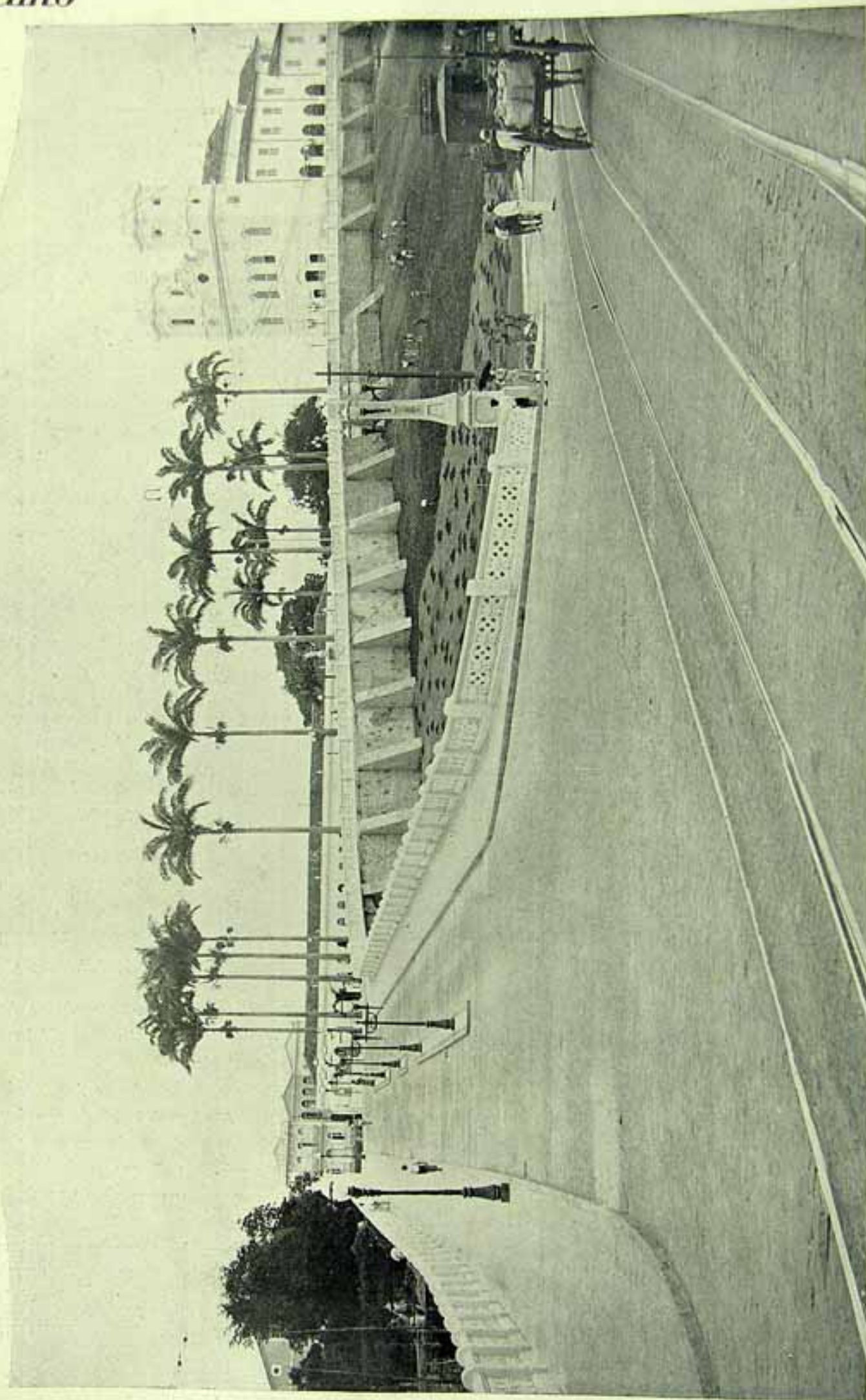
Foram contractados, tambem, o fornecimento e a installação de material para duas usinas incineratorias do Exo,

do typo "DECARIE", geralmente empregado na America do Norte, tendo capacidade para destruir, em 24 horas, de 180 a 250 toneladas de detritos.

Esse material que deverá chegar dos Estados Unidos no proximo mez de Abril, será installado sem demora, para entrar em funcionamento dentro de quatro a cinco mezes.

A illuminação publica melhorou sensivelmente na zona central urbana, encontrando-se em via de conclusão o plano geral pelo systema sér'e.

Outros serviços municipaes mereceram tambem a attenção do Prefeito, convindo salientar o de apprehensão de cães errantes nas vias publicas, que foi installado em Fevereiro de 1929 e vae se desenvolvendo como é necessario.



Obras de remodelação do Bomfim — Vista de conjunto

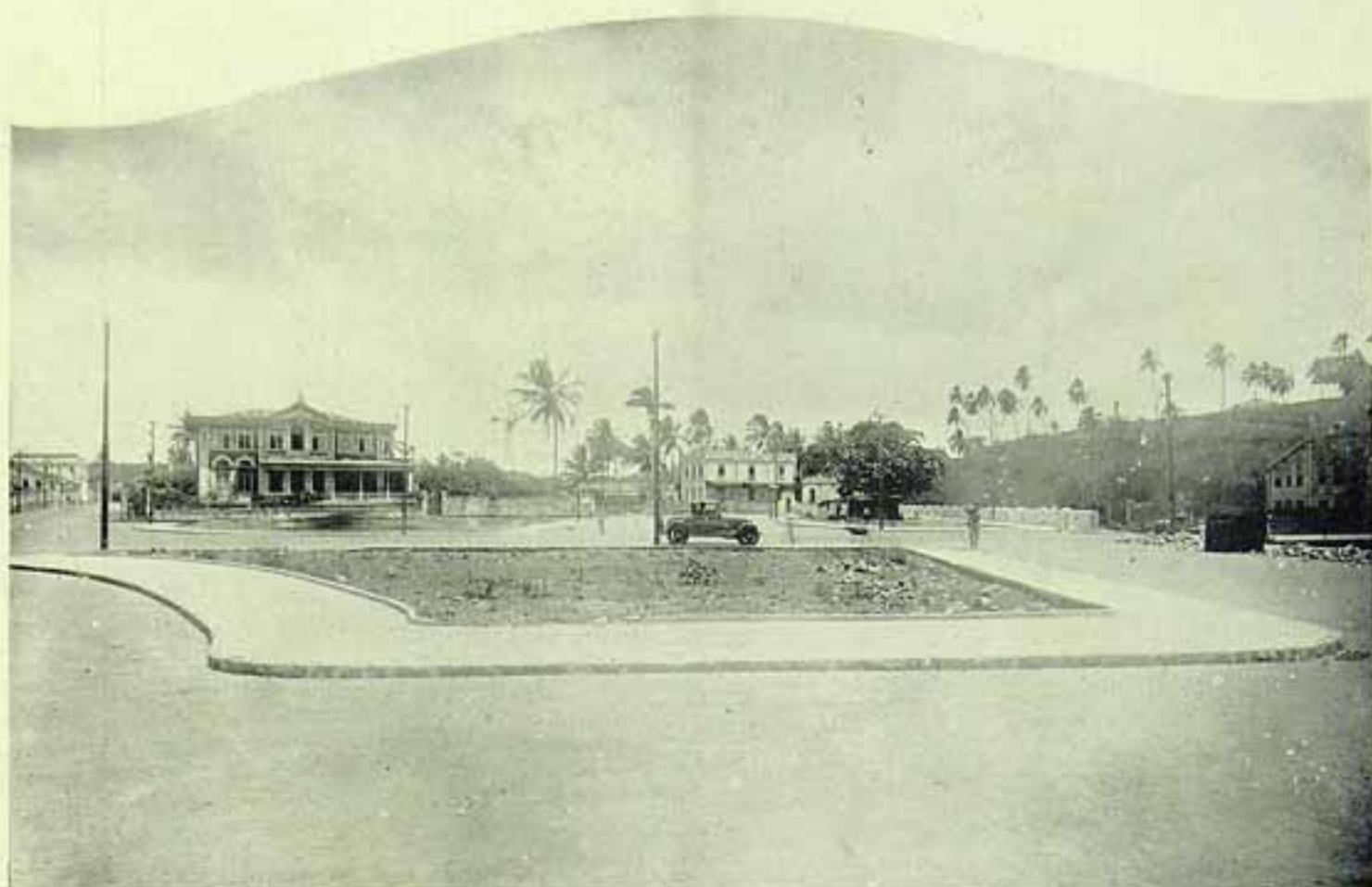
"O MALHO"

NA BAHIA



O Largo do Bomfim, depois de reformado pelo actual p refeito Dr. Francisco Souza

" O MALHO " NA BAHIA



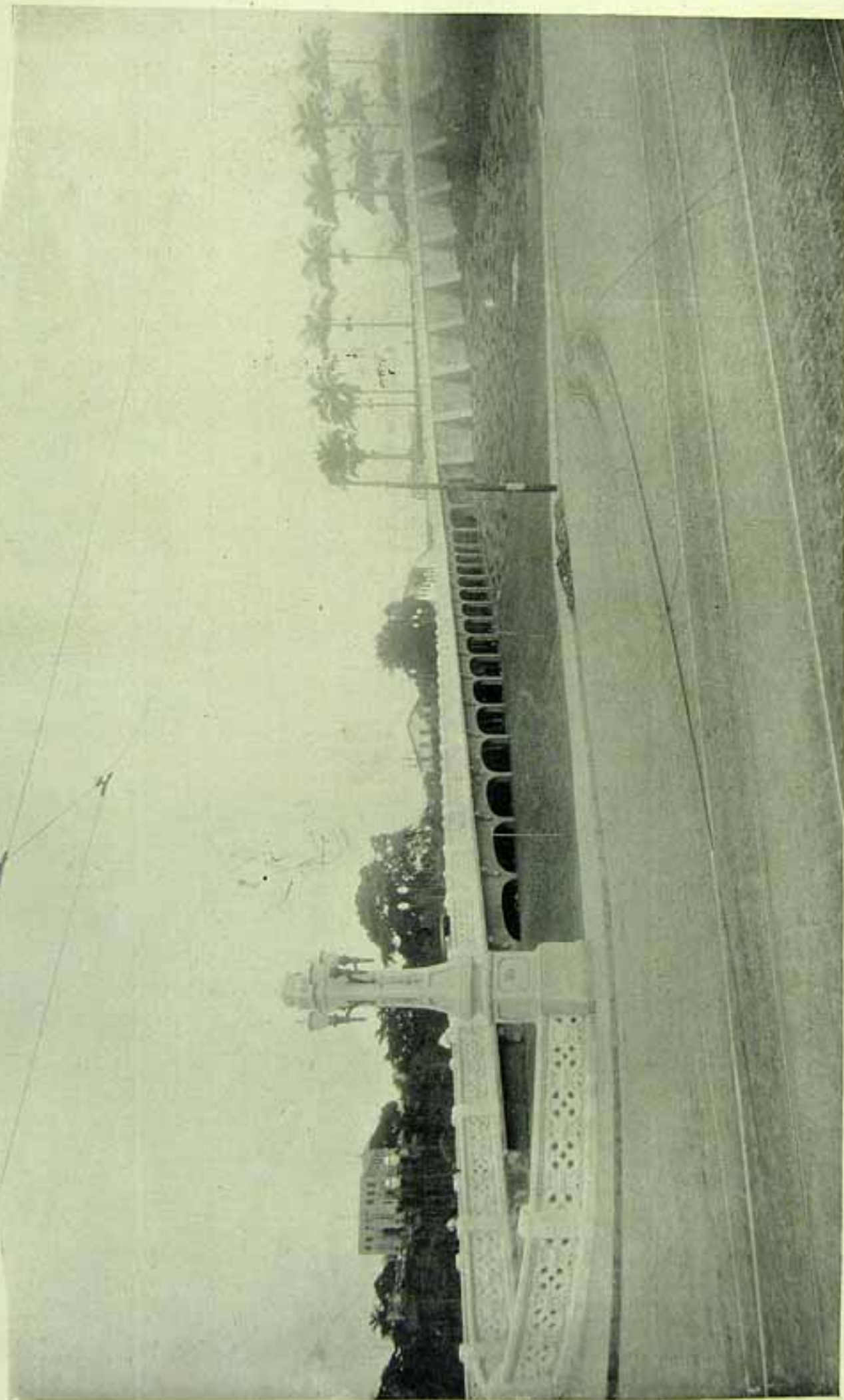
A Praça Colombo — Rio Vermelho — Obras de sua remodelação, pavimentação e ajardinamento



Estrada de rodagem ligando o arrabalde de Brotas ao Rio Vermelho, construída na actual administração municipal

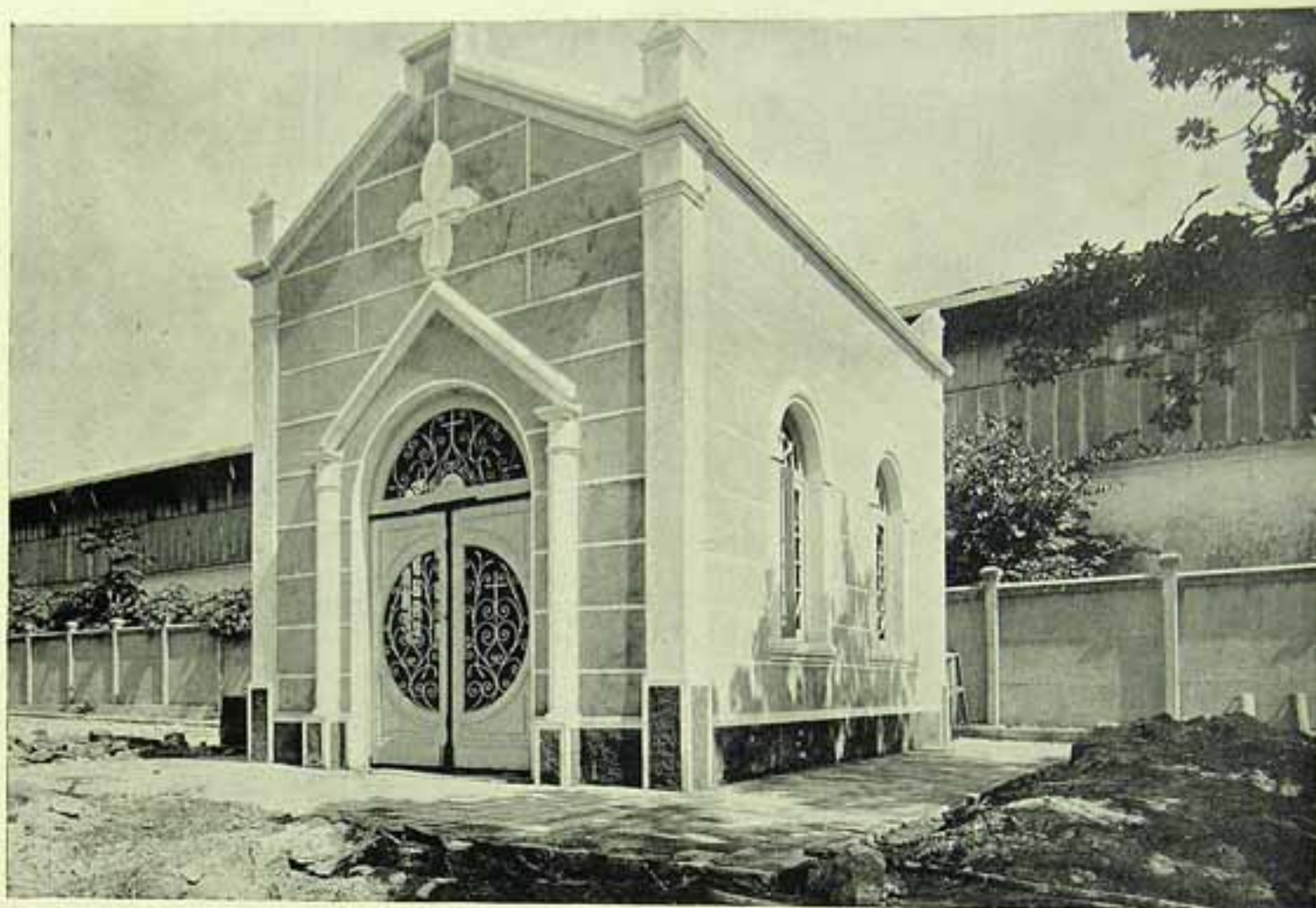
"O MALHO"

NA BAHIA

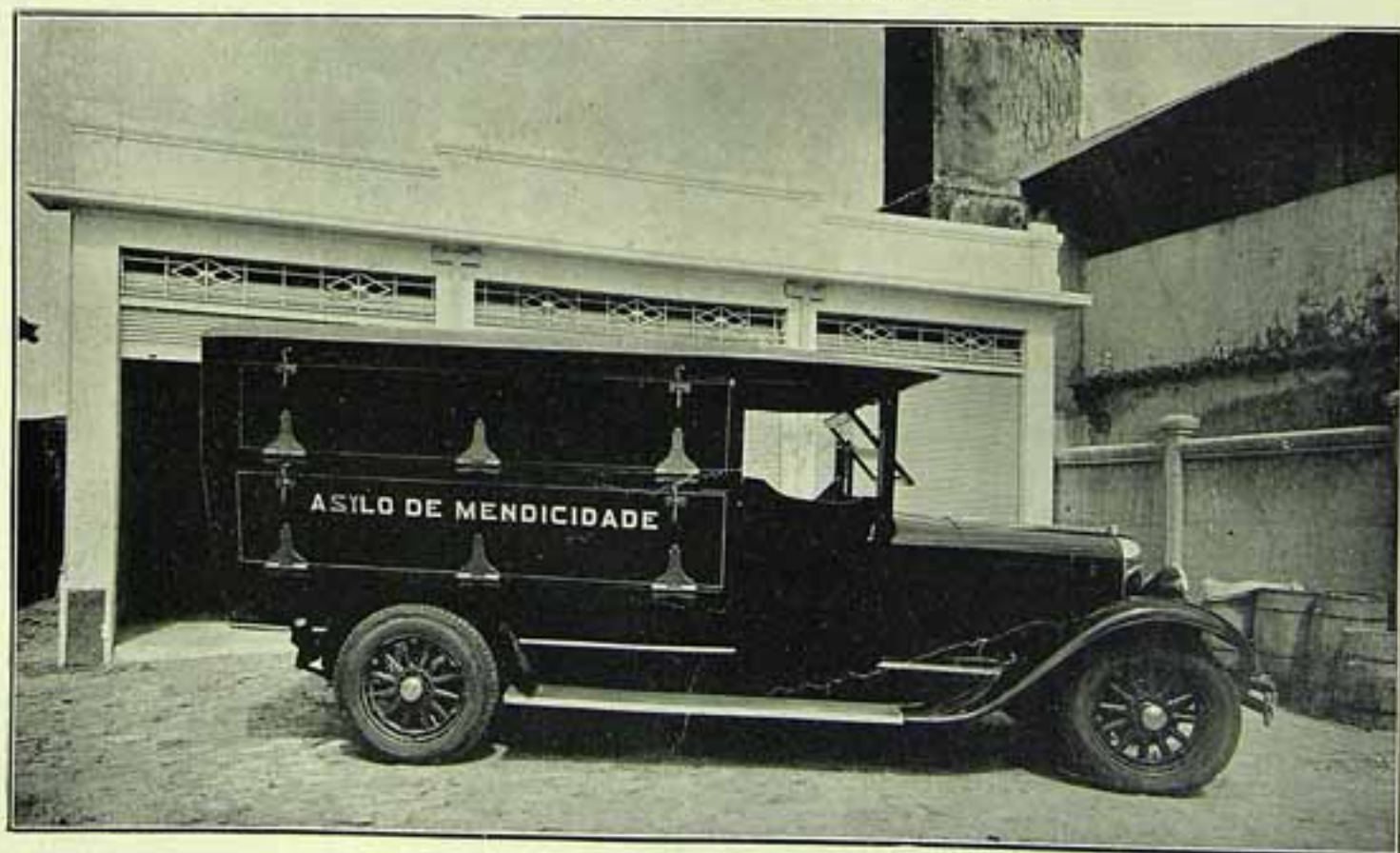


Ponte de concreto armado construída para alargar-se a Ladeira do Bonfim

" O M A L H O " N A B A H I A



Necrotério do Asylo de Mendicidade, construído em 1929



Novo carro funerario do Asylo de Mendicidade

AS MODERNAS REALIZAÇÕES DO COMMERCIO

A INAUGURAÇÃO DA PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA BRAGANÇA

Botafogo não perde a primazia que conquistou de bairro distinto e moderno. A evolução, que o progresso impõe, opera-se em Botafogo ativa e inteligente, aformoseando o bairro e dotando os moradores da linda parte da cidade de excelentes e confortáveis estabelecimentos que encheriam do mais justo orgulho qualquer paiz que os possuísse. Está nesse caso a Panificação e Confeitaria Bragança, inaugurada no dia 19 deste mez, á rua Voluntários da Pátria n. 318, pela acção intelligente e operosa de seus dignos proprietários, os Srs. Luciano Augusto Rodrigues e Joaquim Teixeira da Cunha, dois valores poderosos no commercio do Brasil. Só quem assistiu á inauguração do luxuoso estabelecimento que é a Panificação e Confeitaria Bragança poderá fazer uma idéa do quanto podem a capacidade de realização e o bom gosto dos intelligentes homens de commercio que dotaram Botafogo de uma casa que, sem favor, é a primeira, no genero, da America do Sul.

Ali se podem locomover á vontade um grandissimo numero de empregados, pois a extensão do salão é realmente fôra do commum. A loja é elegante e confortavel, sendo as suas armações de fino gosto artistico e moderno.

Convém notar-se que a Padaria e Confeitaria Bragança acha-se installada em magestoso predio construido especial-



A fachada do edificio da Panificação e Confeitaria Bragança, construido especialmente, á rua Voluntários da Pátria.

mente para esse fim, o que explica a razão da commodidade interna do estabelecimento.

A cerimonia inaugural foi precedida da benção da casa, do que se incumbiu o Rev. Alfredo Gonçalves, vigário da Matriz de São João Baptista, que no fim, fez ligeira allocução aos convidados.

O Sr. desembargador Romeiro, na qualidade de amigo da firma, fez a saudação official, tendo sido tambem trocados outros brindes.

Os Srs. Luciano Augusto Rodrigues

e Joaquim Teixeira Cunha gosam de merecidissimo conceito no aristocratico bairro de Botafogo, pois são commerciantes cuja casa ha cerca de 50 annos se achava funcionando naquella rua, no n. 276. Aos convidados foram offerecidos doces e bebidas finas em profusão, notando-se entre os presentes a maior alegria e cordialidade. Entre outras personagens de destaque notámos o Exmo. Sr. Dr. Luiz Barbosa, desembargador Romeiro, Rev. Alfredo Gonçalves e outros. No acto inaugural pelos representantes da imprensa, foi escolhida a senhorinha Maria José Ferreira para madrinha da inauguração. da Panificação e Confeitaria Bragança, estabelecimento que vai ter a preferéncia dos moradores e familias de Botafogo, pois será um centro da mais requintada elegancia e dos mais completos no apparelhamento de que dispões para attender a distincta clientela.



O GRANDE INCENDIO DA SEMANA PASSADA — Fachadas dos edificios sinistrados no incendio de segunda-feira, 17, iniciado no predio em construcção de "O Jornal" e que destruiu por completo a Casa Kastrup & Emingh, uma das mais conceituadas firmas da nossa praça.

UMA FESTA DE SYMPATHIA

O almoço que os amigos e admiradores do Dr. Mario Cabral lhe ofereceram, sabbado ultimo, sahio dos moldes communs dos banquetes politicos, para se revestir de um cunho da mais alta cordialidade, tão expontaneo o reconhecimento



O Dr. Mario Cabral entre os seus amigos que o homenagearam

to de todos do valor intellectual e moral do joven engenheiro, que na recente campanha eleitoral desempenhou papel de effi-ciencia invulgar para a v'etoria dos candidatos nacionaes á presidencia e á vice-presidencia da Republica.



Aspecto tomado durante o banquete ao director da E. de Ferro Rio D'Ouro



SÃO PAULO — Na porta da Basilica de S. Bento, quando o Presidente Julio Prestes se retirava depois de assistir a missa em regosijo pela passagem de seu anniversario natalicio.

" O M A L H O " N A B A H I A



O Dr. Vital Soares ao reassumir o governo da Bahia, assignando o respectivo compromisso legal

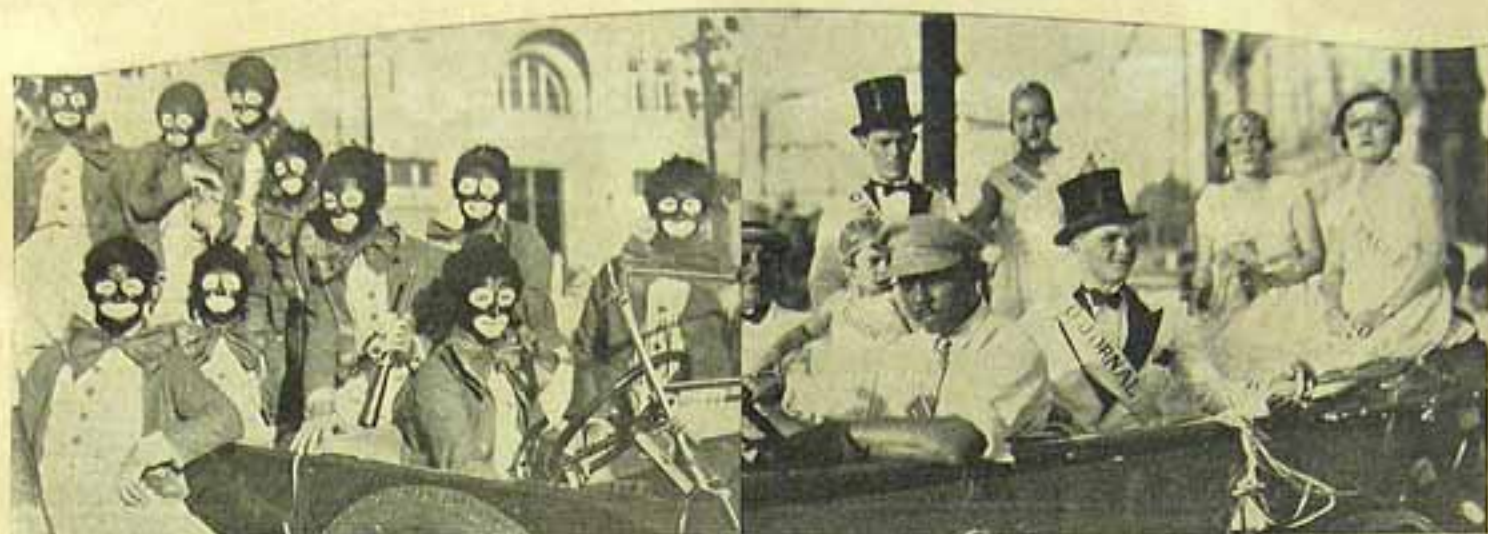


*As eleições na capital
senador Miguel Cal
na secção de Nazaré*

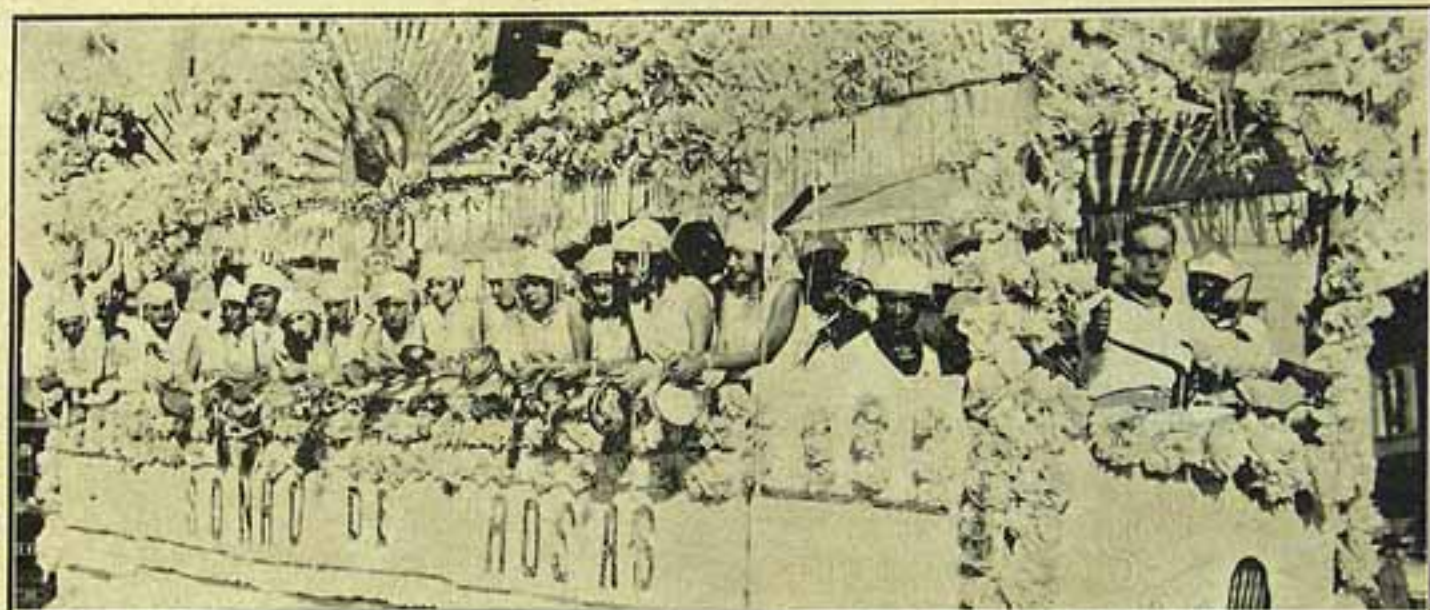
entre os professores da Faculdade de Medicina Drs. Antonio Borja e Anísio de Circundet.

*baiana, vendo-se o
mon depois de votar
reth. S. Ex. está*

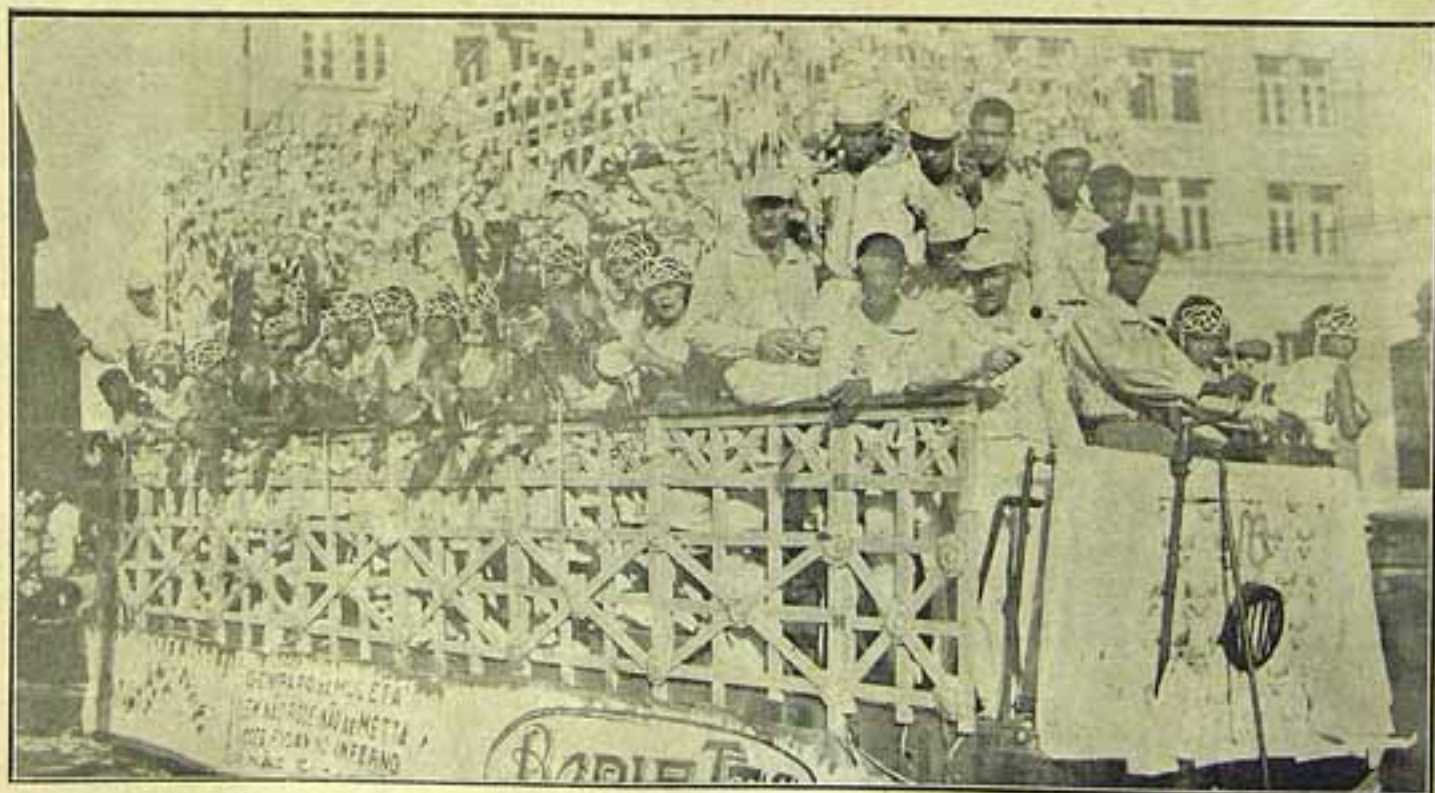
O CARNAVAL NA BAHIA



Os carros dos "Liberacs" e homenagem à imprensa bahiana



O carro "Sonho de Rosas"



O carro "Quando o Amor esfria..."

Remington

É hoje a machina de escrever que mais accellção tem no mundo inteiro.

Uma resistencia insuperavel, accção rapida, o "toque natural" e trabalho nitido, são algumas das qualidades que fizeram a "Remington" conquistar a supremacia universal.

Pecam uma demonstração sem compromisso de compra á



A machina que satisfaz



Casa Pratt

Rua do Ouvidor, 123-125 Praça da Sé, 16-18
RIO DE JANEIRO S. PAULO

Filiaes ou Agencias em todos os Estados do Brasil

LIVRO VERMELHO DOS TELEPHONES — Lista não official

Está publicada a edição para 1930 deste excellente catalogo telephonico, editado pelos Srs. M. Salaverry & Cia.

Como as edições anteriores, a do corrente anno divide-se em varias secções, facilitando o encontro de qualquer endereço por uma só indicação que se tenha, como rua, profissão, numero, ou nome.

Perde-se ás vezes um tempo longo, e precioso, á espera de que a telephonista attenda para informar qual é o numero da casa numero tal em determinada rua. O *Livro Vermelho dos Telephones* (Lista não official), permite a economia desse tempo, porque basta procurar-se, na secção *Ruas* o numero do aparelho desejado, e logo se o encontra. O mesmo exemplo serve para quem, tendo apenas um numero de aparelho, deseja saber a quem elle pertence, ou em que rua e numero está. Procurará, no precioso annuario dos Srs. M. Salaverry & Cia., na secção *Nomes* ou na secção *Numeros*, e obterá a informação desejada. A secção *Profissionais* é analogá á mesma secção do catalogo commum da Telephonica.

Augmentam a utilidade do *Livro Vermelho dos Telephones* para todas as

classes, todas as profissões, como para o proprio lar, duas outras secções: *Automoveis* e *Caixas Postaes*. A primeira, sabido o numero de um automovel, permite que se saiba a quem pertence, a garage em que é guardado e até a sua marca. Faz-se prestabilissima,

quando, por exemplo, um passageiro esquece um livro, uma bolsa, um objecto qualquer no taxi, como é habitual acontecer.

A secção *Caixas Postaes* não é menos util. Permite ella que se saiba, rapidamente, com quem se ha de tratar, quando o interesse nasce de um annuncio sem outra indicação.

Aqui conveniem lembrar ser o *Livro Vermelho dos Telephones* a unica fonte de informação de caixas postaes de que dispomos, o que é indispensavel a todo commerciante, ou industrial.

O *Livro Vermelho dos Telephones* é um catalogo, uma lista não official, vendido nas principaes livrarias. A sua apresentação material elegante, artistica mesmo, tornam-no proprio a ser visto em qualquer escriptorio, mesmo nos aristocraticos gabinetes de estudo das residencias ricas. E tudo isto pelo insignificante preço de 20\$000 o exemplar, importancia que se multiplica em lucros para o seu possuidor, que com elle evita aborrecimentos, perda de tempo e mesmo, em alguns casos, economiza dinheiro que seria gasto na falta dessas informações á mão.



José Ramos da Silva, sub-official da Armada.



*Cremilda Vieira Braz - José
S. de Souza Lino,*

*João Baptista Nogueira - Julia
de Mattos.*

*João Pereira - Hilda da Silva
Amaral,*

ENLACES



*Orlando
Baptista
Rosas
—
Conceição
d'Avila
Rosas.*



*Antonio
Jandyroba
Amaral
—
Etelvina
Marques
Teixeira,*



A resaca, na Avenida Beira-Mar.

ENTARDECER

Badala o sino,
Num tom monotonico de quem não é triste nem alegre...
A tarde vae descendo, assim com uns longes de tristeza.
E uns longes de alegria,
Vagamente e indefinidamente,
Deixando a gente
Numa melancolia doce... scismando tanta coisa...
alegre e triste...

Que se não define bem.
E o sino vagaroso continúa a badalar.
Os que têm Deus,
Em silencio se põem a rezar... contrictos...
E os que não têm Deus,
Em silencio se põem a meditar... tristonhos...
Pensando tanta coisa!
Na tristeza da tarde que aos poucos agoniza,
Na melancolia do sino que plange mollemente,
E aos poucos, sem que se perceba,
Séria como uma freira já velhinha,
A noite desce e o som do sino, morre, em rapida agonía,
Numa ultima nota
Angustiada e dolente...

Narciso Antonio

Dois
passos simples...

Para Unhas Perfeitas

QUE importa mãos que attrahem quando as unhas forem descuidadas! A forma e belleza das unhas dependem do trato que se der á cuticula. Nunca deve esta ser cortada, porque assim fica defeituosa, aspera e feia. Mantenha-a suave e bem formada com este facil methodo Cutex.

PRIMEIRO: Humedeça tacho de algodão no Removedor da Cuticula, Cutex, passando-o levemente por baixo e em volta da raiz da unha; empurrando a cuticula para traz, dando assim uma forma perfeita e destacando a meia lua da base das unhas. Repare como o Removedor da Cuticula tira qualquer mancha das unhas. Lave as mãos em agua pura e retire a pelle amolecida que o Removedor tenha desprendido.

SEGUNDO: Dê ás unhas esse brilho natural que só Esmalte Cutex pode dar, si V. Ex. preferir, ponha nas unhas um dos afamados Brilhos Cutex em Creme, Pó ou Tijolinho.

Removedor de
Cuticula

Cutex

SEIS MANICURAS COMPLETAS — SO' 15
TOSTÕES — MANDE HOJE MESMO O COUPON

Córt e mande registrado hoje mesmo, 5 sellos
novos de 300 réis, ou, caso more no Rio, pro-
cure J. Martins — Rua Haddock Lobo, 30 — Rio.

Nome

Rua e N.

Cidade

Estado 303—MA—PAB

Matto Grosso — Zona Nordeste do Brasil — Uma criação
de porcos no sertão longinquo.

Grande Concurso de Contos Brasileiros

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionais — considerando o enorme sucesso que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionais e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentivar os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passatempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES:

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

- 1) Poderão concorrer ao grande concurso de contos brasileiros de "O Malho" todos e quaesquer trabalhos literarios, de qualquer estylo ou qualquer escola.
- 2) Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographadas.
- 3) Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.
- 4) Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionais, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.
- 5) Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contemham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.
- 6) Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de ou-

tro envelope fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fora, o titulo do trabalho.

- 7) Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.
- 8) E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS:

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º lugar	Rs. 300\$000
2º "	Rs. 200\$000
3º "	Rs. 100\$000
4º, 5º, e 6º collocados, cada	Rs. 50\$000

Do 7º ao 15º collocados — (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para Todos", "Cinearte" ou "O Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o

„Grande Concurso de Contos Brasileiros”

Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — RIO DE JANEIRO



mulher que inventou o mysterio

De Mattos Pinto

Ilustração de MOREL, especial para O MALHO.

artes distintas mas que se parecem tanto pela concepção original. Para alcançá-la subia-se por uma escadaria de mosaico azul; e era de vêr a rara beleza da perspectiva, quasi imbutida no seio da terra. Quem a visse de longe, sentia a exótica illusão de que fôra erigida verticalmente e sem apoio, apenas segura nos fundos pelo guante da natureza caprichosa.

Ha, certamente, no Rio, logares, onde a riqueza e a opulencia dos encantos paysagísticos sejam maiores. Em Santa Thereza, porém, o accidentado do terreno fez mais original e peculiar a natureza, dando-lhe uma physionomia distincta. As depressões rápidas e os relevos frisantes da terra que se curva aqui e soergue-se além, sobrecarregada dos ricos "bungalows", dois fauceiros "chalets", dos innumeros estylos mestiçados pela fantasia, accrescem-lhe a suggestividade.

Nesse sereno remanso morava Clara Ravasco. Quando Edgard Palhares chegou á residencia da cearense, grupos de populares palteavam pelas cercanias commentando o crime e propalando boatos extravagantes.

Commentava-se tudo e a imaginação do povo que se mostra sempre fértil em superstições, inventava origens imaginarias para explicar a tragedia. A

curiosidade estampava-se nas physionomias misturando-se a uma especie de vago temor, muito commum nos acontecimentos superiores á mediocridade mental do vulgo. Era que o crime não se revestia desse romantismo amoroso e fútil, que já vicia o espirito carioeca habituado aos assassinios por amor. — Este teria sido ainda um crime amoroso?! Talvez! Aquella bella mulher com as capitosas côres do seu rosto morenuo, um seio tão lindo de graciosidade e o corpo retocado pela maravilha da verdadeira formosura, — era certamente amada por algum elegante ciumento e apaixonado furioso.

O mysterio não se revelava. E, quando Edgard Palhares saltou do auto, na sua sobria elegancia de homem dado ás theorias, no vigor dos seus trinta e sete annos, o rosto sério e pensativo, — houve quem visse nelle o criminoso que vinha beijar a amante e admirar a perfeição do seu crime silencioso.

No portão que dava entrada á escadaria azul de mosaico, um guarda impedia o ingresso dos curiosos e informava com gestos autoritarios a indigrecção das perguntas. Clara ao vel-o chorou. Estava pallida; e os lindos olhos vermelhos haviam de ter vertido copiosas e abundantissimas lagrimas.

Era sincera e commovente a sua dôr. Foram então ver o morto, que se achava velado por algumas pessoas da vizinhança.

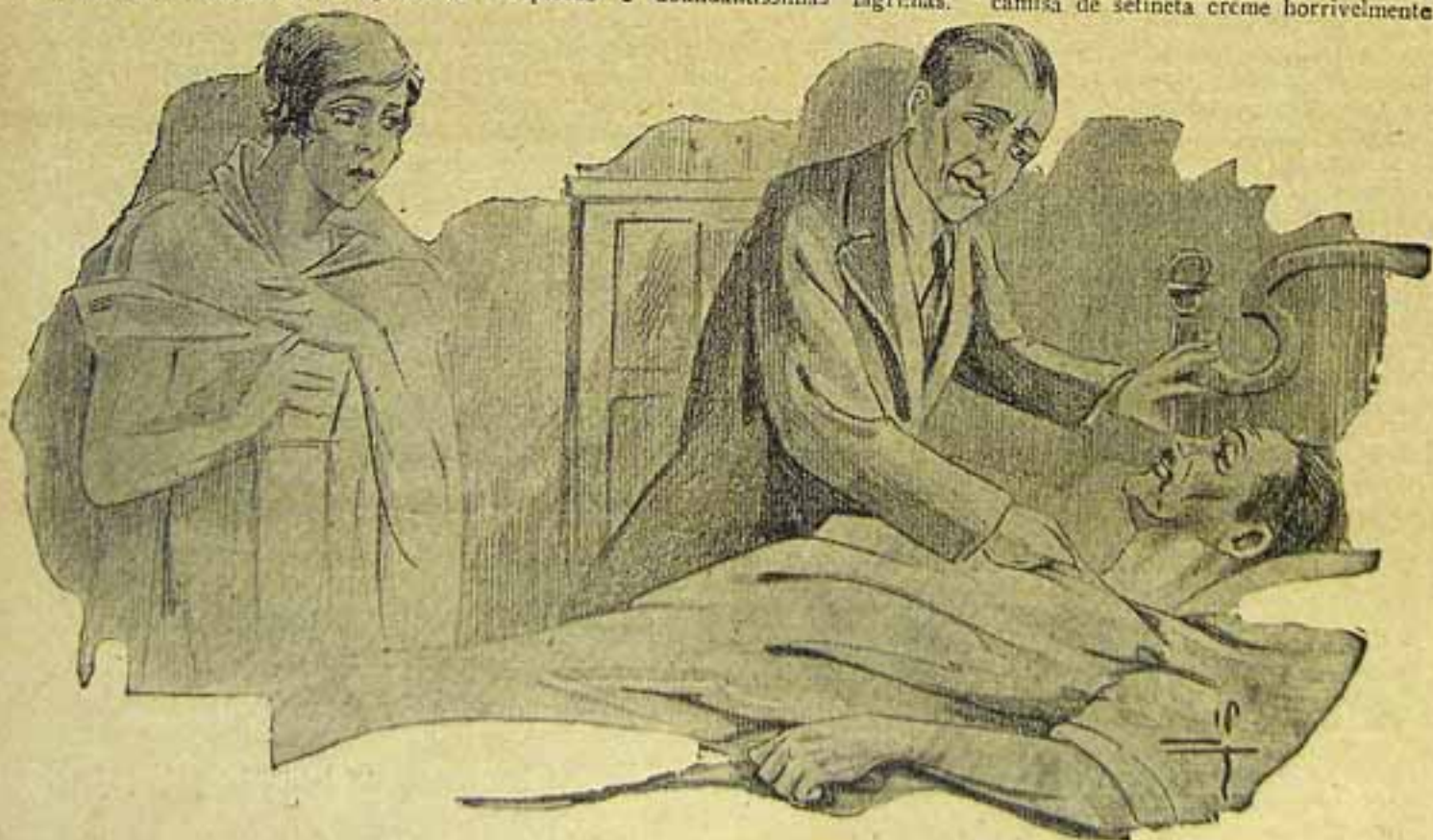
— Como foi isso, Clara?! — interrogou Palhares.

— Depois! — murmurou-lhe ella tristemente. — Você passa o dia, sim?! —

Era num quarto contiguo á sala de visitas que se encontrava o cadaver. Repousava no leito do casal, amorosamente amplo e forrado de uma colcha côr de rosa, que contrastava com os lavores do linho puro e alvissimo que cobria o corpo do morto. Aos lados, seis velas lançavam a luz debil das suas flammias, que a radiante claridade do dia tornava tenue.

Algumas mulheres ajoelhadas ciciavam, compungidas e com physionomias de beatismo artificial, rezas pela supposta alma do cadaver; e os homens pelos recantos conversavam á puridade, estremando os commentarios sobre o crime com as novidades sobre os escandalos do dia, que os jornaes descobrem ultimamente com uma fecundidade sobrenatural de romancistas.

Num divan jaziam roupas ensanguentadas que attrahiam a attenção dos presentes. Era uma calça de flanella que se achava rôta na joelheira e uma camisa de setineta crême horriavelmente



...e a face do cadaver surgiu aos seus olhos horrorizados...

o Mallo

lacerada por mãos violentas; esta peça estava em farrapos e o sangue que a nodava era tanto como se a tivessem tingido em tinta rubra.

Palhares ergueu tremulo a ponta da coberta e a face do cadaver surgiu aos seus olhos horrorizados como uma avaral miragem. Sugería uma impressão tetrica. O olhar dilatado e baço que as palpebras entreabertas deixavam perceber, exprimia algo de sobrehumano. O semblante tinha um aspecto pálido e presentia-se nas linhas geras do rosto um longo pavor; a bocca retorcida num sorriso funebre formava um rictus lugubre, mostrando os dentes imundos de babugem e de sangue que davam a impressão da dentadura rilhar num inconcebível e infinito medo.

Emilio Ravasco era algo sympathico. Face oval e corada, barba sempre feita, bigodes negros e curtos, olhos grandes e luzidios, o todo da sua pessoa infundia sentimentos de comunicação e de affabilidade. Morto, elle se tornara horrendo. O rosto tinha sido arranhado e os labios haviam se lacerado, enquanto duas eczemas zebavam a face esquerda. Não sei que assombro pairava sobre a terrível expressão do semblante de Ravasco. Deveria ser horripilante e fêra a visagem que prostrara o cearense com uma punhalada fatal. Edgard Palhares recobriu a face do morto e retirou-se um momento daquelle assustador ambiente. E fôra, no terraço onde a brisa perpassava amena na doçura da manhã excellente de sol, respirou a largos haustos a aura perfumada da verdura do morro.

Clara ao seu lado murmurava:

— Enlouqueço! Enlouqueço, Edgard!

— E' estranho! — dizia o criminalista.

Clara estava palpitante de commoção. O delirante seio arfava ao suspiro do soluço, frisando o encanto da deslumbradora carnção do collo modelar.

— Não ha nada mais a fazer, Clara! O destino é egoísta e quando fere não escolhe o coração. Fere de vez. A's vezes o golpe é atroz porque conturba e alanceia a alma, derribando-a em escuros abysmos! Mas quem pretenderá tornar piedoso o destino?!

— Não posso soffrer serena, Edgard! Nunca vi cousa tão espantosa! Não me é possível estar calma! Sou mulher!

— Bem... — falou Palhares. — Escusemo-nos de lamentações! E' preciso agir; temos que prender o criminoso! Vingaremos Ravasco, Clara!

— O criminoso?! — voltou ella pallida e tremente. — Ninguém sabe quem foi! Ignoramos!

— Alguma cousa se ha de saber.

— Pouco! Não se conhece nada sobre o caso! Emilio foi assassinado, é o que se sabe! Como e por quem?! Eis o enigma que só a noite viu no silencio das suas trevas!

— Emfim, diga tudo! Fale sem sonegar qualquer minucia! Estou devêras intrigado com isto! Ainda hontem fui com Ravasco ao "Gloria"! Esteve sem-

pre alegre e despreocupado! E hoje... — morto!

— E' esquisito! — tornou Clara com o olhar luminoso de lagrimas.

— Ravasco teria algum inimigo?

— Não... — disse ella após um certo silencio. — Nunca ouvi fazer tal referencia!

— Fale! — roçou Palhares. — Como foi o acontecimento desta noite?!

Clara conteve os soluços e narrou o que sabia a proposito da tragedia. A voz sahia-lhe dos labios em uma harmonia triste com os seos palpitantes, que ainda eram rijos e fartos como nos tempos de solteira. Revelava-se a mesma mulher formosa e toda attractivos. Falou:

— Voltando do "Gloria", Emilio ceiou. Conversámos muito, em uma palestra intima e amavel. Seriam doze horas quando levantámos da mesa. A ceia correu sempre alegre; estava em um dos seus momentos de prazer, commentando e rindo-se sobre pequeninas cousas. Satyrisou as mulheres em suas modas modernas e exaggeradas, os vestidos curtos e leves, os cabellos cortados acima da nuca, "à la garçonnette", chamando as moças de hoje de espanadores de homens! Retorqui-lhe não me lembro que ironia. Acabada a ceia, jogamos dama, ganhando eu cinco partidas e Emilio duas. Fiz-lhe ver a superioridade mental da mulher. Elle riu, dizendo: — "Grande superioridade!" Abraçou-me e ternamente me acariciou como se eu fosse naquelle momento uma conquista da Avenida e aquella ceia um "rendez-vous"... Perguntei-lhe se estava apaixonado. — "Estou!" — respondeu com uma voz profunda. Olheio-o espantada e vi que dos seus olhos cahiam lagrimas. — "Que tem você, Emilio?!" — indaguei commovida e tocada por aquella inesperada ternura do meu marido. — "Amo-te muito!" — foi o galanteio com que me respondeu. Eu sorri dizendo commigo que os homens também cultivam os seus mysterios. E fomos dormir."

Clara silenciou um instante. Soluçando, queixou-se do destino e maldizia a sua desdita, suggestionando-se com a realidade fatal da sina. Palhares fez-lhe ver que o mundo — como disse um certo pensador — é bom e bello; os homens, porém, o fazem máo com a sua tendencia para perverter tudo. O criminalista de Ipanema tirou um cigarro da carteira e fumou.

Clara proseguiu, mencionando detalhes:

— Como sabe, Emilio soffria em certos tempos de insidiosa melancolia. Durante essa quadra era difficil atural-o. Tinha movimentos subitos e inexplicaveis de irritação; era como se uma satânica aragem lhe revolvesse os recondidos do corpo. Ullulava como uma fera e rugia como um louco! Uns quinze dias antes teve um dos seus accessos... Primeiro cahiu em intensa e terrível prostração, não falando e a recusar os alimentos. Passou os dias no quarto

como se estivesse invadido por alguma modorra invencível e entorpecente. Depois se reanimou indo tratar dos seus negocios; mas ao regressar do trabalho mostrava-se nervoso e cheio de inquietude, vendo imaginarios fantasmas nos recantos da casa. Uma vez entrou batendo estrondosamente a porta a ponto de quebrar os vidros do alto. E os olhos dilatados e esgazeados — como você os viu ainda ha pouco! — pareciam apresentar algum vulto invizível. — "Que foi, Emilio?!" — perguntei espantada. — "Olhe; veja aquelle homem!" Fôra, na rua, já sombreada pelo crepusculo, passeava de um lado para outro, um homem enbuçado em um grosseiro e velho capote. As feições não se viam; a distancia e o capote impediam vislumbra quem fosse. Chamei o meu marido para a refeição. Emilio pôz-se a relutar, querendo permanecer á espreita, estudando o andejar do desconhecido na rua. Emfim annuiu e veio jantar. Voltei á janella e olhando não avistei mais o homem; o vulto desaparecera!"

Clara interrompeu a narração.

— Narro tudo isso para ver se você colhe algo de luz na penumbra que envolve a morte do meu marido! — explicou ella olhando o amigo com os seus grandes olhos pretos. — Emilio foi morto por rancoroso inimigo! Quem?! Não sei! Veja se percebe alguma cousa, Edgard!

— Os acontecimentos são assim! — replicou Palhares pensativo. — Antes de consummados, os pequenos detalhes não possuem significação; depois, as insignificantes minucias nos parecem expressivas e ligam os factos. Seu marido não soffria de *spleen*; tinha certamente remorsos. De que?! Teria Ravasco commettido alguma grave injustiça ou barbaridade, ou mesmo algum crime?! E' esta alma do drama!

Clara baixou a bella fronte desolada. Já pensara nessa hypothese, embora crendo o marido incapaz de uma villania. O destino que já fôra inexorável, iria além desnudando erros do morto e fazendo refulgir talvez uma verdade pungitiva para a memoria de Emilio e para a saudade do seu amor!

— Ha um anno que não dormíamos juntos... — recomeçou Clara. — Vinhamos de adoptar o uso de leitos separados. O meu aposento é um quarto grande com janella para a bahia, de onde se avista o Pão de Assucar. O de Emilio não só é pequeno, como tem apenas uma unica porta, fortissima e de massaranduba, communicando com o corredor. Você os conhece perfeitamente... Na ceia, de subito Emilio empallideceu e fez-me esta pergunta: — "Não ouviu um ruido como de uma porta que se abre?" — "Não!" — respondi. Parece-me que em verdade ouvi um ruido, uma especie de ringir de portas, ou o rumor de malhas que se fechassem. Mas não liguei a minima importancia ao caso... Meu marido era

(Continúa no proximo numero)

LIVROS RECEBIDOS

O MATUTO CEARENSE E O CABOCLLO DO PARÁ — José Carvalho — Pará — 1930.

É mais um livro, cujo sub-título esclarece a matéria de que trata, tão da afeição dos escriptores contemporâneos: *Contribuição ao folk-lore nacional*. Não se adstrinhiu o autor, como varios outros que o antecederam no assumpto, á diffusão da poesia, ou do linguajar do sertão patrio. Entregou-se a tarefa mais séria, mais profunda, qual seja o estudo comparativo do matuto do Ceará e do cabocllo do Pará, analysando-lhes os meios em que vivem ambos, os seus pendores, a sua physionomia moral, os contrastes que paradoxalmente os une e harmoniza na faina homérica do desbravamento da Amazonia. E não perde, de intermeio a esse estudo critico, a oportunidade de publicar cousas realmente inéditas, e interessantes, do *folk-lore* cearense como do paraense, resaltando-lhes as bellezas.

O Sr. José Carvalho não é um novo nas nossas letras. O seu primeiro trabalho publicado — *Perfis Sertanejos* — Costumes do Ceará, foi editado ainda pela Padaria Espiritual, de Fortaleza, em 1897.

Desde então, embora profissionalmente dedicado á vida forense, quasi de anno em anno publicou algum escripto literario apreciavel, em versos ou em prosa, mas sempre com o espirito voltado para os costumes e as lendas da nossa gente.

O *Matuto Cearense e o Cabocllo do Pará* justifica o seu sub-título perfeitamente. É uma contribuição, e das mais brilhantes e valiosas, vasada em boa grammatica e estylo ameno, ao *folk-lore* brasileiro.

Leitura "Para Todos"...

Um excellente magazine mensal que publica um pouco de tudo e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido dos viajantes pelas suas lindas novellas.

Um Escandalo

Continuam aparecendo em algumas das maiores cidades do Brasil pequenas drogarias ou pequenas pharmacies com os nomes de *Drogaria Gesteira* ou *Pharmacia Gesteira*.

Sem excepção, são pharmacies e drogarias insignificantes, de uma ou duas portas, no maximo, sem capital, sem sortimento, sem importancia nenhuma.

Um Escandalo!

Os seus proprietarios querem somente explorar o conhecido nome *Gesteira*, para que o povo pense que ellas pertencem ao Dr. J. Gesteira.

Convem, por isto, que todos saibam que o Dr. J. Gesteira não tem ligação de especie alguma, em cidade nenhuma do Brasil, com as taes *Pharmacias Gesteira* e *Drogarias Gesteira*, tão desacreditadas e ridiculas, a que me refiro.

O Laboratorio do Dr. J. Gesteira no Brasil é em Belém, Estado do Pará.

Devo repetir: em Belém, Estado do Pará.

O outro Laboratorio do Dr. J. Gesteira é em Nova York, Estados Unidos da America do Norte.

Depois disto que acabo de afirmar, ficam todos sabendo que o Dr. J. Gesteira não tem filial, nem é socio de *Drogaria* e *Pharmacia* nenhuma no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalização da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Estrangeiros.)

VIDA DE CASERNA

A primeira cousa que faz o alumno da Escola Militar, quando mettido a conquistador, é não dar o mesmo nome ás moças que lhes são apresentadas.

Não é por ser feio, mas sim, para não se tornar muito conhecido. Assim, só num suburbio, o "bromil", (como se chama o conquistador na escola) pôde ter uma duxia ou mais de pequenas! Mas, quando dá o supposto nome, faz tudo para não cahir em contradicção. Annos atraz, um grupo de alumnos foi á uma festa na ilha do Governador. Um delles, num "flirt" que fez deu á pequena, o nome de Paulo. Conversa vae, conversa vem, foram sentar-se no jardim da casa, e como a noite estava bella, a palestra se encaminhou para o lado da poesia. Elle recitou *Ouvir estrelas*, de Bilac; ella disse outros, até que referindo-se a uma poesia muito conhecida, e talvez ligando o nome á pessoa do collega, diz-lhe:

— Paulo! Paulo! és amigo de minha mãe?



Paulo, meu Paulo, és amigo de minha mãe!

E não terminou a quadra, porque o alumno, muito nervoso, lhe respondeu:

— Eu? Pois se é a primeira vez que venho á ilha, como já posso ser amigo da tua mãe? Nunca a vi mais gorda...

SO' DEUS!

— P'ra fazê milagre, não tem cumo os santo! Capaiz!... Oi, só: Santo Onofre é bão p'ra dá dinheiro, São Bráz,

p'ra curá o ingasgo mais disgranhado. São Damião p'ra tirá cagueira...

— Mais, se é ansim, me arresponda, intão:

P'ra amansá o genio agreste das sogra, nhô Antão, exéste algum santo milagroso?

— Santo num fáiz tar milagre. P'ra isso, só Deus, nhô Zé Bagre! Elle é o Todo Poderoso".

(S. Paulo)

YRA.

Fontoura Costa

Musicas e Discos

OUVERTURE

Ha dois numeros passados, commentamos nesta secção uma nota inserta pelos nossos confrades do "Correio da Manhã", submetida ao titulo de "A Polydor em Portugal", na qual se attribuia ao maestro Sá Pereira a autoria da canção "Casinha da Collina", que, como por varias vezes temos affirmado, não lhe pertence.

Agora, segundo fomos informados, a "Casa Edison" vai mover uma acção contra a "Polydor", por motivo das gravações que os nossos alludidos confrades registraram na sua bem feita secção de discos.

O caso é o seguinte: Os actores Salles Ribeiro e Fernando Pereira, componentes da Companhia Portuguesa de Comedias de que é estrella a srta. Amélia Rey Colaço e de que é primeiro actor o sr. Robles Monteiro, os quaes aqui estiveram recentemente com o referido conjunto, regressando a Lisboa, ali imprimiram, sem autorização quer dos autores, quer dos detentores dos direitos autorais, varias composições nacionaes de grande successo.

Sob o ponto de vista da propaganda da musica brasileira, é fóra de duvida que somente louvores merecem os artistas lusoos, se essa é que foi a intenção de ambos. Mas o idealismo é uma cousa tão poria a margem, actualmente, em particular entre os artistas, que logo se percebe a finalidade financeira do semelhante propaganda...

Enxergando na produção nacional uma boa fonte não explorada de receita, o tenor Salles Ribeiro mal chegou a sua patria gravou logo, além da "Casinha da Collina", o maxixe "Pirão, Pirão", dando como autor deste o sr. "A. da Mauriçia", quando se trata de um motivo popular divulgado pelo conjunto typico "Turmas da Mauriçia"; a canção de Freire Junior "Malandrinha", o maxixe de Calamans "Meu Sabão", a canção de Magalhães da Silva intitulada "Confissão", a canção sertaneja de Catullo Cearense "Luar do Sertão", outra canção de Catullo sob o nome de "Choro e Poesia" e varias outras musicas nossas.

O sr. Fernando Pereira, menos ambicioso, gravou somente "A Canção da Guitarra", de Marcello Tupinambá. De nenhuma dessas composições, porém, conforme dissemos atrás, tinham os mesmos autorização nem das casas que compraram os direitos autorais, nem dos proprios autores, o que evidencia a má fé desses festejados artistas, que, não contentes de virem ao Brasil e ganharem dinheiro nas suas excursões theatraes, ainda sabem levando ás escondidas aquillo que não lhes pertence...

Felizmente, ao que parece, a "Casa Edison" vai levar o apito á bocca, defendendo os seus interesses e os dos artistas nacionaes.

UMA PARODIA DE "GARUFA"

Alfredo Albuquerque é um dos artistas comicos nacionaes dos mais apreciados o

de maior publico. Os seus discos, reflectindo os successos por elle alcançados no palco, alcançam sempre optimas tiragens, demonstrando o conceito, gozado pelo artista. Mas Alfredo Albuquerque não é só o interprete engraçado de que o publico tanto gosta. É também o autor intellectual da maior parte dos seus numeros, dentro dos quaes se sente melhor que nos numeros alheios, pois naquelles, como é natural, aproveita todos os effeitos que lhe são particularmente vantajosos. A ultima chappa produzida por esse excelente comico, por exemplo, é da sua autoria, e encerra uma parodia muito bem feita do sensacional tango "Garufa", subordinada ao titulo nacionalissimo de "Cabrocha". Ha, na letra, uma verdadeira caricatura. No reverso da chappa em que "Cabrocha" se acha impressa, a qual é da "Odeon" e tem o n. 10.582, achase a canção "Al, João!", também gravada por Alfredo Albuquerque.

AINDA "CASA DE CABÓCO"

Ao que fomos informados, a actriz brasileira Itala Ferreira, que se encontra na Argentina como "estrella" da "Companhia Tró-16-16", ali gravou a canção "Casa de Cabóco", letra de Luiz Peixoto e musica de d. Chiquinha Gonzaga, também sem ter para tanto autorização das partes interessadas. Estas, como é natural, vão mover acção contra a fabrica que acceitou essa composição indevidamente, illada, talvez, na palavra da actriz Itala Ferreira. Quando será que os artistas se convencerão de que a honestidade é a melhor espezinha da época?

HECKEL TAVARES NA "COLUMBIA"

A poderosa fabrica productora de discos "Columbia" firmou com Heckel Tavares um importante contracto, reservando para as suas chappas a exclusividade das produções desse festejado autor. Depois desse contracto, Heckel já produziu as seguintes peças para a "Columbia": "Dança do Cabóco", folk-lore, e "O Carreiro", canção, cantadas por Januario de Oliveira, editadas no disco 5.139-B; "Lavandeirinha", canção, e "Os Olhos della", também canção, com letra de José de Barros, editadas no disco 5.140-B; "Mamãzinha que está no céu", sobre versos de Alvaro Moreyra, e "Na minha terra tem", editadas no disco 5.142-B; "Axulão" e "Engenho Novo", editadas no disco 5.141-B; "Que será de mim", samba, e "Oia o pinga", embolada, estas duas peças cantadas por Januario de Oliveira, editadas no disco 5.152-B. Dentro em breve, a "Columbia" lançará varios discos de Heckel Tavares.

"BURUCUTUM", DA "VICTOR"

Dos discos carnavalescos lançados pela "Victor", o samba "Burucutum", apesar de não ter conseguido popularidade, é um dos melhores e mais característicos, tendo, mesmo, um profundo traço de originalidade.

de. Foi cantado pela joven "estrella" da nossa phonographia, senhorita Carmen Miranda, a creadora de "Yôô, Yôô", a que temos rendido tantos elogios. "Burucutum" é da autoria de J. Curangi e tem a seguinte letra:

"Foi, foi, foi o destino
Que nos quis indicar
A Colombina
Para connosco brincar. (bis).

Katibêlo

Burucutum
Isto dá no quédê,
Gostar a folia
Não é pra qualquer.
Burucutum,
Vem lá, vem lá,
Si ha differença
Desmancha-se já.

Nesta chula de amor
Que seduz a qualquer
E predomina
O riso ideal da mulher". (bis)

A gravação desse samba foi feita pela "Victor" na chapa 32.259.

NOVOS DISCOS "BRUNSWICK"

190.620 e 10.31 são os numeros de discos que a "Brunswick" vem de lançar no mercado phonographico, com grande successo. Tratam-se de produções de Marcello Tupinambá, esse fecundo e sempre novo compositor nacional, que nelles tem impressas as canções "Solidadinhos de Chucho", com letra de Galba de Paiva, "Canção Marinha", com letra de M. de Andrade, "Olhos Venenosos", com letra de F. M. A. (pseudonymo de alguém que assigna "Pemea"?), e "Canção", com letra de A. Guimarães. Todas essas composições foram acompanhadas pelo "Conjunto Typico Brasileiro", que sempre actua nas gravações da "Brunswick".

"A MULHER E A CARROÇA"

"João de Barros", pseudonymo, com certeza, de algum musicista "doublé" de escriptor, escreveu sob o titulo de "A Mulher e a Carroça", um samba que basta a letra para merecer a compra immediata. São versos admiraveis, no genero, e, caso sejam rigorosamente originaes, bastam para consagrar poeta, de facto, o seu autor. Ah! seguem elles:

"A mulher e a carroça.
Têm igualdades sem par,
Querem que prove o que digo?
Ouça que vou explicar:

Ellas tem uma igualdade,
Pela qual dois se consomem
Uma é a carga do burro,
Outra, é a carga do homem!

A mulher e a carroça,
Podem servicos prestar.

Discos Odeon

Distribuidores Genaes

CASA EDISON - RIO DE JANEIRO

Rua 7 de Setembro, 90 RIO

Rua do Ouvidor, 135

CASA ODEON, LTDA.

Rua S. Bento, 54 - São Paulo

Todos os grandes successos nacionaes e estrangeiros são publicados primeiramente em Discos "Odeon".

END. TELE: FIGNER

SÃO PAULO

END. TELE: CASA ODEON



O disco de maior venda no Brasil
Industria Brasileira



Gravação electrica
Processo Electrico Patentado

Mas sem um burro que as puxe
Ficam no mesmo lugar!

E' bem difficil, as duas
Passarem sem descahida,
Uma, nas curvas da estrada,
Outra, nas curvas da vida.

Depois, quando ficam velhas,
Uma vae nos solavancos,
A outra com o reumatismo,
Anda aos trancos e barrancos.

Só numa coisa na vida,
Ellas não são bem iguaes:
As mulheres vão na frente,
Os "burros" que vão atrás,

"A mulher e a carroça já está gravado
em discos "Parlophon" pelo "Bando dos
Tangará", com o concurso de Almirante.

INFORMAÇÕES

Que lindas valsas! "Dance away the night", do "film" sonoro "Casados em Hollywood", e "Goto bed", do "film" também sonoro "The Gold Diggers of Broadway", que não sabemos como será traduzido, aqui, pelos nossos exhibidores, formam um disco primoroso. Não se sabe qual delas é mais encantadora! A chapa em que ellas se encontram é "Odeon" n. 1.643, gravação estrangeira.

— "Minha viola", canção de Plínio de Brito, e "Coração de Cabrocha", toada de R. Montenegro, é a dupla que occupou os dois lados da chapa "Victor" n. 33.344. Cantou ambas as peças a senhorita Jesy Barbosa, que, como sempre, faz jús aos mais francos elogios.

— A nossa collega "Cruzeiro" promoveu um concurso de musicas carnavalescas que obteve grande successo. Agora, apparecem gravadas em discos "Columbia" as composições classificadas nesse certamen. São ellas: "Bota o feijão no fogo", de Lamartine Babo, 1.º premio; "Eu sou do

amor", 2.º premio, marcha de Yvonne Arantes (hoje esposa de Ary Barroso, que por sua vez, tirou o 1.º premio do concurso da "Casa Edison", com "Dá nella"); "Macumba da Mangueira", samba de Henrique Feret, 3.º premio; e "Cresça e apareça", marcha de rancho de Zeel Gomes, 4.º premio. Os numeros das chapas são 5.187-B e 5.188-B.

— Cecy (Fortaleza) — "A voz do violão" está gravada no disco "Odeon" n. 10.503 e tem a seguinte letra:

I

"Não queiras, meu amor, saber da magua
Que sinto quando a lembrar-te estou,
Attestam-te os meus olhos rasos d'agua
A dor que a tua ausencia me causou.
Saudades infinitas me deveram,
Lembranças do teu vulto que... nem sei!
Meus olhos incessantemente choram
As horas de prazer que já gosi.

Estrilho

Porém neste abandono interminavel
No espinho de tão negra solidão,
Eu tenho um companheiro inseparavel
Na voz do meu plangente violão.

II

Deixaste-me sozinho e lá, distante,
Alheia á immensidão de minha dor,
Esqueces que ainda um peito amante
Que chora o teu carinho seductor.
No azul sem fim do espaço illuminado,
Ao léu do vento frio se desfaz
A queixa deste amor desesperado
Que o peito em mil pedaços me desfaz".

A musica é assignada por Francisco Alves e a letra por Horacio de Campos. "ESCRAVO" (S. Paulo) — Disco "Odeon" 10.477, cantado por Alda Verosa, musica de Marcello Guaycurús e letra de Bornardo Guimarães, é as informações que lhe podemos dar sobre a valsa "A Es-

crava Isaura". Serve de thema a um film nacional. A letra é a seguinte:

I

"Desde o berço respirando
Os ares da escravidão,
Como semente lançada — (Bis)
Em terra de maldição
A vida passo chorando — (Bis)
Minha triste condição.

II

Os meus braços estão presos
A ninguém posso abraçar,
Nem meus labios nem meus olhos — (Bis)
Não podem de amor falar
Deu-me Deus um coração — (Bis)
Sómente para penar...

I

O ar livre das campinas
Seu perfume exhala a flor
Canta a aura em liberdade — (Bis)
Do bosque o alado cantor
Só para a pobre captiva — (Bis)
Não ha canções nem amor...

II

Calate, pobre captiva,
Teus queixumes crimes são
E' uma afronta esse canto — (Bis)
Que exprime tua afflicção
A vida não te pertence — (Bis)
Não é teu, teu coração..."

— J. B. S. (Rio) — Stefana de Macedo não é autora nem da letra, nem da musica de "Stella"! Os versos, admiráveis aliás, pertencem ao grande poeta pernambucano Adelmar Tavares. Foi uma contrafacção o "arranjo" posto na etiqueta. A "Columbia", por signal, não gostou da brincadeira, pois teve que pagar uma indemnização. Não sabemos de quem foi a culpa...

TOM RêO

H O M E M !

Homem! — Ludro molosso equipollente ao esputo grassento, que o deixou, em busca dos abysmos insondaveis do Mundo! Heroe de symbolismos, cujos fragmentos são, de ha muito, o pranto e o lucto!

Homem! — Filho do orgasmo, orgiaco, polluto da Carne! Infimo trasgo á lei dos synchronismos sujeito! Oppugnador atroz de syncretismos — dos quaes se diz um Grande Imigo resolutivo!

Homem! — Protase vil dos pathologicos dramas das Raças! Fructidor da Arvore má dos tramas urdidos pela voz da Natureza inteira!

Homem! — Simples microbio opinativo; miasma da Ironia, — que, assim qual negro protoplasma, habita o ser de quem, um dia, ha-de ser poeira...

(Do "Terra de Ninguém")

Jayne de Sant'Iago

C A N T A N D O

Minha alma vòo pelo espaço em fóra
Quando contemplo o seu olhar altivo;
E fico preso, estatico, captivo,
Ante o sorriso que o seu labio emflora.

Palpita o coração num incentivo,
Ouvindo a sua voz que em mim arvora
Essa paixão, em resplendente aurora,
Essa amizade para a qual eu vivo.

Se ao longe avisto o seu esguio porte,
Meu coração em languido transporte
Vòo á seus pés, em fervorosa prece...

Tudo no mundo em ti se me resume!
— Vivendo deste amor que não fenece,
Embriagando-me assim no teu perfume.

De Antonio Mendes de Menezes

"CINEARTE"

A maior, mais luxuosa e mais completa revista cinematographica do Brasil, mantendo em Hollywood correspondente especial e exclusivo.



SECÇÃO CHARADISTICA, DIRIGIDA POR MARECHAL

TODA CORRESPONDENCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO, DEVE SER
ENDEREÇADA A MARECHAL—TRAVESSA DO OUVIDOR, 21

CHARADA SEM ARTE, SEM O CAPRICHIO DA FORMA, NÃO É CHARADA

RESULTADO DO N. 1.427

DECIFRADORES

Totalitas

Elienne Dolet, do Bloco dos Fidalgos, Lyrio do Valle, Carlos Faraldo, Spartaco e Strelitz (t.dos 4 da U. C. P. — Belém, Pará).

OUTROS DECIFRADORES

A Garota, Barão do Damasceno, Calpênia, Condessa e Conde Guy de Jarnac, Dapera, Diana, Erre-Céas, Gavroche, João Riminot, Lago, Lakmé, Malloy, Miravado, Nellius, Neo-Madd, Orlino Gama, Paracelso, Rühr, Seneca, Sesezem II, Sylma, Themia, Visconde de Admim, Yara e Zelira (todos do Bloco dos Fidalgos, de Santos), Neptuno e Dairinde (da A. B. C. — Bahia), 24 pontos cada; Dama Verde, Ave da Sorte, Arantura, 22 cada; Violeta (Iticé), Chow-Chim-Chow, Jefferson, 15 cada; Anjoro (R. João d'El-Rey), 13; Thalia (B. C. G. — Rio Grande), Pseudo e Zé Sabre Nada (ambos da Barra do Pirahy), 12 cada; Francosta, Don Lira e Lambary (da Turma dos Bisninhos, S. Paulo), 11 cada; Bisilva (Vila Velha), 9.

DECIFRAÇÕES

51 — Pegamasso; 52 — Assentado; 53 — Tirado; 54 — Matraz; 55 — Alara; 56 — Scismatico; 57 — Canceroma; 58 — Cabano; 59 — Malparado; 60 — Alcatraz; 61 — Pesado; 62 — Engarapar; 63 — Vaqueno; 64 — Maleta; 65 — Kali; 66 — Madrealva; 67 — Amarteilado; 68 — Repassado; 69 — Vidreco; 70 — Continuação; 71 — Mão cheia; 72 — Respeita; 73 — Acerbo; 74 — Esfola-vacca; 75 — Lua nova e lua cheia, praia-mar às duas e meia.

NOTA — Ha muitas soluções diferentes, principalmente entre os synonymos. Quem se julgar prejudicado, reclame, justificando a sua reclamação dentro do prazo regulamentar.

CAMPEONATO DE 1930

Durante o período compreendido entre 10 e 16 de mez findo, inscreveram-se mais para esta prova annual os charadistas Soldado e Bertonejo da Tertulia Pansophica, de Florianópolis, Estado do Rio.

Ambos remetteram 3 trabalhos para a phase eliminatória.

Bardocinho, em carta ultima, fez-nos ver que elle não se inscrevera para o Campeonato e sim para os torneios communs, isto é, que os trabalhos que, ultimamente, remettera, não tinham por destino essa prova tão importante.

Attendendo ao que nos pediu, riscamos-o da lista dos inscriptos para o nosso torneio especial.

Mais 4 dias e expirará, fatalmente, o prazo para os inscriptos e para a entrega de trabalhos destinados á phase eliminatória.

Quem não cumpriu, até então, esse dispositivo, que o faça com a maxima urgencia, afim de que não fique á porta da rua.

Grande parte dos leitores do Album de Edipo, de recursos charadísticos muito modestos, receiam tomar parte nesta prova. Allegam que com os fortes, na arte de Edipo, elles não podem valer peito, como

lá diz o gadocho, a não ser que se submettam a passar pela vergonha de uma derrota fragorosa.

Pessimo pretexto! A derrota com honra nunca desmereceu quem quer que seja!

O pequeno, mesmo perdendo, dá provas do mais abnegado amor pela Arte, e os seus actos de honra, lutando com os grandes, são factos brilhantes que se conservarão, para sempre, nos annaes do charadismo brasileiro.

E' feio, não, fugirem os fortes á luta, dando como desculpa, uma displicencia, que não tem cabimento; elles que não os responsáveis directos pelo progresso da nossa Arte.

TAÇA "MARIA-FLOR"

2ª SÉRIE

Premios

Os premios destinados a esta prova são em numero de 9, a saber: 2 (Taça e retrato) para o concorrente inscripto que chegar na frente de todos; 2 outros, para o immediato em pontos; 1 para o que se collocar em 3º lugar; 1 que será sorteado entre os que ficarem mais de dois terços até 1 ponto menos que o do 3º lugar; 1 ainda nas mesmas condições, para os que attingirem mais da metade até dois terços dos pontos; 3 outros, sendo 1 para cada animada, cada charada, cada logographo, julgado melhor na sua respectiva categoria.

NOVISSIMAS 101 A 109

1-2-1—Por uma moeda de 10 réis, encontrada em um bairro pobre de indigenas, os miseraveis mataram aquelle que se intromette em tudo.

Anjoro (S. João d'El-Rey, Minas)
4-1—Indaga por tudo, mostrando pesar quando lhe não respondem, o curioso.

Idem (Idem, Idem)
4-1—Quando o tempo fica sereno pouco se me importa ter a casa despejada.

Edipo (Lisboa)

(Do Dairinde amigo com um abraço)

3-1—Depois da borrasca causa dor ver o navio desgraçado.

Euristo (T. E. e A. C. L. B. — Lisboa).

2-3—Como desde ha muito abasteco de provisões de guerra um certo lugar descoberto sobre o tecto da casa da minha quinta, tenho mais ou menos as plantas pisadas.

Jofralo (T. E. e A. C. L. B. — Lisboa).

4-1—Quem invoca protecção de alguém que tenha pena do proximo, será sempre protegido.

Olivares (Pomba, Minas)
2-1-1—... a mulher sorri ao receber a flor de tão formoso pastor.

Paracelso (Do Bloco dos Fidalgos, de Santos).

2-1—Com mais este rasgo, é pena! ficou teu lindo fato esfarrapado.

Thalia (B. C. G. — Rio Grande)
3-1—Meu coração é um cofre onde vou do o teu amor constante.

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

ENIGMAS 110 A 117

Dona Graça muito amiga
Fôra de Dona Piedade;

Mas, agora, é inimiga,
Inimiga do verdadeiro.

Uma jura que se vingal...
Outra diz que vai matar!...
E levam nessa resaca
E procuram se evitar.

Mas esse negro Destino,
Que no mal acha prazer,
Arrou-lhes laço assassino!...
Não tendo mais que fazer,

Predeu-as na mesma grade!
E ali mesmo, sem tardança,
Juntas a Graça e a Piedade,
Effectuou-se a vingança.

Marechal (pela Capital)

(Do grande enigmatisa Dapera)

Sagrilega mulher! Que faz, acaso,
Aquella enfurecida creatura?
Attentado brutal, publico e raso,
Que a todos nós, unanimes, tortura!

Entra na Igreja... No sagrado vaso
Mette os pés, com tremenda catadural!
E, dando provas de seu grande atraso,
No altar bate em Deus! Infamia dura!

Não satisfeita, açoitá-o, ferozmente!
Contra sua grandeza e eternidade,
Solta brados terríveis de descrente!

Chega a policia... A Sô já está deserta,
E apura que tão vil barbaridade
E' um caso negro de loucura aberta!

Chanteleir (A. B. C. — Bahia)

(Do Frei Paulino)

A nota da falsidade
Que o mundo vai empolgando
Posta fóra, o resto, Frade,
E' bem modo de exprimir
Uma idéia, não falando.

K. Nivete (Da A. C. L. B. — Recife)

Por ser extremos do todo,
D. Iria, que é excellente
Centro bisado do engodo,
Supportou valia estridente!

Porém, velha muito esperta,
A assuada não dá tento,
E vai fazendo, na certa,
Provisão de mantimento!

Roxane (A. B. C. — Bahia)

— Passe minhas primeiras
Para lá do curral;
Ha ar no fim de contas
Aqui, que causa mal, —
— Não sigo o seu conselho;
Daqui não saio não;
Isto de fazer bordos,
Não é de boa acção.

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

São ambos da mesma classe;
Exercem igual funcção...
Um é magro, fino, fino;
Outro é gordo, redondão.

O magro não muda nunca,
Pode ser um ou ser cem...
Seja aqui, ali, ali,
A mesma força elle tem.

O gordo, apesar de gordo,
Nada vale, é como pó...
Muda muito, como vemos,
Se dizemos que é um bocó.

Junto ao magro o que é gordinho
Como agora vamos pôr,
Temos no caso formado
Um bellissimo Senhor.

Mr. Trinquese (São Paulo)

(Ao illustre confrade Marquez de Castiglione).

Não ha vida melhor, do que a vida em
palestra,
Vida calma e feliz, monótona e fagueira...
Quando deste sum-zum maldito eu fugir
possa,
Levarei para a roça a esposa e a prole ar-
teira...

Duas cousas, porém, me causam funja
mossa:
Uma, é a própria mulher — meu todo sem
terceira —
Que, se cahe temporal, chora, embora —
que anseira! —
Não se faça total sem extremos, na roça!

Outra, é a segunda após a prima do total
De parentes que, para onde eu vá, — por
meu mal —
Ir procurar também, — malditas paren-
telas! —

Transformando o meu lar numa casa de
Orates...
Minha prima é a peor; além dos seus dis-
lates,
Ranzinha, fala muito e sobre bagatelas...
Julão Ríminot (B. dos Fidalgos — San-
tos).

Eis um peixe exquisiteiro,
Só em quatro letras lido,
Que si tirares primeira,
Colocando-a no fimzinho,
Terás COPIA, sem cancela,
(Lendo de modo invertido).
Dapera (Do B. dos F. — Santos)

CHARADAS 118 A 121

Sempre passa o mendigo á minha porta;
Cheio de andrajes e, pendido, o busto,—2
Vae arrastando sua perna torta,
A passos lentos, caminhando a custo.

Ao sol causticante ou ao frio que corta,—1
A todos pede pelo amor de Deus,
E, quasi indifferente, não lhe importa
A resposta que dão aos rogos seus

Talvez cousa mais seria o preoccupa,
A lembrança, talvez, de alguém que amou
Seu pensamento inteiro ainda occupa.

Talvez recorde um bem de que foi dono,
Uma ventura que feliz gozou
Com a mulher que o deixou em abandono.
Altivo Trindade (Formiga)

Não diga, caro collega,—2
Desta, agua não beberel,—2
Pois quem entra na refrega
Charadística, por lei,
Nunca pode ter escusas
Sem o protesto das musas.
Gondemaga (T. E. — A. C. L. B. —
U. E. R.)

(Ao Lyrio do Valle)

Orn, deixa de rodeio,—2
Si quizer chegar ao norte...
Deixa de pranto; isso é fole,—1
Nem parece um homem forte.
Visconde de Admim (Bloco dos Fidalgos,
Santos).

(Ao Lyrio do Valle)

Soffro o triste mal da desdita,
E da velhice estou bem perto,
Mas se do meu sonho desperto,—1
Ao toque de flauta bendita,—3

Eu vejo a vida, uma illusão...
Chelo, porém, de tanto espinho
Por onde passo, é meu caminho
Que dá tristeza ao coração!—1

— Não desanimas, alma descrente,
Cre na porvir, no Deus elemento,
Almo poder, rico, insubmissa —

— Cre na firmeza deste amor!
Sê forte, luta com valor,
E nunca sejas um remisso!
Dairindo (A. B. C. — Bahia)

LOGOGRAPHOS 122 A 125

Aguilho que nos pertence—5-4-3-2-7
Disse um gládio na cidade—8-4-3-2-7

Havendo qualquer defeito—11-12-13-14
—15

Não pode ter igualdade—1-2-4
—15

Certo sujeito velhaco—10-9-12-13-7
Que jamais fez um favor
Zengue-se por qualquer coisa—15-10-
4-9

Por isso não tem valor.
Alvaal (A. B. C. — Bahia)

Este trabalho
Não tem ardis,—5-9-7-4
Vae para "O Malho"
Que é do Brasil
Melhor revista,
Mas, charadista,
Nêja, afinal,
Qual o animal—2-4-7-8-5
Que está na lista—4-1-10
Isto é cacheco—3-1-12-9
(Temos chalaça!).
Não tem maldade—7-3-6-5-9
Nem tem malícia
Pois, na verdade,
Tem só blandícia.
Jovanilo (A. C. L. B. — Nazareth)

Pedrogão Salமானazar,
Dizem mal ser uma peste,—7-2-6-5-3
Desejando trabalhar,
Ruma, então, para Trieste,—1-6-3-4-3

Depois foi p'ra Porto Rico,
E sempre arranjou diâmetro—5-6-2-9-7

Chegou a t'ê t'ê um rico
Occasico viveiro.—7-8-5-10-2

A bolsa não vive chela,
Mas contas paga, é real:—3-5-6-7-5
Saldar a dívida alheia
E' seu pensar usual.
Marechal (pela Capital)

FIGURADO 126



S



A



Jubanilo (S. Paulo)

P R A Z O S

Terminarão: a 28 de Abril proximo e a
2, 9, 11, 13, 15, e 22 de Maio seguintes.
O primeiro prazo refere-se aos decifreadores
desta Capital e localidades proximas as-
vidas por linhas ferreas ou via maritima;
o segundo, aos dos outros pontos mais afas-
tados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio,
e bem assim os do Paraná e Espirito San-
to; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catha-
rina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de
Sergipe, Alagoas e Pernambuco; o quinto,
aos da Parahyba até o Piahy e bem assim
aos do Matto Grosso; o sexto, aos dos res-
tantes Estados; e setimo, aos de Portugal,

tenha recebido para não pagar a multa por
falta absoluta de sellos! E' que o portador,
encarregado de a dafiar no correio esqui-
cou-se do melhor; de selar a corresponden-
cia.

Carlos Faraldo (da U. C. P. — Belém,
Pará) — Agora a ficha está completa e le-
galizada. Como já dissemos em exemplar
anterior, ella recebeu o numero 183.

Oliveiras (Pomba, Minas) — Ha, eviden-
temente, engano na sua reclamacao, por-
quanto (e Oliveiras torne a verificar) n' O
Malho, 1.431, de 15 de Fevereiro ultimo,
seu pseudonymo figura, entre os decifra-
dos do torneio Animacao, no n. 1.419, com
15 e não 14 pontos. Onde o confrade teve

o malho

o número foi no n. 1.422, e foi mesmo porque cometeu — Duque — para 114, e o não justificou até então.

ERRATA

Do n. 1.422:
O excerto total, do logogrypho 23, do Mr. Trinquete é: *Forma plana e arredondada. Observação: Esta corrigenda quasi que não era necessaria, pois, quem não comprehende que aquella planta era plana? Como foi publicado, a falta de sentido é evidente e o leitor terá visto nessa planta o motivo de toda confusão.*

Do n. 1.424:
Decifrações do n. 1.424: 47 — Albacora — e não — Albacova. Novissima, do Marechal: o sim deve ser gryphado. Logogrypho, 58, de Chantecler: — cerimonia — e não — cerimonia — (2º verso). De Janella: Moranguinho e não Anhangá (2ª columna, linhas 51). Errata do n. 1.425: 6º verso n. não 5º verso (linhas 12).

MARECHAL.

A SEMANA DO VADIO

(Ao caro amigo Oscar dos Santos)

Na SEGUNDA, não trabalho
porque me sinto cansado...

Na TERÇA, porque amanhã
muito rouco e constipado.

Na QUARTA, (praga maldita,
é tudo azar de momento!...)

Tenho que ser testemunha
De um processo em julgamento.

Na QUINTA, porque não tenho
camisa para vestir,

Na SEXTA, dia "pesado"
preciso á missa assistir.

SABBADO, chegado está,
Dia da farra e da vida,
fico em casa até mais tarde
e, depois, "faço" a Avenida.

No DOMINGO, lá não vou,
tenho medo de peccar,
além disto reconheço
que, preciso descansar...

J. A.



ATÉ NO OLYMPO

as deusas disputam a posse d'um pequeno frasco de
PILULAS DE REUTER, remedio sem rival para
todas as pessoas propensas a padecer de prisão de
ventre, dores de cabeça, dyspepsia, bilis, etc. Ellas
eliminam facilmente todas as impurezas do organis-
mo e fazem que tanto o figado como o estomago
funcionem com perfeita regularidade.

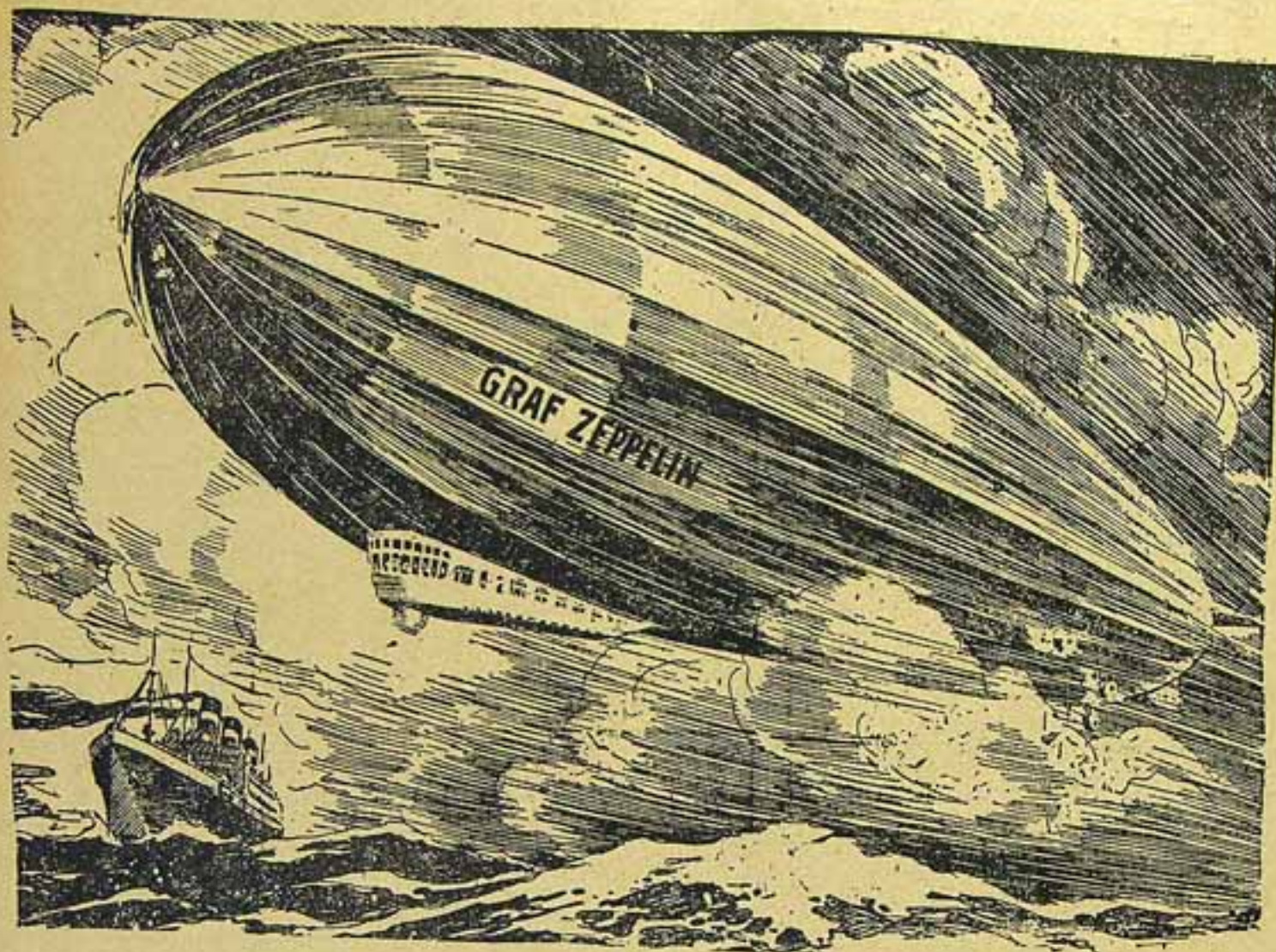
Unicos Depositarios: SOC. AN. LAMEIRO — Rio de Janeiro

O MEU JARDIM FLORIDO
DE AÇUCENAS...

O meu jardim florido de açucenas,
de cravos, de jasmims e de verbenas,
espreguiçou-se mólmente
êbrio de somno,
naquella noite escandalosamente
fria,
e se deitou no leito do abandono
e adormeceu á sombra
da melancolia.

Luiz de Oliveira

A NOSSA ÉPOCA NO QUADRO DO PROGRESSO HUMANO



E' um engano suppor que, na historia da Humanidade, a nossa época se assinalará como a da velocidade, porque as velocidades que hoje consideramos phantásticas — como os 572 kilometros por hora, de Orlebar, o avião inglês — parecerão um brinquedo de creança ante as que se alcançarão, por meio de comunicação de que não fazemos, sequer, uma remota idéa.

Tampouco, poderá ser chamada com a idade da electricidade ou das ondas hertzianas, porque é indubitavel que nós só assistimos aos primeiros e infantis ensaios de aproveitamento dessas poderosas forças.

Póde ser, entretanto, que se chame a nossa época — de idade do voo.

E isso porque, por muito incipientes que sejam os nossos aviões e dirigíveis, os progressos realizados, no decorrer do século, ainda que sejam prodigiosamente superados no porvir, ficarão sempre assinalados á consideração da humanidade futura, como factos dignos de marcar uma época na historia do homem.

Realmente, é admiravel a vertigem de progresso, alcançada pelo homem, na ultima centuria.

Não pretendemos dizer que estes ul-

timos cem annos tudo devem a si mesmo. Ainda mais — é uma injustiça attribuir á cultura presente a gloria total dos descobrimentos e obras de progresso que a caracterizam, posto que o mais prodigioso invento presente está intimamente vinculado ao primeiro esforço realizado pelo homem primitivo, nas selvas impenetraveis, da pre-historia. E' dessa maravilha da mecanica que se chama lampada radio-telephonica, ou essa outra que se chama motor de explosão, devem-se, tanto aos seus inventores, como aos milhares de remotos antepassados que se esforçaram para aperfeiçoar, passo a passo, os meios artificiaes creados pelo homem para superar á natureza, desde aquelle atrevido precursor de Hertz e Santos Dumont, que, nos arreboes do periodo quaternario, teve a feliz idéa de tomar de uma pedra e lançá-la no espaço — genese de todos os inventos humanos.

Não pretendemos dizer — repetimos — que a ultima centuria tudo deve a si mesma. Mas se analysamos, embora ligeiramente as realizações deste breve periodo de cem annos —

um segundo da historia da Humanidade — e o comparamos com os milhares de seculos que o precederam, temos de reconhecer que o avanço foi simplesmente maravilhoso.

Tomemos um só aspecto do progresso humano, o mais importante, aliás, o dos Transportes e Comunicações. Não faz muito mais de cem annos, que foi inventada a locomotiva a vapor, e ha, apenas, poucos mezes que se celebrou o centenario do primeiro barco a vapor.

Até esse momento, a Humanidade, com ligeiras variantes, serviu-se, para os seus transportes e comunicações, exclusivamente, dos mesmos meios milenários, que usaram os chaldeos, nos albores da nossa civilização, que empregaram os egypcios, ha 6 ou 7 mil annos, que utilizaram os phenicios para dominar o Mediterraneo, e os romanos, para estender os seus dominios pelo mundo daquella época: a Europa.

Toda a historia da Humanidade, isto é, toda a historia conhecida, de que nos dão claros vestigios os documentos e as tradições verbaes, e que remontam a uns seis ou sete mil annos, ou seja, a uns 60 ou 70 seculos, não realizou,

o Malho

nem sequer, uma fracção infinitesimal dos progressos do ultimo seculo.

Devemos a estes ultimos cem annos, e na ordem dos transportes e communicações: a locomotiva a vapor, a telegraphia, a telephonia, o motor de combustão interna, o automovel, a radio-telegraphia, a navegação aerea, o automovel electrico, a ferrovia electrica, e, por ultimo, a radio-televisão.

* * *

Comparemos o panorama do mundo, nos começos do seculo passado e vejamos o que pôde representar o progresso dessa época, quando o seu ramo mais importante — o dos transportes e communicações — não havia sahido ainda do remo e da vela no mar, e do cavallo e o carro em terra, exactamente, como se vê na Biblia, isto é, nos albores da historia conhecida da humanidade. Mas isso não é nada. Anteriormente a essa historia conhecida, está a pre-historia, verdadeira nebulosa do homem.

O typo mais antigo de homem, conhecido até hoje, é o chamado de Neandertal, nome do lugar onde foi encontrado um craneo desse remoto antepassado.

Os sabios paleontologos e physiologos conseguiram reconstituir este nosso velho avô. E' o homem anterior á mais antiga das idades, em que está classificada a historia da Humanidade, anterior á Idade da Pedra. E esses mesmos sabios, apoiados em diversos calculos — que não é do nosso thema estampar aqui — estimam que esse homem, verdadeiro Adão da sciencia, viveu ha 500.000 annos, ou seja: 5.000 seculos.

* * *

Um desses seres, que se pôde classificar muito bem dentro da theoria darwiniana, como verdadeiro degrão entre o animal e o homem, foi quem, em um relampago de genialidade que deve ter assumido caracteres sublimes, teve a idéa de tomar uma pedra e, mediante uma inflexão de braço, lançá-la á distancia. Foi a primeira demonstração da intelligencia, independente do instincto, e além de ser a primeira arma, foi, tambem, o primeiro segredo arrancado pelo homem á Natureza.

Cinco mil seculos, quinhentos mil annos, transcorreram desde esse primeiro impulso, e os progressos da Humanidade, apesar de maravilhosos, não alcançaram jámais o esplendor dos ultimos cem annos, no ultimo seculo, quando os homens decidiram pôr em pratica as leis da mecanica descobertas

por Newton, e conseguiram transformar essa pedra lançada ao espaço, no maravilhoso avião que vae de um continente a outro, num só impulso, ou na onda de Hertz, que, numa fracção de segundo, dá varias vezes a volta á terra.

Durante cinco mil seculos, o homem não ponde inventar nada mais importante do que dominar o cavallo e jungil-o a um carro, ou dominar o vento e fazer que elle impulsionasse as velas. E bastou somente um seculo — que dizemos! apenas um quarto de seculo — para que a fantasia de Icaro, o pro-

jecto de Leonardo da Vinci e o audacioso ensaio de Santos Dumont se convertessem nesse prodigio do "Graf Zeppelin", que em algumas horas — não mais de uma semana — fez um vôo em volta da Terra, traçando um maravilhoso circulo no ar, que assignala o começo effectivo de uma nova era para a Humanidade.

* * *

A evolução do homem e, sem duvida alguma, mais vertiginosa do que a da propria natureza. Segundo calculam os sabios, faz, de 1.000.000 a 1.500.000 annos, que começou o período quaternario — isto é — que o ser humano fez a primeira apparição sobre a face do planeta.

E enquanto a natureza necessitou 650 milhões de annos para crear as formas animaes e cerca de 700.000.000 para fazer surgir o primeiro homem, este, em luta com a natureza, em menos de cem annos — período insignificante — realiza todos esses prodigios de que falamos.

Será possivel imaginar o que será o nosso planeta, o que será a nossa Humanidade, dentro de 8.000 annos, isto é, o que serão os nossos descendentes como o somos em relação aos chaldeos, o vestigio mais remoto de civilização conhecido?

Não cremos que surja um Julio Verne capaz de predizel-o. Com tampouco cremos que haja, sequer, um Julio Verne capaz de dizer-nos o que será a Humanidade, não dentro de 1.000 annos, mas nos começos do proximo seculo, quando se celebrar o primeiro vôo de Santos Dumont ou o primeiro ensaio de comunicação radio-telegraphia de Lord Kelvin. Nem sequer dentro de cincoenta annos, quando se celebrar o centenario da invenção da lampada electrica, por Swan



O escrever sem a menor pressão

"ESCREVER sem Pressão" — o ultimo aperfeiçoamento de Geo. S. Parker — dá facilidade á calligraphia apenas conhecida daquelles que usam as Canetas Parker Duofold.

Peça as Canetas Parker Duofold em cinco attractivos côres ou nos modernos tons em Preto e Perola.

Duofold Grande R. 705000
Duofold Jr. R. 505000
Lady Duofold R. 505000

Unico Distribuidor no Brasil: A Cardoso Filho
R. Buenos Aires, 206,
Rio de Janeiro

Parker Duofold

Dr. Alexandrino Agra

Cirurgião Dentista

Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio

RUA S. JOSE, 84 — 3º andar

Telephone — 2-1838

Ilustração Brasileira — Orgão da alta cultura literaria e artistica do paiz, publicando em cada edição quatro reproduções de pinturas de autores nacionaes, nas côres da propria tela.

ESTOMAGO, FIGADO E INTESTINOS

patites e todas as molestias do aparelho gastro-intestinal curam-se com o ELIXIR EUPEPTICO do Professor Dr. Benicio de Abreu. — A' venda em todas as pharmacias e drogarias do Rio e dos Estados. — Agentes Geraes para todo o Brasil: ARAUJO FREITAS & CIA. — 88 Rua dos Ourives — Rio de Janeiro.

S A N G U E C R E O U L O

(de Alberto A. Leal)

(Conclusão do numero passado)

contral-a em sua choça, e sentir-lhe o aroma dos cabelos negros e luzidios, e mirar-lhe aquellos olhos cõr das aguas profundas onde as yaras habitam, camando, tentando, fazendo succumbir o homem mais forte...

Ja chover... E Pedro voltava apressado para o rancho, já meio desconfiado da sua alegria e da sua pressa. Felizmente, era o ultimo dia que passaria naquella inferno. As informações tomadas, o serviço acabado, voltaria para a fazenda na manhã seguinte. Maria — nome que tomara por occasião do seu baptismo, já na villa distante — a india, iria consigo até a primeira povoação em que pudesse deixal-a em segurança.

Ao pensamento do deixal-a, pareceu a Pedro que o coração diminuia um pouco aquella marcha alegre de ha pouco...

CHEGOU. O tempo afelava mais e mais. Do telhado aos fundos, a "cozinha", um cheiro bom se envolava. Maria preparava o jantar. Pedro tirou as botas, enfiou um velho par de chinelos, e foi conferir a sua bagagem. Pouca coisa — duas malas, alguns embrulhos. Amostras de madeiras, folhas de arvores, algumas lembranças do sertão.

Numa caixa ouvia-se um guizalhar surto, atafado pela espessura das paredes de madeira: algumas crotalos ali estavam encerradas, nervosas e irritadas na sua prisão. Esta carga perigosa, levava-a também o paulista, satisfazendo o pedido de um boticario da povoação mais proxima, que a queria cambiar por sôros preparados, com um viajante de Butantan.

A' idéa das serpentes, lembrou-se do boliviano, que se fixera agora tão affavel, a ponto de lhe pedir desculpas num tom em que a raiva vibrava, no fundo, mal disfarçada na indiferença.

Maria appareceu, dispôs o jantar. Pedro sentou-se á mesa. Maria, servido o seu bemfeitor, retirava-se calada e humilde para o seu canto. Pedro chamou-a: "Senteste aqui mesmo?", e indicou-lhe com o gesto um banco fronteiro ao seu. Era a primeira vez que lhe concedia esta honra, e a india agradeceu-lhe, com o olhar cheio de alegria.

Ella o olhava agora com aquellas olhos que pareciam ter tomado ás florestas patrias a cõr e o mysterio, o encanto perigoso do que attrahe pela profundidade e pelo desconhecido. O jantar terminára, e Pedro, estirado na rede, olhava as espiraes de fumo que brotavam do cigarro e insensivelmente pensava nella: — "Coitada, tão bonita e tão só!" E repeliu logo estas idéas, quando ellas foram mais longe, repetindo num murmuro esta affirmacão energica, mas que lhe sahia a pena: "não, eu não a amo!"

Levantou-se, foi á porta, para sair. Abriu. Uma luzada forte entrou, ralvoea, soprando a luzinha do candelero, emquanto o aguaceiro desabado batia-lhe á face. Pedro fechou de novo a porta, mal humorado; não percebera que a chuva ha muito cahia. Riacou um phosphoro. Maria estava parada, no mesmo lugar, a fital-o com o seu olhar enigmatico, agora, com uma leve nuvem, que parecia uma doce reprovacão ou um tímido desejo. A chammazinha illuminao do novo o aposento, triste e mortico. Sim, elle devia ficar. Era o desejo da moça, bem o via, e o seu dever o compellia a ficar, a não deixal-a só, naquella noite medonha. E Pedro ficou, meio zangado e meio contente, consigo e com o tempo.

A india sentára-se agora aos seus pés, a dizer-lhe baixinho, que elle fôra sempre tão bom, que ella duvidava ás vezes que elle fosse mesmo um "branco". Pedro sorriu, quasi sem querer. Um relampago inundou de luz o espaço em volta, esplando os dois pelas frestas da parede. O ribombar dos trovões tornava-se mais e mais continuo e brutal.

Subito, um assovio cortou o aposento, derrubando da parede uma poeira de barro quebrado. Pedro argueu-se, sentindo o perigo que os cercava. E procurou tranquilizar a companheira surprehendida: "E' o vento", explicou elle, Maria, porém, apontou-lhe a parede, que um novo silvo perfurara: "O vento não fura as casas, assim", negou ella, sem se atemorizar. Sim, agora era impossivel qualquer illusão: as balas choviam sobre o rancho e o vento, entrava por furos pequeninos e redondos que se iam cavando nos muros.

E' um assalto, pensou Pedro, que bem sabia o porque. Apagou, rapido, o lampião; empunhou o fuzil; improvisou uma trincheira com os móveis amontoados. Maria o ajudava, calma e admiravel. Pedro teve pena, e expôs-lhe, conciso, a situação: era Gomes que a queria levar; se quizesse ir, era livre, senão... viessem buscá-la. Maria encaminhou-se para a porta. A phosphorescencia larga de um relampago banhoulhe a face angustiada, agora voltada para Pedro. E elle comprehendeu então que nunca, mas nunca, consentiria deixal-a partir assim, para os braços de outro. Um clume louco, impetuoso, feroz, fez tremor cada cellula daquelle organismo masculino, como se um monstro o agitasse com furia nas suas mãos cabelludas e enormes, e lhe soprasse pelo cerebro e pelo coração o halito fervente das suas fauces, dilatadas num rictus fantastico e absurdo.

Era lava candente que lhe corria nos vasos, impulsionada por um vulcão pulsátil, e a massa nervosa toda se agitava, num retrocesso de milennios, a vibrar o atavismo fatal do sangue bandelrante, num cio de macho e de troglodyta, faunescos e divinos.

Num segundo, o trabalho lento da civilização se abateu, ante a ferocidade indomavel dos instintos ancestraes adormecidos, surgindo agora despertos pela mesma necessidade furiosa de lutar pela vida e pela fema, com unhas e dentes, contra as feras que o acesavam, no meio das flaretas medonhas, ao clarão dos fuzis, que rasgavam ribombando sinistramente, a fuligem da noite apavorante.

Sim, antes vê-la morta, ali aos seus pés. — Maratão o meu branco, se não fôr, citou a india, e o seu corpo se arqueou como um canhão fragil, ao amplexo fulminante, enlouquecido, do deavairado caboclo.

A virgem morena enlaçou-o também nos seus braços roliços e perfumados, com tanto ardor, que os seus dois pequeninos seios, nervosos de paixão, pareciam querer apunhalal através da fazenda leve do vertido, o peito forte daquelle que a sua alma reconhecia já por unico senhor. E os labios se samagaram, na doce brutalidade de um longo e apaixonado beijo.

Ao brilho dos coriscos, aquelle par, assim enlaçado, rodeado de perigos, era bem toda a epopêa maravilhosa da terra morena e virgem, acolhendo no carinho do seu corpo divino, a audacia e a bravura do bandelrante creoulo.

Um parlamentar dos assaltantes veio

chamal-os á realidade. Que entregasse a moça, se não quizessem morrer ambos.

Nunca? Pois então veriam... e a luta começou. Lá fôra, a morte; ali dentro, o amor. Maria valia por muitos homens, Pedro por muitos titans; combatiam com uma coragem em que havia muito da raiva com que as feras defendem os covis, e muito da febre dos que lutam por amor...

Desdobravam-se ambos, atirando de uma fresta de uma janella de uma setteira improvisada nas paredes pelos projectis dos outros. A munição escasseava, e só por milagre estavam illesos. O cerco dos outros vinha fechando; tres faziam cahidos mas havia ainda uns sete ou oito dispostos e encarnicados. As balas cruzavam o rancho em todos os sentidos, e as paredes já pareciam colmelaes por onde entravam, a todo o momento abelhas de luz brotadas das raas que zig-zagueavam loucos pelo espaço.

E os outros chegavam...

Agachados atrás da mesa derribada, sujeitos de poeira, suarentos, offegantes, os dois enamorados sorriam, quasi alheios áquele assobio continuo, que teimava em chamal-os para um descanso sem fim...

A situação attingia o seu ponto final, iniludivel. Pedro soergue-se, para espreitar, uma tala colheu-o do lado direito, junto á axilla. Elle se abaixou de novo, quieto, e só o rilhar dos dentes, que o desgraçado apertava para não gemer, chamou a attenção da sua amiga, apalpou-o, e sentiu que os seus dedos encontravam outros dedos, crispados, apertando um caudal de sangue quente, que jorrava das arterias perfuradas. Um vulto espreitou pela janella espatifada a tiros. Pedro elevou o braço valido, empunhando o revolver. Maria segurou-lhe a mão; os dois se fitaram, bem nos olhos, á luz de um fuzil, trocando o mesmo pensamento, que sentiam creptar para lá onta a visão não alcança mais. Era a ultima bala...

A india rasgou a frente do vestido, es-traçalhado já pela refrega:

— Mata-me, fazê parar este coração, que de nada mais me serve, agora que o teu parará, para sempre...

Ella lhe dava o coração, para a morte, já que o não podia dar mais para a vida. O rapaz pensou um instante, brilhantes os olhos de febre e de orgulho. "Como ella era sua!" Nunca homem algum tivera sobre uma mulher mais ampla e mais perfeita sensação de posse, embora não chegasse a possuil-a nunca! Como era bom morrer agora, depois de ter vivido um segundo assim por curto que fosse!

Sim, era um direito seu, mata-la, se não a poderia ter mais, e o favor maior que lhe faria, libertando-a das mãos monstruosas de Gomez. Levantou o braço, e sentiu na extremidade do cano a carne palpitante da moça, que se offerencia em holocausto ao seu amor. O calor da refrega desprendida do seu corpo vigoroso o aroma penetrante de essencias desconhecidas e voluptuosas e, neste supremo instante, a lembrança do beijo, trocado ha pouco, amorteceu a energia do homem, com o veneno letal que irradiam as paixões ferventes dos tropicos. Fraquejou; a arma cahiu-lhe das mãos, do-tonando. A cabeça foi descahindo, descahindo, no regaço macio que a acolheu. As balas de fôra, sem resposta já, calavam tambem. A propria tempestade paralisára o seu impeto, e o silencio em torno, lugubre, parecia esperar, ansiosamente suspenso sobre as cousas, o desfecho daquillo tudo.

O inimigo, invisível, devia estar chegando, rastelando na sombra. Subito, Pedro prestou attenção: um ruído, nítido, apavorante naquella negrura, feria-lhe os tympanos, aguçados pela superexcitação da espera e da febre. Era um galinhar insolito, uns silvos horríveis, umas pancadas surdas, na madeira. Pedro lembrou-se das cascaveis, enfurecidas pela algazarra. E Gomez devia estar chegando, cada vez mais, cauteloso como um tigre... Então Pedro tremou, de raiva impotente: elle tel-a-lá, e por culpa sua, que fallára no momento decisivo, como um poltrão. Não, não e não! Num arranco medonho, tentou arguer-se; os musculos, anemizados pela hemorragia formidável, não obedeceram á vontade. Maria aconchegou-o ao seio, com o impulso dolorido da mãe que acalenta o filho moribundo. Então elle pediu-lhe, num sopro: "Traz-me aquella caixa... aquella a das serpentes... aqui ao meu lado... A direita". Ella estendeu a mão, na direcção indicada; apalpou a madeira da caixa, e sentiu, através daquelle parede, o choque de corpos irritados que se debatiam lá dentro. A india era valente, mas, a este contacto, um arrepiro de horror desceu-lhe pela medula abaixo, como uma corrente electrica. E quando Pedro lhe disse, baixinho: "Maria, aqui dentro... a tua salvação... o nosso destino unico para sempre...", ella, louca de espanto, não comprehendeu, não pôde, não quiz comprehender! Já forçavam a porta... derrubavam-na.

— Não me amas, gemou Pedro, numa queixa enfraquecida.

Um archote brilhante, espatado na ponta de uma vara, que avançava, cautelosa, muito na frente de quem a conduzia, no recelo de um tiro de surpresa. Aquella lamina de sangue, que havia pelo chão, aquietou o recelo dos assaltantes, que descobriram logo o corpo de Pedro, atirado aitrás da mesa, a fitalos num desafio supremo.

Gomez então surgiu. Um olhar tranqüillizou-o: a india ainda vivia. Avançou para o moribundo, que o encarou com desprezo, sem desviar os olhos. Viu-o um homem irme, incapaz de levantar um braço — um cadaver onde só os olhos brilhavam. Então, cuspiu-lhe no rosto, com um montão de pragas, em voz bem alta. E veio rolar pelo chão, a ponta-pés.

O rancho regorgitava: surgiam bandidos, vestidos de trapos encharcados, um lodo negro a empastar-lhe os cabelos e as barbas, imundos e ferozes, os pés patinando com delicia no sangue do caboclo derribado, a rirem estupidamente da brutalidade do chefe. Este sentara-se numa bofada da mesa, que erguera do chão, lista de lama sangrenta, e, enquanto bebia a aguardente do cau-

til, despejava sobre o vencido os mais torpes insultos.

A chamma da vida, já quasi extincta naquelles olhos, parecera agora reacender-se. — Pedro fitava, com ansia, com alegria louca, vivendo terrivelmente com toda a acuidade do unico sentido que parecera não o ter abandonado ainda, alguma coisa que se passava para além de Gomez, do lado em que ficara a india.

Maria assistia aquella scena toda, abstracta como num sonho. Depois avançara lentamente, e parara a olhar o chão. Os seus olhos procuraram os de Pedro, e foi então que este viu que ella, enfim, "comprehendera". A vida voltára-lhe, dominando o carus que o invadia já, num supremo milagre de alegria e esperança. E viu tudo; um vulto que se abaixava, silencioso e subtil; um calçõesinho negro, no chão... E uma mão que se esgueirava n'elle, pela abertura da tampa deslocada com cuidado...

Nem um musculo se contrahiu, na face da jovem india — aquelle sorriso doce e triste, com que o fitava desde o começo, não se alterou; apenas um leve abaixar de cabeça, como uma affirmacão a pergunta muda do seu amado, ou a acquiescencia calma e reflectida a um sacrificio feito por amor.

A chammazinha que brilhava nos olhos do ferido, aticou-se mais, e Gomez, comprehendendo ser o fim, ajoelhou-se sobre elle, querendo lêr-lhe na alma toda a dor da agonia. Mas, recuou com uma praga... Aquelle "cão" morria com um olhar de ventura infinita, de victoria suprema e de orgulho... um orgulho masculino, apaixonado, incommensuravelmente feliz, — um orgulho de quem se sente muito, infinitamente ama-

do... E, voltando-se, viu que a virgem de bronze, a press cobizada, jazia no chão, um filete de sangue no canto da bocca, o olhar vitreo de quem morre, os membros inchados, escuros, congestos, enquanto duas fitas escamosas e reluzentes lhe subiam pelo braco, preso numa caixa de madeira semi-aberta, mostrando as linguas bifidas sobre o fundo da canella da carne morta.

Num rugido de dor, comprehendeu o triumpho do vencido, e viu que, acima de que força, havia um direito e uma força maior — esta coisa... ardente como a brasa, enthusiasia avassalladora empolgante e bravia, que é o sangue creoullo, quando entra do amor, sob o fogo dos tropicos.

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA — Orgão da

alta cultura literaria e artistica do paiz, publicando em cada edição quatro reproduções de pinturas de autores nacionaes, nas cores da propria tela.

SE A SUA DIGESTÃO

NÃO SE FAZ FACILMENTE

o seu mal-estar pôde ser devido a um excesso de acidez do succo gastrico. A acidez provoca a fermentação dos alimentos não digeridos e esta fermentação causa por sua vez azias, ardenças, pesadumes, flatulencias e as digestões difficeis. Estes incommodos, no seu principio, devem ser supprimidos desde que se façam sentir, pois que por falta de precauções podem degenerar em affecções estomacaeas excessivamente graves. Não hesite, pois, se V. S. sente incommodos depois das refeições, tome Magnesia Bisurada. Este anti-acido tão bem conhecido, neutraliza o excesso de acidez, evita a fermentação e os incommodos que ella provoca e facilita as funções do estomago. A Magnesia Bisurada, que é inoffensiva e facil de tomar, acha-se á venda em todas as pharmacias.

Novidade

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTOES
PARA FUTURAS MAES

(Premio Mme. Durocher, da
Academia Nacional de Medicina)

— Do Prof. —

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10\$000

LIVRARIA PIMENTA DE
MELLO & C.

RUA SACHET, 34 — Rio.

AGUA do REGIMEN dos ARTHRITICOS

Gottosos — Rheumaticos — Diabeticos

As refeições

VICHY CÉLESTINS

Elimina o ACIDO URICO



*Crescendo
a
olhos
vistos*

O SEU rapaz, esturdo e brincalhão, agradecerá mais tarde ter sido alimentado diariamente com Quaker Oats.

A sua saúde fica assim estabelecida numa base firme, porque lhe foi dado o alimento que forma osso e musculo, promove o crescimento e cria uma forte e resistente constituição.

Quaker Oats é um alimento delicioso e saudável para todos. Deve ser servido todos os dias — especialmente na primeira refeição.



**Quaker
Oats**

A Todas as Senhoras sem distincção de idade Tomar às Refeições o **ELIXIR DAS DAMAS**

(Formula do Dr. Rodrigues dos Santos)

*Que allia ao seu sabor agradável, propriedades
notáveis no combate a:*

TODAS AS MOLESTIAS DO UTERO E DOS OVARIOS,
COLICAS E HEMORRAGIAS DURANTE A
MENSTRUACÃO, REGRAS EXCESSIVAS OU
INSUFFICIENTES, CORRIMENTOS, CATARROS
UTERINOS, FLORES BRANCAS, ETC.

o ELIXIR DAS DAMAS

*verdadeiro especifico de todas
as molestias de senhoras.*

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

DISTRIBUIDORES

MARTINS LIBERATO & COMP.

CAIXA POSTAL 2147

RIO DE JANEIRO

DR. ARNALDO DE MORAES

Docente da Faculdade de Medicina, da Maternidade do
Hospital da Misericórdia e da Policlínica do Rio de Janeiro

CIRURGIA ABDOMINAL, GYNECOLOGIA E PARTOS

Consultorio: R. Assembleia, 87 (2 às 6 horas). Tel. Central
2404. Residência: R. Barão de Icarahy, 23 Botafogo. Tel.
H. Mar 1816.

“LEITURA PARA TODOS”

Um magazine mensal que publica um pouco de tudo
e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido
dos viajantes

PHAGURYL

MEDICAÇÃO PHAGOGENICA

VIAS GENITO-URINARIAS

Podrosa e Inoffensiva

Antimicrobiana Descongestiva e Sedativa

ESPECIFICO INTERNO

CURA ANTI-BLENORRAGICA

nos estados agudos e chronicos e em todas as complicações

*A venda em as Principaes Pharmacias
Literatura, a um simples pedido*

Laboratorios A. BAILLY
13, 17 Rue de Rome, PARIS (8^e)

Pedidos de amostras aos Srs. ALVARO BUSTAMANTE & CIA.
Rio de Janeiro, — Caixa Postal, 476. — São Paulo, — Caixa
Postal, 3273.

A flatulência cede promptamente a

"Sal de Fructa" ENO é uma bebida
refrescante e um laxante benigno bem
que muito effectivo, de bem merecida
fama universal.

Agentes exclusivos:
HAROLD F. RITCHIE & CO., INC.
Nova York Toronto Sydney

"SAL DE FRUCTA"

ENO

"FRUIT SALT"

MARCA

REGISTRADA

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone 4-4424

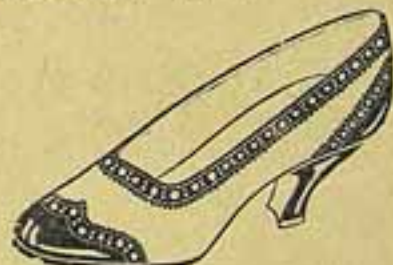


42S — Finíssimos e chics em linda
bexerro estampado, cobra, com
guarnições de naco beije ou pelica mar-
ron, Luis XV, cubano alto.

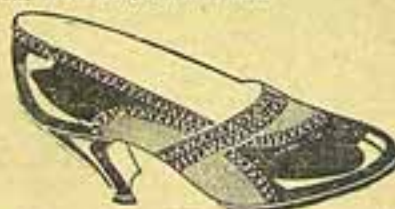


Alpercatas de vaqueta avermelhada,
toda debruada, tipo "Prado".

De 17 a 26	61910
27 a 32	71990
33 a 40	91990



35S — Finíssimos sapatos em linda
pelica branca, com guarnições de
bexerro cor de vinho, tipo Sport, ultima
criação da moda, salto Luis XV, cubano
médio.



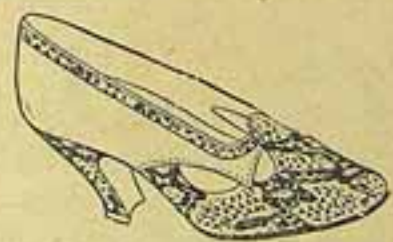
38S — Moderníssimos sapatos em fina
pelica envernizada preta, com
guarnições de bexerro magla ou oboia
estampado, Luis XV cubano alto.



ALTA NOVIDADE

Lindas alpercatas de chifão florido,
em diversas cores, toda forrada de
couro.

De ns. 17 a 26	81990
De ns. 27 a 32	91990
De ns. 33 a 40	101990



40S — Finíssimos e chics sapatos em
linda bexerro-cobra estampado
com linda combinação de naco beije,
Luis XV, cubano alto.

40S o mesmo feito em naco Bola de
Rosa, com guarnições de naco de cor
telha, Luis XV, cubano alto.

PELO CORREIO: SAPATOS, 21560; ALPERCATAS, 11560 EM PAR. — REMETTEM-SE CATALOGOS GRATIS

pedidos a JULIO DE SOUZA — Avenida Passos, 120 — RIO

CAIXA DO MALHO



"PARA C. C."

CELESTINO PAVÃO (?) — Vão ser examinados os trabalhos que mandou e após o serviço prophylático que d'z merecerem os mesmos serão publicados.

MAGDA ROCHA (Rio) — Não creia que me aborreço. Pôde mandar os trabalhos que lerei com prazer e publicarei os que estiverem no caso.

TUPAN (Minas Geraes) — Nada tem que agradecer. Quando o trabalho é aproveitável, tendo um pequeno deslize corrige-se isso e publica-se.

O soneto intitulado: "Destinos" foi aceite.

ROVANA (Curitiba) — Entreguei ao redactor do *Para Todos* o trabalho que mandou para elle por intermedio do amigo M. Maia.

PIRES JUNIOR (Bello Horizonte) — Seu trabalho apesar de estar filiando no genero: "agua morna sem assucar" será publicado quando menos o esperar. Seria bom escrever abaixo do mesmo uma nota em que pedisse para ser executada no piano a celebre "Dalila" por uma menina chloretica, enquanto o leitor vai saboreando os versos.

CLIDIO (Avaré) — Nada tem que agradecer. O "Conselho" será publicado.

PIMENTA DA VEIGA (Bello Horizonte) — A "Infantilidade" está por demais infantil. Nem mesmo n' *O TICO-TICO* teria graça si fosse publicado. A outra quadrinha, então, só transcripta aqui para o leitor paciente ver como é tola:

QUEM FUMA?

Fumar é perder tudo: saúde, tempo e dinheiro.

TABAGIL

(Puramente vegetal)

Cura o vicio de fumar em 3 dias! Cada tubo 10\$ e pelo correio 12\$. A' venda nas Drogarias e no depositario: EDUARDO SUCENA.

RUA S. JOSE, 23

MEDICINA POPULAR BRASILEIRA
Brasil — Rio de Janeiro

As leis humanas quem o corpo mata
Duras, condemnam sem piedade e cal-

E que farão de ti, mulher ingrata,
Se as taes souberem que mataste a

A dona C. C. deve ficar muito
aborrecida quando ler isto. Nós tam-
beu o ficamos. Você, como Pimenta
que é, devia ser... mais ardente e não
tão chôcho na poesia.

DAVID AGUIAR (Diamantina)
— O "amor da lua" logo pelo titulo
é cacophonico e o corpo da poesia é
no mesmo estylo 1830 do poeta Pires
Junior. O soneto "Avante!" como
idéa está muito bom, porém como poe-
sia é um desastre. Aquillo publicado
antes das eleições seria a melhor propa-
ganda... contra o candidato nacio-
nal, e publicado agora, atrapalha a
apuração e até o reconhecimento e
posse do "homem" tão confusos são
os versos. Foi infeliz, mestre David,
mas suas duas tentativas poetico-polí-
ticas...

CICAROH (S. Paulo) — Apesar
do funebre assumpto sua "especie de
soneto" provoca o riso, em vez do
pranto pelas tolices que encerra. Ve-
ja o leitor si não temos razão:

O DERRADEIRO AFFAGO

— Filho, não partas tão depressa,
[ainda é cedo.
Fica aqui, neste rustico e doce lar.
Lá serás posto aos pez do immaculado
[altar...
Fica, porque de te perder eu tenho
[medo."

— Papae, não *ouvir* um tanger de
[cordas a fallar
Convidando-me a ser eternamente ledo,
Nessa immensa matta branca, nesse
[arvoredo...
Não sentes nima aroma desse grande
[mar?

Leiam *Leitura para*
todos, o mais completo
magazine mensal.

E a flôr do lar sorria, num sorriso ar-
[dente,
De mansinho fechou a palpebra fre-
[mente
E um derradeiro affago abraçou seu
[pae.

A alma foi, ficando o corpo ainda
[quente.
Chora quem aqui fica. Ri-se quem se
[vae...
E o pobre aucião chorou em dolorido
[ai..."

Não pense o poeta Oicaro! que lhe
fazemos "guerra" aqui. Aquella his-
toria de "ouvir tanger de cordas a
fallar" e o defunto ser convidado a
ficar "eternamente ledo", são de fa-
zer resuscitar um morto. Depois o ra-
paz morreu com um olho só, deixando
o outro aberto, sem fechar a respecti-
va palpebra. Não. Assim também é
de mais. "Vamos ser malucoide?" co-
mo diz o povo; porém, não tanto, não
é mesmo?

X. P. T. O. (Santos) — O tra-
balho será publicado.

Tome, porém, cuidado com o verná-
culo em cujo estudo foi distincto (!)
Não mais escreva "deteu-se" por "de-
teve-se", que é um erro grave.

PALERMINO (Rio) — Pelo que
escreveu se vê que não é diminutivo e
sim augmentativo de palerma: é pa-
lermão ou palermissimo.

Outra vida, meu caro.

CABUHY PTLANGA JR.

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E PODO-
PHILINA)

Empregadas com successo nas moles-
tias do estomago, figado ou intesti-
nos. Essas pilulas, além de tónicas, são
indicadas nas dyspepsias, dores de cabe-
ça, molestias do figado e prisão de ven-
tre. São um poderoso digestivo e re-
gularizador das funcções gastro-intes-
tinaes.

A' venda em todas as pharmacias.

Depositarios:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA
Rua Acre, 38. — Vidro 2\$500, pelo
correio, 3\$000.

FLOREINA

CREMA DE FORMOSURA

FICA A EPIDERMIS SUAVE, FRESCA, PERFUMADA
A. GIRARD, 48, Rue d'Alsia, PARIS (FRANCE)
Deposifario: FERREIRA, 165, Rua dos Andradas, RIO DE JANEIRO

FERRO DO D^R GIRARD

8, rue Vivienne, 8
PARIS

O FERRO GIRARD
cura as cores pallidas as
caimbras do estomago, a
pobreza do sangue, for-
tifica os temperamentos
fracos, excita o appetite,
regularisa a menstruação
e combate a esterilidade.



Em todas
as Pharmacias.

O que distingue so-
bretudo este novo sal de
ferro, é que não só, não
produz prisão de ventre,
como a combate effica-
zmente. (*Relação do Pro-
fessor Herard á Academia
de Medicina de Paris*).

APIOLINA CHAPOTEAUT



Regulariza a menstruação, acaba
com os ataques suprimidos, en-
sina como combater as dores
e dores que costumam
renovar-se com as
epistas da menstru-
ação.

Paris, 8, rue Vivienne
e em todas as Pharmacias

SAÚDE DAS SENHORAS

Inoffensivo, de absoluta pureza,
cura dentro de
48 HORAS
corrimentos que
exigiam outr'ora
semanas de tra-
tamento com
copahiba, cube-
bes, opiatas e injeções.

SANTAL MIDY

Paris, 8, rue Vivienne, e em todas as Pharmacias

PURGANTE

Remedio infallivel contra
a prisão de ventre

FRUTA JULIEN

Recommenda-se igualmente con-
tra as **DOENÇAS DO ESTOMAGO**,
do **FIGADO**, a **ICTERICIA**, a **BILIS**,
a **PITUITA**, os **ENJÓOS** e **ARROTOS**
Paris, 8, rue Vivienne
em todas as pharmacias.

VEGETAL

REFRESCANTE **RELAXANTE**

CAPSULAS DE QUININA PELLETIER

As Capsulas
de Quinina Pelletier
são soberanas contra
as febres, Emxaquecas,
Neuralgias, Influenza,
Constipações e Grippe.

EXIGIR O NOME

PELLETIER

Todas as Pharmacias

Licença n. 511 de 26-3-906

DE TAQUAREMBO' . . .

Uma tosse rebelde

Pessoa altamente collocada expontaneamente nos es-
creve:

"Attesto que tenho feito uso do xaropé Peitoral de An-
gico Pelotense, colhendo sempre os melhores resultados que
se possam obter com um excellente preparado. Em tosse re-
belde ainda não conheci preparado algum que se lhe possa
avantar. Por ser verdade, passo a presente declaração a
bem dos que soffrem.

Taquarembó, municipio de D. Pedrito, 7 de Maio de
1907.

João Carlos Antonio Scuro

Confirmo este attestado. Dr. E. L. Ferreira de Araujo.
(Firma reconhecida).

Este poderoso calmante e expectorante, de acção tão
prompta e energica nas tosse, resfriados, coqueluches, in-
fluenzas, bronchites, etc., acha-se á venda em todas as
pharmacias e drogarias. Ter o cuidado de pedir sempre o
verdadeiro "PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE".

O PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE vende-se em
todas as pharmacias e drogarias de todos os Estados do
Brasil. Depósito geral: DROGARIA EDUARDO C. SI-
QUEIRA — PELOTAS.

ASSADURAS SOB 4 SEIOS, nas dobras de gordura
na pelle do ventre, rachas entre os dedos dos pés, eczema
infantis, etc., saiam em tres tempos com o uso do **PO
PELOTENSE**. (Lde. n. 16 de 16/2/918). Caixa 25000, na
Drogaria PACHECO, 43-45, Rua Andradas — RIO. E
bom e barato. Leia a bulia. Fórmula do medico.

MELHORES RESULTADOS



Dr. H. Leismits

Attesto que tenho usado o "ELIXIR DE NO-
GUEIRA", do Pharmaceutico-Chimico João da Silva
Silveira, em grande escala, obtendo sempre os me-
lhores resultados.

Rio G. do Sul — Montenegro, 29/12/1927.

Dr. H. Leismits

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL, 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 161, enc.	20\$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Lottio da Cunha, Cathedratice de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 351, enc.	40\$000
TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Filho, Cathedratice de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol. broch. 251 cada tomo; enc., cada tomo	30\$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 20\$000, enc. 351; 2º vol. broch. 251, enc.	30\$000
CURSO DE SIDERURGIA pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 201, enc.	25\$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Código Civil), broch. 25\$000, enc.	30\$000
IDEAS FUNDAMENTALES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 161\$000, enc.	20\$000
TRATADO DE QUIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch.	25\$000
MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 201, enc.	25\$000
TRATADO-COMMENTARIO DO CODIGO CIVIL BRASILEIRO, SUCCESSÃO TESTAMENTARIA, pelo Dr. Pontes de Miranda, broch. 25\$000; enc.	30\$000

LITERATURA:

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) broch.	5\$000
ANEL DAS MARAVILHAS, contos para crianças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira), broch.	2\$000
COCAINA, novella de Alvaro Moreyra, broch.	4\$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort, broch.	1\$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva, broch.	5\$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, broch.	5\$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos, de Alceides Maya, broch.	5\$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu, broch.	3\$000
CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva, broch.	2\$500
QUIMICA GERAL, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J., 2ª edição, cart.	5\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.), broch.	18\$000
LICÕES CIVICAS, de Heitor Pereira, 3ª edição, cart.	5\$000
COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.), broch.	4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Arelmor, broch.	5\$000
TODA A AMERICA, versos de Ronald de Carvalho, broch.	8\$000
QUESTÕES PRATICAS DE ARITHMETICA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, broch.	10\$000
FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição, enc.	20\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, para o curso primario, pelo prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.), cart.	10\$000
THEATRO DO "O TICO-TICO" — canções, farsas, monologos, duettos, etc., para crianças, por Eustorgio Wanderley	4\$000

O ORÇAMENTO — por Agenor de Roure, broch.	18\$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, broch.	18\$000
DESDOBRAMENTO — Chronicas de Maria Eugénia Celso, broch.	5\$000
CIRCO, de Alvaro Moreyra, broch.	6\$000
CANTO DA MINHA TERRA, 2ª edição, O. Marianno	10\$000
ALMAS QUE SOFFREM, E. Bastos, broch.	6\$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, A. Moreyra, broch.	5\$000
CARTILHA, prof. Clodomiro Vasconcellos	1\$500
PROBLEMAS DE DIREITO PENAL, Evaristo de Moraes, broch. 161, enc.	20\$000
PROBLEMAS E FORMULARIO DE GEOMETRIA, prof. Cecil Thiré & Mello e Souza	6\$000
ADÃO, EVA, de Alvaro Moreyra, broch.	5\$000
GRAMMATICA LATINA, Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição	16\$000
PRIMEIRAS NOÇÕES DE LATIM, de Padre Augusto Magne S. J., cart. no prelo	
HISTORIA DA PHILOSOPHIA, de Padre Leonel da Franca S. J., 1ª edição, enc.	12\$000
CURSO DE LINGUA GREGA, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J., cart.	10\$000
GRAMMATICA DA LINGUA HESPAÑOLA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, broch.	7\$000
VOCABULARIO MILITAR, Candido Borges Castello Branco (Cel.), cart.	2\$000
QUIMICA ELEMENTAR, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, vol. 1º, cart.	4\$000
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º, broch.	2\$500
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 3º, broch.	2\$500
LABORATORIO DE QUIMICA, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira — 3 caixas, cada	90\$000
CAIXAS COM APARELHOS PARA O ENSINO DE GEOMETRIA, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caixa 1 e caixa 2, cada	28\$000
PRIMEIROS PASSOS NA ALGEBRA, pelo Professor Othello de Souza Reis, cart.	3\$000
GEOMETRIA, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva, cart.	5\$000
ACCIDENTES NO TRABALHO, pelo Dr. Andrade Bezerra, brochura	1\$500
ESPERANÇA — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), broch.	4\$000
PROPEDEUTICA OBSTRETICA, por Arnaldo de Moraes (Dr.), 2ª edição, broch. 251, enc.	20\$000
EXERCICIOS DE ALGEBRA, pelo Prof. Cecil Thiré, broch.	6\$000
PRIMEIRA SELECTA DE PROSA E POESIA LATINA, pelo Padre Augusto Magne S. J., broch.	12\$000
EVOLUÇÃO DA ESCRITA MERCANTIL, de João de Miranda Valverde, preço	15\$000
SÁ MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes	10\$000
ALBUM INFANTIL — collectanea de monologos, poesias, lições de historia do Brasil em versos e de moral e civismo illustradas com photographuras de crianças, original de Augusto Wanderley Filho, 1 vol. de 124 paginas, cart.	6\$000
BIBLIA DA SAUDE, enc.	16\$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch.	6\$000
ENGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch.	5\$000
A FADA HYGIA, enc.	4\$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc.	5\$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc.	14\$000

GRINDÉLIA
DE
OLIVEIRA JUNIOR



**NÃO
FALHA NUNCA
NA**



TOSS E ROUQUIDÃO